



Foto: Cantor, Forrozeiro/Divulgação

## Entrevista

**Pisadinha** Flávio José: "Qualquer coisa que não presta já leva o nome de 'forró não-sei-o-quê'". [Página 4](#)

## Paraíba

### Ciência ganha trunfo contra onda negacionista no Brasil

Criado pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, observatório irá denunciar atentados à liberdade de expressão e contra o pensamento científico. [Página 5](#)

Foto: Marcus Antonius



## Políticas

**Reitor da UFPB** Em entrevista exclusiva, Valdiney Gouveia rebate as críticas: "A esquerda criou feudos". [Página 13](#)

## Economia

### Empresas têm buscado aplicativo próprio para entrega em domicílio

Serviços de "delivery" estão cada vez mais corriqueiros e empresários têm buscado sua própria ferramenta para fugir das altas comissões cobradas por plataformas famosas. [Página 18](#)

## Colunas

// A marcha se iniciava com a participação de intelectuais, religiosos, artistas, operários, políticos da oposição e mães de família que, de mãos dadas, caminhavam pela Avenida Rio Branco. // [Página 2](#)

**Rui Leitão**

// A porta aberta para o nascente dizia mais que o silêncio do rio. O alvenel que fez aquela casa conhecia o clima. Sabia segredos do vento, das nuvens, das estrelas. // [Página 2](#)

**Sintônio Pinto**



Foto: Reprodução

# Orgulho LGBTQT: PB avança no combate ao preconceito

Sob o comando da Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana, Governo desenvolve políticas públicas para acolher e garantir direitos fundamentais. [Página 6](#)

Foto: Divulgação



## Sustentabilidade, saúde e sabor

Famílias originárias do compartimento da Borborema se reúnem em cooperativa para criar o Floção da Paixão, a partir das sementes crioulas, livre de transgenia e agrotóxicos. [Página 20](#)



**Correio das Artes** Edição faz um retrato dos muitos talentos do jornalista, poeta e cineasta Jurandy Moura a partir de depoimentos inéditos.

## Memória do mártir da Revolução de 1817 resiste na Paraíba

Peregrino de Carvalho integrou a "Revolução Pernambucana" e deixou marcas em casa e rua de JP, assim como no Palácio da Redenção. [Página 25](#)



**O MELHOR TIPO DE SANGUE É O SEU!**  
Campanha de incentivo à doação de sangue

DOE SANGUE, DOE VIDA!  
DOE SANGUE, DOE VIDA!



**77**  
Conversa com o GOVERNADOR

NA RÁDIO TABAJARA  
FM 106,5

TODA SEGUNDA-FEIRA  
AO VIVO, ÀS 13H

 facebook.com/GovernoParaiba  
 youtube.com/letparaba



## Rumo a Tóquio

Paratleta Cícero Valdiran está confiante no ouro na modalidade lançamento de dardo, da qual é recordista mundial. [Página 21](#)



Foto: Ale Cabral/CPB

## Editorial

## Desafio do bem

O negacionismo tem sido um dos principais fatores para que a vacinação contra a Covid-19 no Brasil venha se processando de forma lenta, em comparação com outros países. Para se ter uma ideia de como esse tipo de atitude é prejudicial à saúde, na África do Sul, entre 1999 e 2008, o presidente Thabo Mbeki negou a gravidade do surto da Aids e, hoje, o país detém quase 20% dos infectados do planeta - 7,7 milhões de pessoas. No Brasil, o presidente e seus seguidores costumam negar a eficácia e a importância da vacina contra a covid, atrasando a imunização da população.

O correto, na verdade, é o estímulo à vacinação, de todas as formas possíveis. É isso que o Governo do Estado vem fazendo, ao lançar um programa de incentivo que destinará a importância de R\$ 3 mil para cada equipe de vacinação dos 20 municípios que apresentarem o melhor desempenho na campanha de imunização com base no indicador definido para a avaliação: o registro de doses aplicadas D2 no sistema de informação do Programa Nacional de Imunização (PNI) do SUS.

A Paraíba tem sido um dos estados com maior avanço no processo de imunização da população contra a covid. Isso, graças à agilidade do governo que, em parceria com os municípios, tem priorizado a vacinação, aliada a investimentos no setor de saúde, com a ampliação de leitos e UTIs. Mas, para o governador João Azevêdo, o cenário ainda é preocupante, já que o Estado tem 95% dos municípios em bandeira laranja e 5% em bandeira vermelha, o que revela que o contágio continua alto.

O governador vem chamando de “desafio do bem” o programa de incentivo à vacinação e revela que ele acontecerá durante os próximos cinco meses. O objetivo é garantir que as equipes se empenhem ainda mais em buscar aqueles que ainda não se vacinaram e compõem os grupos que podem receber o imunizante, assim como também àqueles que perderam o prazo para tomar a segunda dose da vacina.

O programa lançado pelo governo objetiva premiar os enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem, além dos agentes comunitários de saúde que atuam diretamente na campanha de vacinação nas Unidades Básicas de Saúde.

“Nós queremos, a cada final do mês, selecionar os 20 municípios que mais vacinaram e todas as equipes de saúde que cuidam da vacinação nesses municípios serão contempladas com o prêmio de três mil reais”, garante o governador João Azevêdo. É mais uma ação do Estado para estimular a vacinação e fazer com que o negacionismo, em relação ao combate à covid-19, não vingue na Paraíba.

## Artigo

Rui Leitão

ruileitao@hotmail.com | Colaborador

## A passeata dos cem mil

A repercussão negativa da “sexta feira sangrenta” fez com que a população brasileira, por suas lideranças nos mais diversos segmentos, clamasse a uma só voz por diálogo, paz, liberdade de expressão, democracia. Havia um sentimento de indignação e revolta. Dez governadores decidiram ir ao presidente Costa e Silva, convencê-lo de que as manifestações estudantis não poderiam ser tratadas com repressão policial. Falando em nome dos governantes presentes à reunião, João Agripino, governador da Paraíba, solicitou ao presidente uma reformulação no tratamento que vinha sendo dispensado à juventude. Novamente, a Paraíba marcando presença na história política do Brasil.

Pressionado pela opinião pública, o comando militar decidiu permitir a manifestação estudantil programada para o dia vinte e seis de junho de 1968 no Rio de Janeiro. Todavia, o general Luis França colocou um contingente de dez mil policiais de prontidão prestes a entrar em ação, se necessário fosse. O governador da Guanabara, Negrão e Lima, decretou ponto facultativo com o objetivo

de esvaziar o ato público. Aviões da FAB – Força Aérea Brasileira – afrontosamente davam voos rasantes sobre o centro do Rio de Janeiro. Nas primeiras horas da manhã, uma multidão já se aglomerava na Cinelândia.

Ao meio-dia, já se estimava em cinquenta mil pessoas o número de manifestantes presentes à concentração. A massa humana alcançava em torno de cem mil participantes quando teve início a passeata. Vladimir Palmeira, presidente da UNE – União Nacional dos Estudantes, no seu discurso inicial, advertiu os participantes de que não deveriam aceitar possíveis provocações de policiais infiltrados no evento. Na Candelária, num dos seus pronunciamentos, durante a passeata, afirmou: ‘Pessoal, a gente é a favor da violência quando ela é aplicada para

fins maiores. No momento, ninguém deve usar a força contra a polícia, pois a violência é própria das autoridades, que tentam por todos os meios calar a voz do povo. Somos a favor da violência quando, através de um processo longo, chegar a hora de pegar nas armas. Ai, nem a polícia, nem qualquer outra força repressiva da ditadura, poderá deter o avanço do povo. Este lugar tem um significado muito grande para nós. Foi na Candelária que foi rezada a missa do estudante morto no Calabouço. Foi aqui que nós fomos massacrados pela cavalaria da Polícia Militar. Hoje, damos uma demonstração de força e de fraqueza ao mesmo tempo. Temos força para retornar à praça, mas ainda não podemos tomar o poder que eles usurparam. Não quero quebra-quebra, nada de agitação. Eles querem baderna. Nós queremos outra coisa muito diferente”.

Nada intimidava os manifestantes, nem diminuía o seu entusiasmo. A marcha se iniciava com a participação de intelectuais, religiosos, artistas, operários, políticos da oposição e mães de família que, de mãos dadas, caminhavam pela Avenida Rio Branco. O desfile da massa humana era recebido com aplausos da população ao longo do seu percurso. Chuva de papel picado caía das janelas dos prédios. Aos gritos de “abaixo a ditadura” seguiram pelas avenidas Buenos Aires, Regente Feijó, Campo de Santana, contornaram a Praça da República e o Hospital Sousa Aguiar, parando em frente ao Superior Tribunal Militar, onde foi encerrada a manifestação, sem nenhum conflito com a polícia. No encerramento, Vladimir Palmeira voltou a falar: ‘Paramos aqui para dizer a este Tribunal que deve deixar de ser militar e ser mais a favor do povo, pois é aqui que nossos colegas são julgados. Estamos reunidos para levar um habeas-corpus de todo o povo para libertar nossos presos.’

...João Agripino, governador da Paraíba, solicitou ao presidente uma reformulação no tratamento que vinha sendo dispensado...

## Crônica

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

## A casa de João

A casa estava voltada para o nascente, a poucos passos do rio Gravatá, afluinte do Piancó. Digo “a poucos passos” no meu ponto de vista; mas, para os donos da casa, bastaria um leve gesto e pousariam no rio, entre eles e o sol. Ou era o sol que estava entre eles e a água, pois havia meses, e às vezes anos, em que o rio secava.

Aquele ano o rio sem um bico d'água. A porta aberta para o nascente dizia mais que o silêncio do rio. O alvenel que fez aquela casa conhecia o clima. Sabia segredos do vento, das nuvens, das estrelas; sabia de véspera os mais altos segredos, e os humildes, tímidos segredos do rio, segredos secos de pedra, grãos de segredos lavados pelo sol até o brancume que dá transparência à água dos anos bons.

Todo ano João faz casa nova, a porta abrindo o calendário: se dá mirada ao poente, os homens poderão plantar que a chuva vem umedecer a semente; mas, se a porta espreita o nascente, o ano será macho, o rio não dará de beber às gargantas de pedra, o povo comerá as derradeiras sementes e fechará as portas das casas vazias, o povo será retirante outra vez...

Os anos poderão ser os mesmos para o povo, de safra ou de seca, mas cada ano será sempre novo para João, e pedirá outra casa nova, a porta voltada para a manhã ou para a tarde. O tempo não se repete para ele, cada tempo tem seu clima e cada clima sua casa. João, o alvenel, nunca falha. Ele poderia ter sido o arquiteto do faraó, que fez seu túmulo de janela aberta para a estrela, a luz eterna beijando a frente da múmia.

A casa voltada para o nascente era

um presságio passado. O agouro se confirmara, o ano anterior foi ano ruim. Até o bicudo foi embora com a seca; as poucas maçãs de algodão que estalaram puderam ser catadas e recolhidas aos seios. A casa de João é casa da verdade, seja a verdade ruim como ano seco.

Às vezes a casa anuncia tragédia íntima, restrita àquele universo de argila: ela apresenta a porta emparedada, túmulo sem janela para estrela que brilha sobre a fonte do amor. Diz-se que lá dentro dorme, para sempre, a traição, sem nascente ou poente. Ali jaz companheira infiel, dizem os vizinhos faladores. João emparedou a infidelidade.

Abandonada, a casa recebia a luz seca da manhã. Era um prédio bom, o barro amarrado na forquilha da roeira, a massa de massapê traçada com esterco de boi e trançada com fiapos de capim. Era uma casa do ano findo, fraco de chuvas. Uma casa bem situada, sobre a ribanceira, a poucos passos do rio. Mas, para João-de-barro, bastava debruçar-se à porta e, num abrir e fechar de asas, a praia era dele, a praia seca e rasa de luz do rio Gravatá. Num abrir e fechar de asas, a nascente, o nascente, a serra, a Seca.

Poucas asas ao sul, outra casa de João em construção. Já fez os fundos, falta-lhe a frente. Se o dono terminar a obra, ninguém plante ano que vem. Tomara que a casa de João tenha sido abandonada por fazer, e ele preferiu construir outra, algumas asas além, perto da curva do rio.

Homens procuravam ouro, desviavam de seus passos, achem a casa de João. Uma casa abandonada, de frente para a luz seca, a poucas asas do rio.

O tempo não se repete para ele, cada tempo tem seu clima e cada clima sua casa

Domingos Sávio

savio\_fel@hotmail.com

## Humor

## SONHIA, MARCELINO...

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL  
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.Naná Garcez de Castro Dória  
DIRETORA PRESIDENTEWilliam Costa  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSAAlbigeo Léa Fernandes  
DIRETORA DE RÁDIO E TVA UNIÃO  
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa  
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSARenata Ferrelha  
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEMPABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /  
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual ..... R\$350,00 / Semestral ..... R\$175,00 / Número Atrasado ..... R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA : 99143-6762

# Miopia pode afetar crianças por superexposição às telas

Crianças estão sentindo os reflexos da falta de sol e de brincadeiras ao ar livre por causa do isolamento social

**Alexsandra Tavares**  
lekajp@hotmail.com

A ausência das praças, parques, praias, enfim, das atividades ao ar livre, e o foco nas “telas” não têm afetado apenas o convívio social das crianças e adolescentes nessa pandemia. Ficar longe dos raios solares por um longo período, por exemplo, tem aumentando a incidência de miopia. A constatação foi feita por estudiosos de diferentes universidades da China, Canadá e de países da América Latina.

Um estudo publicado na revista The Lancet, com mais de 16 oftalmologistas, demonstrou que a miopia cresceu cerca de 40% em participantes com idade entre 5 a 18 anos na comparação entre os anos de 2020 e 2019. A explicação, segundo a publicação, é que os raios solares liberam dopamina na retina, e essa substância evita que o globo ocular se torne mais longo, o que resulta na miopia. Como o confinamento é uma das imposições da pandemia, o corpo não gera este neurotransmissor, e a doença dispara.

Um dos exemplos dessa maior incidência pode ser observado na declaração da mãe do pequeno João Henrique, Adrisia Gonçalves Feitosa. Ela afirmou que o filho de 9 anos teve um aumento acima do esperado no grau da miopia no ano passado. “A médica explicou que foi devido a fatores genéticos mais comportamentais”, contou Adrisia, acrescentando que a especialista não identificou a origem do problema na falta de sol. “Disse que era por conta do uso mais frequente das telas”, completou Adrisia.

Ela contou que, com a obrigatoriedade do isolamento social, a família teve que evitar os passeios à praia, pracinha e até a permanência na área externa do prédio onde mora. “Acredito que o grau tenha aumentado novamente este ano, porque ele está tendo muitas dores de cabeça e fica fechando o olho para enxergar”, revelou.

O presidente da Sociedade Paraibana de Oftalmologia, Antonio Moreira Montenegro, afirmou que o aumento da miopia já era uma tendência em todo o mundo, mas se agravou nos últimos dois anos. “Esse aumento dos casos de miopia pode estar relacionado à luz solar, como também ao aumento da exposição às telas, principalmente tablet e celular. Se a criança está mais tempo dentro de casa tendo, inclusive, aulas online, está passando um tempo acima do recomendado diante dos dispositivos eletrônicos, o que pode aumentar o grau da miopia”.

Segundo ele, a relação das telas e dos raios ultravioletas com a visão é algo relativamente novo e ainda não tem uma teoria 100% certa com relação aos mecanismos de ação. No caso das telas, não se sabe ao certo se o problema está na proximidade ou a claridade que o dispositivo emite. “Tem se constatado esse aumento mas, como isso influencia não está 100% provado”.

Antonio Montenegro frisou que, como no Brasil a miopia não requer uma notificação compulsória, não é possível precisar um percentual de alta desse distúrbio visual no país. “Mas observamos na nossa prática, o aumento dos casos em crianças”, garantiu.

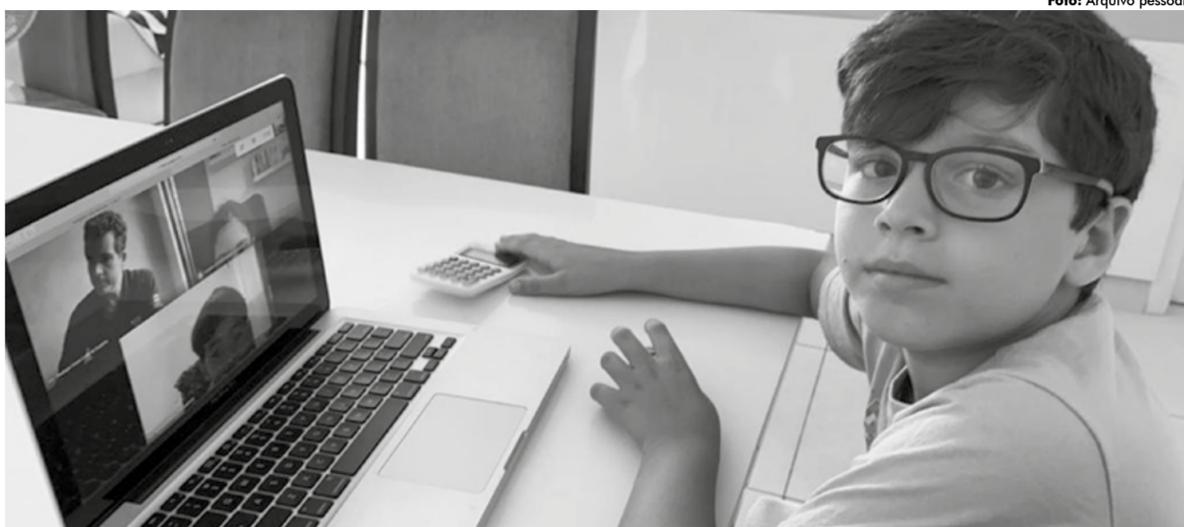


Foto: Arquivo pessoal

João Henrique, de 9 anos, teve um aumento no grau da miopia acima do que era esperado, segundo sua médica, provocado pelo uso recorrente de telas

## Quanto mais ao ar livre, melhor para os olhos

A oftalmologista Luiza Toscano, vice-presidente da Sociedade Paraibana de Oftalmologia, explicou que a miopia é um distúrbio visual onde ocorre a focalização da imagem antes desta chegar à retina. “Os míopes não corrigidos geralmente conseguem ver objetos próximos com nitidez, mas os distantes são visualizados como se estivessem desfocados, embaçados. A miopia geralmente é causada por um alto comprimento axial do globo ocular (“olho longo”) ou por um elevado poder de convergência das lentes naturais que o compõem”.

Luiza Toscano afirmou que alguns estudos apontam que atividades ao ar livre podem reduzir a prevalência de miopia em crianças. Entre as teorias que explicam tal redução estão a cromaticidade da luz solar ou elevados níveis de vitamina D. Mesmo com a pandemia,

Rafaela Paiva contou que as brincadeiras sob o sol não deixaram de fazer parte da rotina da filha Marina, ou Nina como é conhecida, de 6 anos. Ela disse que a menina foi detectada com miopia aos 5 anos de idade e desde então faz acompanhamento periódico. “Como moro em uma casa, Nina fica entre uma ou duas horas todo dia brincando no jardim”.

Rafaela afirmou que na última consulta a oftalmologista, percebeu que houve um aumento no grau de miopia na menina. “Mas foi dentro da média esperada para o ano, que é de meio grau”, salientou. O resultado do exame, de certa forma, surpreendeu a médica, que previa uma alta um pouco maior. Isso porque, segundo Rafaela Paiva, a oftalmologista de Nina comentou que estava observando uma incidência maior de miopia nos pacientes que iam ao consultório.



Foto: Arquivo pessoal

A mãe da pequena Nina encontrou formas de brincar e se expor ao sol, e, combinado com outros fatores, manteve média de aumento de grau

## UN Informe

Ricco Farias  
papiroeletronico@hotmail.com

### DEPUTADO DIZ QUE NEM TODOS OS INTEGRANTES DA OPOSIÇÃO ESTARÃO ALINHADOS AO PROJETO DE REELEIÇÃO DE BOLSONARO

Foto: Pablo Velardares / C.D.



Nem todos os partidos de oposição na Paraíba, que recentemente se reuniram em João Pessoa, estarão fechados com a candidatura à reeleição do presidente Jair Bolsonaro (sem partido), atesta o deputado federal Leonardo Gadelha (foto), em sincera, podemos assim classificar, entrevista a uma emissora de TV de João Pessoa. Digo sincera porque nenhum dos representantes da oposição que participaram da reunião falou sobre a isso, publicamente.

Houve referência ao fato de que estavam deflagrando as discussões sobre um iminente apoio ao nome de Romero Rodrigues (PSD), bolsonarista convicto, como candidato a governador, mas não mencionaram o não alinhamento de parte significativa do grupo ao projeto de reeleição do presidente. Até outros bolsonaristas de raiz, entre os quais os deputados Cabo Gilberto (PSL) e Wallber Virgulino, silenciaram. “Ficou muito cristalizada essa premissa: é muito possível que exista apoiadores de várias candidaturas a presidente”, afirmou o deputado do PSC. De acordo com o deputado, na reunião ficou decidido que a eleição local não será vinculada ao debate nacional. “A não nacionalização do debate”, como ele explicou. O palanque a Bolsonaro na Paraíba, portanto, não está tão sólido assim.

#### NÃO FOI DISCUTIDA

Jackson Macedo, presidente do PT na Paraíba, foi indagado, em entrevista, se existia alguma discussão sobre possíveis filiações de deputados do PSB ao partido, entre as quais a de Estela Bezerra e Cida Ramos. “Não abrimos discussão sobre isso. Caso manifestem o interesse público de voltar, discutiremos isso lá na frente”, explicou.

#### CONVERSA COM O PV

“O fato dele não estar naquela reunião da oposição, para nós, já foi muito importante”, diz Jackson Macedo, referindo-se a Luciano Cartaxo (PV). O dirigente petista acredita que existe a possibilidade de o ex-prefeito de João Pessoa estar no palanque de Lula: Cartaxo ainda não definiu o cargo que disputará em 2022.

#### CAPTAÇÃO DE RECURSOS

Presidente da Funjope, Marcos Alves, informou que a fundação está antecipando, já neste mês de junho, os encaminhamentos para a realização do Folia de Rua de 2022. Um dos focos é a captação de recursos da iniciativa privada, “para não depender apenas dos recursos da prefeitura”, afirmou. A Energisa deverá ser uma das parceiras.

#### “NÃO FOI CONVERSADO”

Presidente do PSB na Paraíba, Gervásio Maia disse, numa emissora de TV, que a eventual candidatura do ex-governador Ricardo Coutinho ao Senado ainda não foi colocada diretamente à direção estadual. “Eu respeito o direito dele [de ser candidato]. Mas isso não foi conversado com o partido, precisa ser construído com a cúpula nacional”.

#### AValiação POSITIVA

Gervásio Maia foi provocado a avaliar a gestão do governador João Azevêdo (Cidadania), com quem, segundo ele, não conversa há um certo tempo. “Não é por não estar na base dele que eu não vou reconhecer que o Estado tem cumprido a suas obrigações, sobretudo no enfrentamento da pandemia”. Ao contrário de outros estados, comparou.

#### “A OPOSIÇÃO TEM CONTEÚDO?”

“A oposição, com referência ao ex-prefeito, tem conteúdo? Tenho minhas reservas”. Do senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB), referindo-se ao ex-prefeito de Campina Grande, Romero Rodrigues (PSD), que deve ser o virtual candidato a governador pela oposição. Para ele, o contraditório em bem-vindo, mas “com conteúdo”.

Flávio José,  
cantor e compositor

# “O pessoal ofende demais o forró”

Bastião do gênero, músico tem utilizado a internet para manter viva sua música e disseminar práticas seguras contra covid-19

Joel Cavalcanti  
cavalcanti.joel@gmail.com

Se toda caminhada começa no primeiro passo, a trajetória de 70 anos de Flávio José vem de longe e não deixa dúvidas sobre sua importância como símbolo da música e da cultura nordestina. Em entrevista exclusiva para **A União**, ele assume sua posição e responsabilidade como bastião do forró e remanescente de uma geração,

defendendo seu estilo musical, ajudando os forrozeiros que estão passando por dificuldades devido à pandemia e adaptando-se aos novos modos de comunicação digital com seu público.

Mergulhado nos becos do passado, o “Rei do Xote” é contudente para condenar movimentos como os da pisadinha e o forró de teclado, que dominam as paradas de sucesso no país atualmente. Flávio José só abre mão dos

costumes e práticas juninas para resguardar a vida e as regras de convivência em comunidade.

Sem grandes apoios ou patrocínios, o veterano tem se utilizado das redes sociais para se manter ativo na música e usa sua voz doce de timbre raro para orientar a população sobre a necessidade de manter o distanciamento social, não acender fogueiras e para as pessoas se imunizarem através da vacina.

## A entrevista

**Sem os shows presenciais pelo segundo ano consecutivo, o mês do São João tem sido bem diferente dos outros nessas suas sete décadas de vida. Como os músicos, trios e cantores de forró mais tradicionais têm sobrevivido a este momento? O senhor tem feito “lives” beneficentes. Muitos forrozeiros têm ido pedir a sua ajuda?**

Eu tive essa ideia desde as primeiras “lives” que eu fiz. A gente abre para doações porque o pouco com Deus é muito, e o muito sem Deus é nada. Se chegar alguma coisa que dê para a gente doar 50, ou 100 feiras, é uma bênção. Mas as pessoas não estão ajudando mais porque estão cansadas, atravessam dificuldades e não têm condições de ajudar. A maioria dos músicos está passando muita dificuldade. Muitos têm sobrevivido com ajudas que têm sido doadas, mas que devido a tanto tempo parados, essas ajudas não têm sido suficientes. A gente já fez alguma doação para alguns sanfoneiros, mesmo sem eles saberem quem estava mandando. Eu não gosto de aparecer nessas coisas, não. A grande decepção é a questão de patrocinador que a gente não consegue. Não sei o que é isso. A gente contactou várias empresas e a única coisa que a gente tinha era o ‘não’.

**O senhor já declarou sobre o clima de tristeza e desânimo que o abateu durante a sua rotina na pandemia. O forró e a san-**

**fona têm, de alguma forma, ajudado a atravessar por esse momento? Como?**

Às vezes, tenho pegado na sanfona para aliviar um pouco, mas o que mais ameniza tudo que estamos passando são os momentos em que fazemos “lives”. Eu já tomei as duas doses (do imunizante contra covid-19) e também a vacina da gripe, mas continuo usando duas máscaras, sem sair (de casa), trancado. Já aconteceram casos de gente que tomou duas doses, se infectou e morreu. Tem gente que toma uma dose e relaxa. Mas aqui e acolá, a gente encontra ignorantes que dizem “não, não vou tomar a porcaria dessa vacina, não”.

**O senhor tem muitos seguidores nas redes sociais. O que tem achado desse tipo de contato virtual com o público? O senhor está entrosado com essa forma de produzir e distribuir música digitalmente?**

Isso é muito bom, porque nessa pandemia, a gente está praticamente isolado e, aqui e acolá, a gente está fazendo um vídeo, cantando, mandando alguma música e movimentando para desconstrair essas pessoas. A “live” tem uma importância muito grande. Na “live” de São João do ano passado, foram mais de um milhão de visualizações. Mas mesmo assim, com esse potencial, a gente não consegue patrocinador.

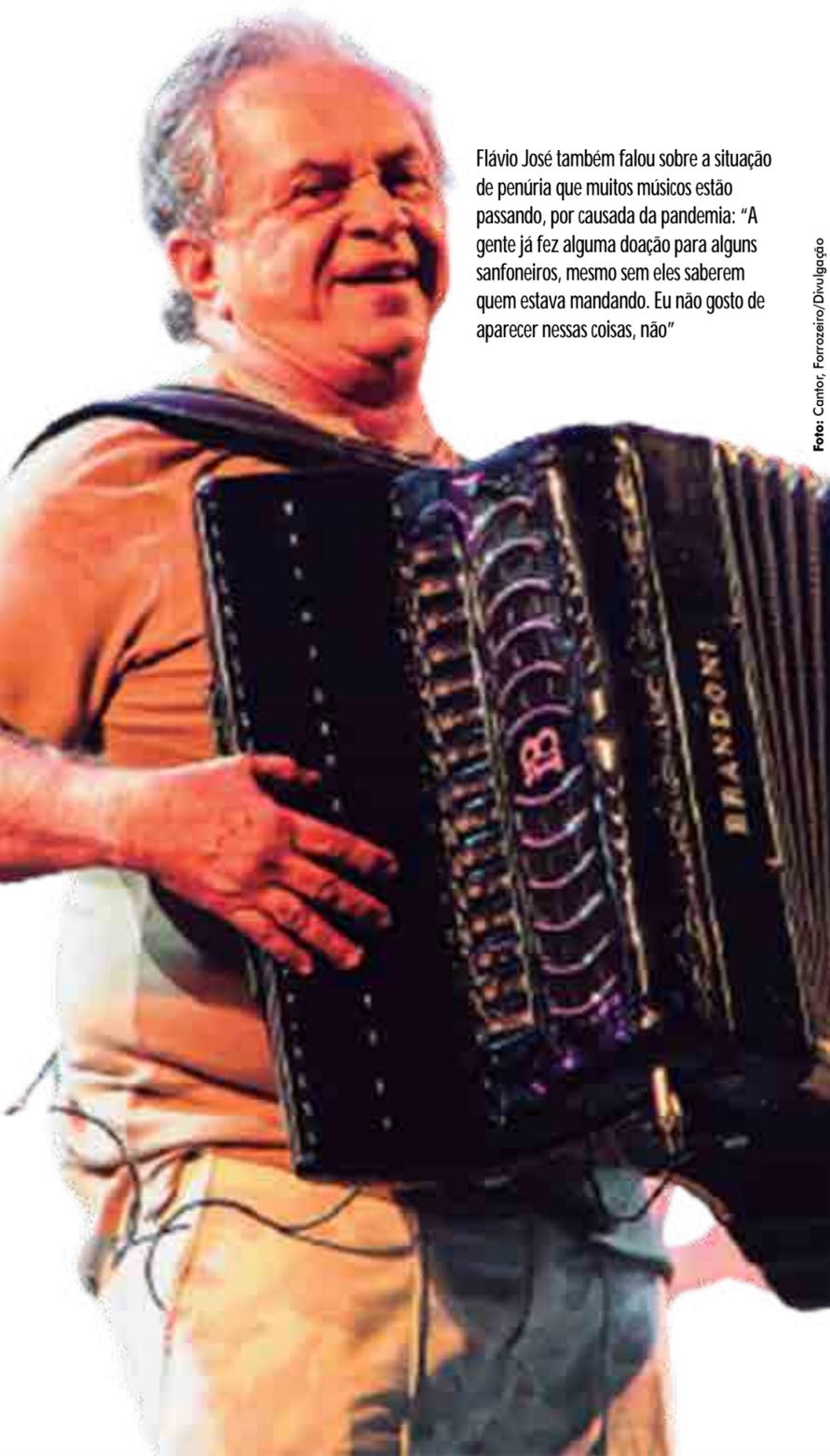
**Quais as tradições juninas o senhor ainda**

**“Forró é a escola de Luiz Gonzaga, Trio Nordestino, Marinês, Jackson do Pandeiro, Dominguinhas... Isso é que é forró! Você quer um desastre maior que foi esses Barões da Pisadinha no Fantástico, cantando fora de ritmo? Aquilo é uma afronta muito grande ao nordestino, à cultura nordestina, ao São João, aos artistas que dedicaram a vida defendendo a cultura e trazendo a música para a festa.”**

**mantém em casa, em encontros mais familiares? Quais músicas de outros artistas não podem faltar nos seus festejos juninos?**

Nesta pandemia, as tradições que ainda conseguimos manter são as comidas típicas do São João. Aqui ninguém faz mais fogueira, não. Aboliram mesmo, porque tem essa história de queimar o calçamento. A gente ainda vê fogueira no sítio, nas chácaras particulares e nas fazendas para manter a tradição. Mas aqui, desde o ano passado, e esse ano não vai ser diferente: vamos ficar em casa, só o pessoal de casa mesmo. As músicas que não podem faltar aqui em casa são os clássicos consagrados por Luiz Gonzaga.

**Recentemente, o senhor fez apresentações em homenagens póstumas a Dominguinhas, Pinto do Acordeon e Sivuca, sem citar os tributos ao mestre Luiz Gonzaga. Esses momentos te dão a impressão de que o senhor seja um remanescente de sua geração e estilo? Quais sentimentos isso te causa?**



Flávio José também falou sobre a situação de penúria que muitos músicos estão passando, por causada da pandemia: “A gente já fez alguma doação para alguns sanfoneiros, mesmo sem eles saberem quem estava mandando. Eu não gosto de aparecer nessas coisas, não”

Foto: Cambr, Forrozeiro/Divulgação

**forma, isso interfere positiva ou negativamente no trabalho de forrozeiros mais tradicionais?**

Eu acho isso um absurdo e um tapa na cara de nós, artistas autênticos, e da nossa cultura. Eu não vejo nada de positivo. O pessoal ofende demais o forró. Qualquer coisa que não presta já leva o nome de ‘forró não-sei-o-quê’. Gente, forró não é isso, não. Forró é a escola de Luiz Gonzaga, Trio Nordestino, Marinês, Jackson do Pandeiro, Dominguinhas... Isso é que é forró. Você quer um desastre maior que foi esses Barões da Pisadinha no *Fantástico*, cantando fora de ritmo? Aquilo é uma afronta muito grande ao nordestino, à cultura nordestina, ao São João, aos artistas que dedicaram a vida defendendo a cultura e trazendo a música para a festa.

**As suas canções mais famosas, interpretadas pelo senhor, se caracterizam pela poesia e pela crônica de um homem sertanejo vivendo de forma mais simples no interior nordestino. A matéria-prima dessas suas obras, esse homem e essa paisagem, permanecem presentes na realidade brasileira?**

Eu diria que 90% dos sucessos da minha carreira são de outros autores. Tudo permanece e permanecerá nos corações daqueles que amam música de qualidade e que, acima de tudo, amam a nossa cultura. Os compositores estão aí, mas com essa pandemia, ninguém tem ca-

beça para nada, não. O setor mais afetado foi o nosso. A gente está parado. Eu fiz um show no dia 20 de janeiro de 2020. De lá para cá, acabou e a gente nem sabe quando vai voltar. Muitos setores já estão abrindo, mas o show para os artistas vai demorar muito. É muito complicado.

**Quais têm sido seus projetos mais recentes? Quais os trabalhos o senhor tem desenvolvido nesse momento?**

Eu iria fazer um EP com nove músicas. Eu já tinha lançado duas, e gravei sete e aí estourou a pandemia. Aí ficou todo mundo trancado, fechou o estúdio. Parou. Essas músicas só não estão mixadas, que é o mais importante. Eu ainda consegui lançar uma, aí quatro ou cinco meses depois, eu lancei outra, mas nada aconteceu. Mesmo com visualizações gigantes na Internet, o sentimento do brasileiro não está para festa. Só aqueles irresponsáveis que vão para festas, que se aglomeram de forma clandestina, mas a pessoa que tem bom senso está triste, está preocupada e sem esperança. Está em casa, não tem gosto para nada não.

**“O sentimento do brasileiro não está para festa. Só aqueles irresponsáveis que vão para festas, que se aglomeram de forma clandestina.”**



Foto: Rick Free

# Ciência ganha trunfo contra onda negacionista no Brasil

### Observatório vai denunciar atentados à liberdade de expressão e contra a divulgação do pensamento científico

**Iracema Almeida**  
iracemalubarino@epc.pb.gov.br

Diante das constantes retaliações vivenciadas por pesquisadores, cientistas, instituições de ensino superior e entidades de pesquisas, como consequência da onda negacionista que ganhou força nos últimos anos, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) lançou o 'Observatório Pesquisa, Ciência e Liberdade'. O lançamento ocorreu no início dessa semana com o intuito de promover o monitoramento e o encaminhamento às autoridades competentes dos casos de atentados contra a liberdade de pesquisa e expressão dos professores e cientistas do país.

No evento de lançamento, o presidente da SBPC, Ildeu de Castro Moreira, destacou a que a união entre as instituições científicas está sendo primordial no processo de defesa da ciência e educação do país, assim como a manutenção da

democracia e liberdade dos pesquisadores. "Esse é um momento muito importante de protesto, diante da incúria governamental que vivemos. Esse observatório faz parte desse movimento pela liberdade acadêmica que está sendo ameaçada de várias manei-

## Liberdade

acadêmica. Esta é a luta primordial do Observatório, que une várias entidades científicas

ras. Mas vamos lutar para que nossos direitos sejam respeitados e garantidos".

Nos últimos anos, o país vive diversos tipos de cerceamento contra a ciência. São assédios institucionais a pesquisadores e cientistas

que acontecem de forma presencial e, sobretudo, de forma virtual, através das redes sociais. O neurocientista Miguel Nicolelis, que está entre os 20 maiores pesquisadores da saúde no mundo, é um recente exemplo de represálias. Em seu perfil no Twitter, ele foi atacado por causa de posicionamentos e divulgação de informações acerca da pandemia. "Só no Brasil você é atacado apenas por publicar um artigo científico numa revista internacional que expõe os erros do combate à pandemia do governo do país. Até ex-roqueiro medíocre acha-se no direito de insultar um cientista e confunde estudo epidemiológico com estudo em virologia", postou o médico.

A plataforma do observatório surge, então, para que esse tipo de manifestação fique concentrada em um só lugar e possa mostrar à sociedade a realidade que vive o Brasil, com publicação de notícias, vídeos, artigos e debates relacionados ao tema.

## Embate entre luz e mediocridade

O secretário executivo de Ciência e Tecnologia da Paraíba, que também é doutor em Física, Rubens Freire, não esconde a satisfação com a criação do observatório e pontua que o corte de recursos feito pelo Governo Federal nos programas de apoio ao desenvolvimento científico e tecnológico não é o único problema. Ele garante que outras iniciativas estão aí estampadas para quem quiser compreender. "Existe um embate entre a luz contra a mediocridade, no caso, uma ignorância planejada que não é inerente, mas tem uma dimensão de intencionalidade. Então, essa plataforma chega para combater esse desgoverno", ressalta.

"Aqui, na Paraíba, a gente vem nadando contra a maré do Governo Federal, estamos apoiando mais de 20 grupos de pesquisas com investimentos de R\$ 2 milhões, oriundos do Governo Estadual e da Assembleia Legislativa da Paraíba. Entendemos que a ciência é um valor fundamental para a construção de uma sociedade justa e iguali-

tária", acrescenta o secretário estadual. O presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege) e professor do Departamento de Geografia da UFPB, Marco Antônio Mitidiero Junior, reforça que são muitas as dificuldades orçamentárias e cortes no orçamento da Educação. Segundo ele, desde 2016 que o orçamento para pesquisa no Brasil segue em queda livre. São várias áreas sem recursos, da bolsa do aluno até grandes projetos de pesquisa, e que não se faz ciência sem investimentos.

O observatório conta com a participação do Conselho Nacional de Direitos Humanos (CNDH), Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Centro de Análise da Liberdade e do Autoritarismo (Laut), Comissão Arns, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), Observatório do Conhecimento, Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) e das Ciências Sociais Articuladas.

**Conversa com o GOVERNADOR**

NA RÁDIO TABAJARA FM 105,5

TODA SEGUNDA - FEIRA AO VIVO, ÀS 13H

facebook.com/GovernoParaiba  
youtube.com/GovParaiba

Aponte a câmera

**III CONCURSO DE GRAFFITI**

homenageando Genival Macêdo poeta das palavras e melodias

inscrições de 22 a 28 de junho

Inscrições: [cpl@epc.pb.gov.br](mailto:cpl@epc.pb.gov.br)

Tabajara | EPC EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

# Um mês para lembrar a luta e o orgulho LGBTQIAP+

Diversas ações são realizadas pela SEMDH com o objetivo de avançar no combate ao preconceito e à violência contra as pessoas desses grupos

Ana Flávia Nóbrega  
anaffavia@epc.pb.gov.br

Silenciados, violentados e mortos diariamente, reprimidos desde a infância. A existência de pessoas LGBTQIAP+ no Brasil representam um risco constante. Segundo dados do Relatório Anual de Mortes Violentas de LGBT no Brasil, realizado há 41 anos pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), em 2020, 237 LGBTQIAP+ tiveram morte violenta no Brasil, sendo vítimas da homotransfobia. Segundo o levantamento,

224 foram homicídios (94,5%) e 13 suicídios (5,5%). Pela primeira vez, desde que o Grupo Gay da Bahia iniciou tal pesquisa, em 1980, as travestis ultrapassaram os gays em número de mortes: 161 travestis e trans (70%), 51 gays (22%) 10 lésbicas (5%), 3 homens trans (1%), 3 bissexuais (1%) e finalmente 2 heterossexuais confundidos com gays (0,4%).

A Paraíba aparece em 11º e 20º com João Pessoa (3 mortes) e Campina Grande (2 mortes) no ranking dos

20 municípios mais violentos, também do GGB. Sendo Fortaleza-CE, a cidade mais violenta para LGBTQIAP+ do Brasil em 2020. Para avançar na luta contra a violência contra a população, a Paraíba possui um aliado significativo. A Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana (SEMDH) atua, desde sua criação, na luta pela vida e igualdade.

A Secretaria surgiu com o objetivo de orientar, apoiar, coordenar, acompanhar e executar políticas públicas

para mulheres, população negra, comunidades tradicionais e toda a população LGBT. A secretaria presta assessoria direta ao governador do Estado a respeito dos assuntos que dizem respeito às pautas de políticas públicas.

“Nós atuamos para efetivar direitos com ampliação dos serviços já existentes, a exemplo do que é oferecido pelo Espaço LGBT de João Pessoa, também pelo Centro de Referência de Campina Grande e outras políticas,

como ambulatório PT, que estão em franco funcionamento”, declarou a secretária da pasta, Lídia Moura.

A pasta articula ainda políticas transversais de gênero, etnia e diversidade social na esfera municipal, estadual e federal de modo que busca a efetivação dos direitos humanos dos atores que compõem essas comunidades. Atuando fortemente no enfrentamento de preconceitos, discriminações e violências, a SEMDH tem como uma das atribuições a implantação de

serviços de atendimento para mulheres, LGBTQIAP+, população negra e comunidades tradicionais (indígenas, quilombolas, ciganos e comunidades de terreiro) em situação de vulnerabilidade social e afetadas pela desigualdade social e intolerância.

As ações pontuais ocorrem, principalmente, pela manutenção do diálogo com movimentos organizados pela sociedade e lideranças populares em busca da igualdade racial, de gênero e da promoção dos direitos.

## Atividades realizadas durante a pandemia

Além da preocupação em manter a vida das pessoas da população LGBTQIAP+, a secretaria também atua para garantir escolaridade e situações de vulnerabilidade diante do quadro da pandemia. Durante o período pandêmico, a SEMDH distribuiu mais de 2 mil cestas alimentares para quem se encontra em situação de vulnerabilidade social, 300 vagas para cursos técnicos em parceria com o Instituto Educa Nexus para capacitação da população LGBTQIAP+ e bolsas para a conclusão do Ensino Fundamental e Médio.

“Nós estamos, também, centrados numa política que busca ampliar o grau de escolaridade dessa população. Fizemos uma parceria onde foram disponibilizadas 300 bolsas de estudo para conclusão de Ensino Fundamental e conclusão do Ensino Médio, e também de cursos profissionalizantes. Uma parceria com Instituto Educa Nexos, na modalidade EAD, e é exclusiva para a população LGBT. Também ampliamos a disponibilidade de bolsa junto à Secretaria de Educação para as pessoas estudarem idiomas”, afirmou Lídia Moura.

A SEMDH também realizou a readequação do espaço LGBT que estava funcionando de maneira precária, local que acolhe quem precisa de apoio, principalmente psicológico. Com a transferência da sede do espaço LGBT Pedro Alves de Sousa para uma sede nova; a criação da Rede Estadual de Combate à LGBTfobia.

No mês de junho, o governador João Azevêdo sancionou, a Lei 11.983/2021, que denomina o Espaço LGBT de João Pessoa, como Pedro Alves de Sousa - Pedrinho. O nome é referente a um usuário do Espaço LGBT. Pedrinho era homem trans, ativista social e morador de rua. Foi assassinado brutalmente em 2014, em João Pessoa, com requintes de crueldade. A mudança de nome foi uma solicitação da SEMDH a pedido do Movimento LGBT.

Fernando Luiz Araújo da Costa, gerente executivo LGBT da Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana ressaltou que “através do diálogo com os movimentos sociais, o movimento LGBT, a secretaria, pela gerência executiva de direitos sexuais e LGBT consegue ampliar esse leque de assistência de socorro, mas também de implementação da política pública. A secretaria é este guarda-chuva que nos protege”, ressaltou o gerente executivo.

## Programação on-line ressalta luta diária

Para celebrar o orgulho, construído a duras penas e resistência, a Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana (SEMDH) realizará desta segunda-feira, 28, até a quarta-feira, dia 30, uma série de webinários para comemoração ao Mês do Orgulho LGBTQIAP+. A data faz referência à revolta de Stonewall, um marco na luta pelos direitos da comunidade. A série de manifestações violentas e espontâneas de membros da comunidade LGBT contra uma invasão da polícia de Nova York que ocorreu na madrugada de 28 de junho de 1969, dentro da boate de Stonewall durou seis dias.

A programação on-line começa no dia 28 de junho com “Orgulho LGBTQIAP+: Lutas, desafios e (in)visibilidades”,

quando se comemora o dia oficial de mobilização e luta da comunidade, com debate entre a secretária da pasta, Lídia Moura, Michelle Agnoletti (advogada, professora, mestra em Ciências Jurídicas e doutora em sociologia), Amanda Palha (travesti, bissexual, mãe, educadora popular e pesquisadora de estudos de gênero e família) e Laura Brasil (transativista, coordenadora do centro de Referência LGBT Luciano Vieira, em Campina Grande).

Já no dia 29, a discussão será sobre “Política estadual de promoção à cidadania LGBTQIAP+: Pensando em rede” com a presença de Tibério Limeira (secretário de Estado do Desenvolvimento Humano), Fernando Luiz Araújo da Costa (gerente executivo

LGBT da SEMDH), José Gody Bezerra de Souza (procurador da República com atuação na área dos Direitos Humanos na Paraíba) e Jéssica Juliana (assistente social, mestra em Serviço Social e integrante da Secretaria do Desenvolvimento Humano).

O encerramento será com a discussão sobre “População LGBTQIAP+ no mercado de trabalho: os desafios das representatividades” com a participação de Michel Batista (gerente operacional de promoção à cidadania LGBT da SEMDH, pedagogo, doutorando e mestre em Ciências da Informação), Renildo Moraes (assistente social do Centro Estadual de Referência dos Direitos LGBTQIAP+ de João Pessoa e mestre em Direitos Humanos),

Ítalo de Oliveira Guedes (psicólogo do escritório social do Estado da Paraíba, mestre em Psicologia Social e doutorando em Psicologia) e Joab Cândido (fundador e diretor técnico da Associação de Pessoas Travestis e Transsexuais da Paraíba - APTTTrans, militante, ativista, assistente social e pós-graduado em gestão pública).

“O mês de junho é um mês muito importante para a população LGBT como um todo, porque é o mês do orgulho. É o mês em que a gente reafirma enquanto população LGBT o nosso ser e estar no mundo, as nossas configurações, as nossas diversidades, as maneiras diversas de amar e as nossas próprias políticas públicas”, finalizou o gerente executivo, Fernando Luiz Araújo da Costa.

### LGBTQIAP+: o orgulho e a luta muito além de cada letra

Uma sigla que cresce com o passar dos dias e confunde a sociedade diante da diversidade de termos. No entanto, da mesma forma que há o acolhimento e reconhecimento de identidades, é necessário que haja a população como um todo passe a conhecer para respeitar cada um dos representantes das letras que compõem a sigla LGBTQIAP+. É importante ressaltar que essas identidades dizem respeito ao modo como uma pessoa se apresenta na sociedade. Por isso, o Jornal A União, trouxe a descrição sobre cada uma das letras. Confira:

#### L, G e B: lésbicas, gays e bissexuais

A orientação sexual hétero é referente a pessoas que possuem desejo e atração por um gênero oposto ao seu. Desse modo, os homossexuais são aqueles que sentem desejo pelo mesmo gênero que o seu. Os gays têm relações afetivas com outros homens e lésbicas são as mulheres, independente se forem homens e mulheres cis ou trans. Já os bissexuais apresentam desejo e afeto por pessoas dos dois gêneros.

#### T: Travestis

Travestis são pessoas que não se entendem nem como mulheres cisgênero e nem como homens cis. São pessoas que não se reconhecem no gênero masculino e nem como mulher trans, se reconhecendo em uma expressão de gênero feminina sem reivindicar a identidade “mulher”.

\*Vale ressaltar que a diferenciação entre cis e trans é dada de forma binária. As pessoas trans são aquelas que se entendem que possuem um gênero diferente do que a designação do nascimento. Enquanto as pessoas cis são indivíduos que se identificam, em todos os aspectos, com o seu gênero de nascimento.

#### I: Interssexual

É representado por pessoas que nascem com uma genitália ambígua, sem do sexo feminino e nem do masculino. A adequação da identidade no movimento LGBTQIAP+ se dá devido a necessidade do cumprimento dos médicos que operam o recém-nascido para adequação da genitália. A partir disso, foi percebida uma alta taxa de

suicídio das pessoas intersexuais por descobrirem que sofreram uma mutilação e por uma série de problemas identitários.

#### Q, A, P e +: Queer, assexual, pansexual e identidades não binárias

São considerados pessoas queers que têm uma forma fluida de representação em termos de gênero e sexualidade na sociedade. São pessoas que não se encaixam na heterocisnormatividade, que é a imposição compulsória da heterossexualidade e da cisgeneridade. Pessoas assexuais são as que têm relações afetivas sem ter também relações e/ou desejos sexuais. Enquanto as pessoas pansexuais são pessoas atraídas sexual ou romântica por qualquer sexo ou identidade de gênero. O “+” faz referência a todas as identidades não-binárias e gêneros fluídos. O não binário sente que seu gênero está além ou entre homem e mulher, podendo defini-lo com outra nomenclatura, de formas distintas. Já o gênero fluído é a pessoa que transita entre as identidades de gênero.

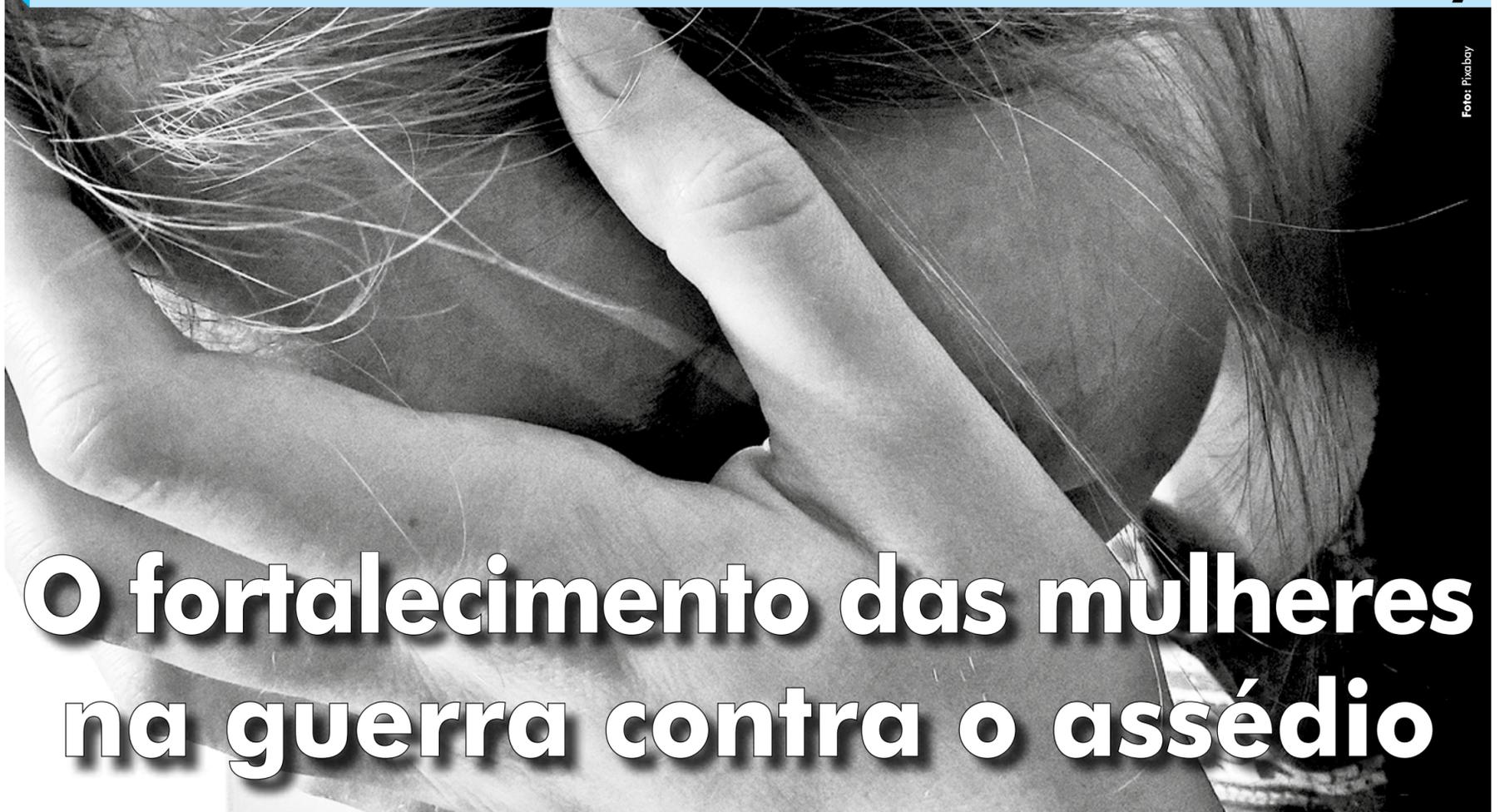


Foto: Pixabay

# O fortalecimento das mulheres na guerra contra o assédio

Diariamente, elas enfrentam o machismo materializado em comentários e comportamentos humilhantes e constrangedores

**Ana Flávia Nóbrega**

anaflavia@epc.pb.gov.br

Acordar cedo e pensar milimetricamente na roupa para sair de casa e ir ao trabalho, ou qualquer local de convivência coletiva. Peça escolhida, vestida... "Não cobre o suficiente". Mesmo que a roupa não pressuponha absolutamente nenhum tipo de agressão dirigida às mulheres, o ritual se inicia novamente até se chegar a uma roupa que possa blindá-las, ou pelo menos reduzir eventuais cantadas indesejadas e violências sexuais.

Ser mulher é um ato de resistência e sobrevivência diário. Apenas o fato de nascer mulher torna-se uma atividade difícil de ser colocada em prática. Isto porque, desde o nascimento, a realidade imposta é a do patriarcado e machismo que colocam as mulheres enquanto inferiores aos homens desde o mercado de trabalho até atividades cotidianas. Entre as muitas coisas que afetam o dia a dia e a vida das mulheres é o assédio, seja ele moral, verbal ou sexual.

Nas últimas semanas, o assunto que nunca deixou de existir na vida

o médico brasileiro não ponderou o que sua fala de conotação sexual representa. Uma realidade característica dos homens na sociedade, principalmente a brasileira. Após a repercussão, Victor Sorrentino se desculpou e afirmou que estaria sendo injustiçado.

Outro caso público envolve o presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Rogério Caboclo por assédio sexual e moral a uma funcionária da entidade. Entre as humilhações descritas pela vítima, o mandatário da CBF exigiu que ela comesse comida de cachorro e latisse, afirmando que ela seria, pejorativamente, uma cachorra. Além disso, outros assédios morais e de conotação sexual são descritos na denúncia realizada pela funcionária. O compilado de provas reunidas na denúncia contém gravações que comprovam os atos de Rogério Caboclo.

Para ser investigado, Caboclo foi afastado da presidência da entidades, a princípio por 30 dias, mas com possibilidade de renovação até que as denúncias sejam investigadas e concluídas. Após vir a público, a CBF já vivia no olho do furacão na opinião pública devido a realização da Copa América no Brasil, na ocasião os jogadores da seleção masculina demonstraram, sem nominar, um desconforto com a situação, mas negaram qualquer posicionamento diante do caso de assédio. Enquanto que a seleção feminina se posicionou de forma clara, coletiva e firme contra o problema. A equipe expõe, em todas as aparições em amistosos preparatórios para as Olimpíadas de Tóquio, uma faixa preta com os dizeres "Assédio não".

Heloísa de Souza, integrante da Marcha Mundial das Mulheres, na Paraíba, mas em articulação com todo o Brasil e mundo, entende o assédio como a materialização do sistema hierárquico e opressor no cotidiano feminino. "O assédio é o resultado desse sistema do patriarcado que se materializa na possibilidade de tratar mulheres como objetos sob o controle dos homens. É através de piadas, como no caso do Egito, em que ele submete a mulher a uma situação vexatória. No caso do presidente da CBF, pelo acesso que ele tem aquela mulher, que era sua funcionária, ele passou a diminuí-la, humilhá-la", afirmou.

Em sua concepção, o assédio é todo comportamento indesejado baseado em fator de discriminação e com fator hierárquico. Ocorre com o intuito de perturbar ou constranger a pessoa, afetar a dignidade, criar um ambiente intimidativo, hostil, humilhante ou desestabilizador. Em muitos casos, o assédio evolui para o tipo de assédio sexual que é caracterizado como todo tipo de comportamento de caráter sexual, não solicitado pela vítima, mas imputado com o objetivo de lhe constranger ou lhe criar um ambiente hostil.



## Vítimas devem procurar apoio para se proteger

Na Paraíba, a Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana (SEMDH), luta para colocar em prática, políticas públicas em busca da equidade. A secretária Lidia Moura, informou: "É muito comum as pessoas confundirem o crime de assédio com crime de importunação sexual. O crime de assédio é um crime que pressupõe uma relação de hierarquia, é aquilo que acontece, por exemplo, do chefe com uma pessoa subordinada ou a relação de professor e aluna ou aluno. Pode ser um assédio moral, um assédio sexual. Já a importunação sexual geralmente é mais comum contra as mulheres, um exemplo é a campanha que fazemos no carnaval e São João também para conscientizar, como roubar um beijo, tocar na pessoa sem o consentimento", relatou.

O caso envolvendo o médico retrata bem o quanto as mulheres não possuem domínio sob os assédios recebidos. De acordo com Laianna Janu, mestrandia em Comunicação na Universidade Federal da Paraíba (UFCG), jornalista e ativista feminista, a situação retrata que, independente da roupa usada, todas as mulheres estão suscetíveis aos ataques. "O caso do Egito mostra para sociedade brasileira o quanto não condiz com a realidade a frase 'mulheres têm que se dar o respeito' e 'isso aconteceu com você por conta da sua roupa' porque na cultura egípcia é muito comum que as mulheres se cobrem da cabeça aos pés. E, nem isso, impediu e não impede nenhuma mulher de sofrer assédio, porque o que faz a gente sofrer é o fato de ser mulher vivendo em uma sociedade patriarcal e misógina", avaliou Laianna Janu.

### Crescimento de casos

Na Paraíba, de acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2020, há uma variação de 9,4% de crescimento de relatos de assédio efetuado por mulheres entre 2018 e 2019, com os números consolidados apenas no ano passado. Mesmo crescente, o número não representa a totalidade dos casos, já que ainda existe um grande número de vítimas que não denunciam as violências por medo de possíveis retaliações tanto do agressor, quanto da sociedade em geral que costuma culpabilizar a vítima pela violência sofrida.

Crimes tipificados no Código Penal Brasileiro, as mais variadas formas de assédio podem ser denunciadas em delegacias e Ministérios Públicos. "A vítima tem a prerrogativa de fazer a denúncia, nós temos a delegacia on-line e presencialmente também. No caso da importunação, é importante testemunhas porque, em geral, é uma coisa que acontece fisicamente; no caso de assédio, a gente aconselha a pessoa a buscar sempre provas documentais ou testemunhais para balizar a denúncia. São ações do âmbito da justiça, então, você tem que fazer uma denúncia na delegacia virtual ou presencial e isso vai virar um processo para que a pessoa seja punida na forma da lei", orientou Lidia Moura.

Secretária Lidia Moura frisou que a Paraíba possui uma rede para orientar e apoiar as mulheres vítimas de casos de assédio e de importunação sexual

A SEMDH oferece ainda centros de referência dentro da rede de atendimento às mulheres, onde elas poderão ser atendidas tanto para orientação de advogados, quanto do atendimento psicológico, caso necessário. O órgão tem o objetivo de orientar, apoiar, coordenar, acompanhar e executar políticas públicas para mulheres, população negra, comunidades tradicionais e população LGBT e com o Programa Integrado da Patrulha Maria da Penha amplia sua atuação em parceria com órgãos da Secretaria de Segurança Pública, Polícia Militar e Tribunal de Justiça da Paraíba.

Mesmo com as ferramentas de denúncia, a integrante da Marcha Mundial das Mulheres, Heloísa de Souza, vê com as denúncias como uma dificuldade a mais para as mulheres por conta da dificuldade de conseguir provar e, principalmente, pelo medo do poder do assediador. "Essas situações geralmente são complicadas de serem comprovadas porque geralmente acontecem sem testemunhas. A funcionária da CBF conseguiu provas, ela gravou uma série de ofensas do presidente da CBF. Para ser silenciada, foi oferecido mais de R\$ 12 milhões principalmente para descredibilizar a fala dela porque, geralmente, a fala de nós mulheres não é ouvida. São crimes ainda muito difíceis de serem provado pelas mulheres e, na maioria das vezes, deixam marcas psicológicas muito fortes", falou a militante.

Uma estratégia para fortalecer as mulheres nestes casos é construir uma rede de apoio feminina e denunciar, caso seja seguro, ao próprio agressor que o posicionamento é incômodo.

"Todas as mulheres, portanto, sofrem com essa estrutura que coloca os homens como os detectores de poder e nós como subordinadas, mesmo que as mulheres não tenham consciência disso, não faz com que ela não esteja nesse lugar, é importante que as mulheres tenham um mínimo de consciência e coragem para denunciar e se proteger por conta das micro agressões que acontecem diariamente. Acredito muito que demonstrar que não gostou do assédio, que não ficou feliz com aquilo e mostrar que não tomou aquilo como elogio é uma estratégia para fazer o agressor entender que aquilo foi uma agressão", finalizou Laianna Janu.

Os números 197 (denúncia) e 190 (emergência) estão disponibilizados para as mulheres e a sede da delegacia da mulher segue funcionando de maneira normal para atender os casos.

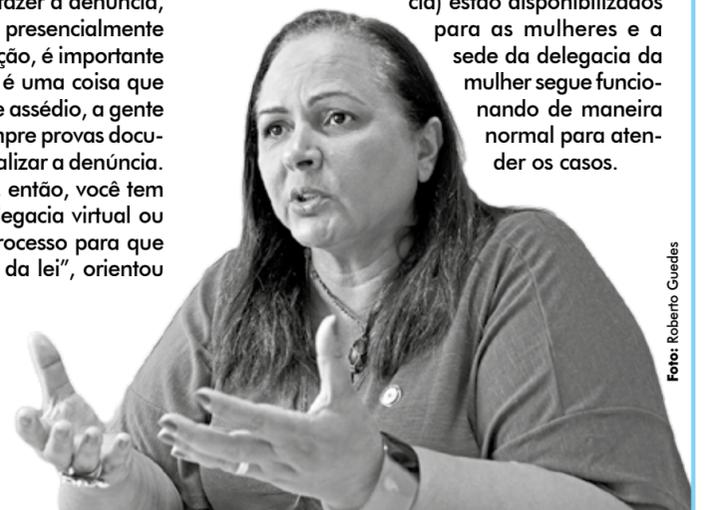


Foto: Roberto Guedes

## Dois casos

A discussão sobre o assédio contra mulheres voltou à tona com o caso do médico brasileiro no Egito e do presidente da CBF

das mulheres, passou a ganhar espaço nos grandes veículos nacionais de comunicação e também na opinião pública. Isto por conta de dois casos. O primeiro deles foi relacionado ao médico e influencer brasileiro, Victor Sorrentino, detido no Egito após postar, em suas redes sociais, um vídeo assediando uma vendedora egípcia. Mesmo com as ofensas proferidas em português, as autoridades, após articulação de movimentos feministas brasileiros e estendido para egípcios, o acusaram formalmente por expor a vítima a insinuação sexual verbal.

No Egito, a pena é de 6 meses a 3 anos de prisão e multa de aproximadamente R\$ 1,6 mil e ainda as punições de transgressão contra os princípios e valores familiares da sociedade egípcia, com pena mínima de 6 meses de prisão e multa não inferior a 50 mil libras egípcias (cerca de R\$16.429), ou uma das duas penalidades; violação da santidade da vida privada da vítima e uso de conta digital privada para cometer esses crimes, ambas acusações também sujeitas a pena mínima de 6 meses de prisão e multa.

No ato da publicação para os seus mais de 1 milhão de seguidores,



Fotos: Roberto Guedes

# Araruna: terra da natureza, do turismo e dos esportes radicais

Município é conhecido por ter em seu território o Parque Estadual da Pedra da Boca, que atrai muitos visitantes

José Alves  
zavieira2@gmail.com

Distante 165 quilômetros de João Pessoa, o município de Araruna é um lugar que “respira” natureza e convida os amantes do turismo de aventura a se superarem nos esportes radicais em qualquer época do ano. É nesta cidade que está o Parque Estadual Pedra da Boca, um dos mais importantes patrimônios geológicos do Brasil. Além do turismo ecológico e de aventura, Araruna se mantém forte economicamente por sua agricultura de subsistência. Os destaques são a produção de maracujá, batata, macaxeira, inhame e frutas, a exemplo de acerola e pinha, entre outras.

A cidade de Araruna está localizada na mesorregião do Agreste paraibano, na microrregião do Curimataú e tem como vizinhos os municípios de Cacimba de Dentro, Solânea, Dona Inês, Tacima, Casse-rengue e Riachão. Possui uma área de 245,7 km<sup>2</sup> e de acordo com o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),

no ano de 2010, tinha 20.312 habitantes que se denominam ararunenses. Em sua história, Araruna foi de suma importância para o cenário de expansão da economia da região, uma vez que já foi a maior produtora de feijão, além do algodão, cana-de-açúcar e café.

Com o objetivo de promover o desenvolvimento e a qualidade de vida para a população, o prefeito Vital Costa (PP), inaugurou recentemente um dos maiores complexos poliesportivos da região - a Vila Olímpica Araruna Vereador Misso Miguel. O espaço conta com um campo para futebol society, quadra poliesportiva aberta, área para caminhada e um ginásio multiuso para vôlei, futsal e basquete, entre outros esportes e atividades físicas.

Conhecida por sua temperatura amena que se distingue do quadro geral da região em pleno Semiárido, uma vez que está inserida numa altitude de cerca de 590 metros acima do nível do mar, Araruna se destaca como um dos principais municípios do Agreste Paraibano. Isso acontece devido sua

polarização aos demais municípios do Curimataú da Paraíba e Seridó potiguar, já que faz limite territorial com quatro municípios do Estado do Rio Grande do Norte.

Araruna também possui muitos prédios históricos, que formam um belo conjunto arquitetônico.

A cidade é bem servida na área de educação. Abriga um campi da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), um da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), dispõe de um Instituto Federal da Paraíba (IFPB) e de um CCTS Centro de Ciências, Tecnologia e Saúde (CCTS), que formam profissionais para diversas áreas.

Os principais eventos turísticos e festivos da cidade que atrai milhares de turistas de diversas regiões do país, são o consagrado Araruna Moto Fest, que acontece no mês de junho, o São João na Serra (junho), o Festival de Aventura e Arte na Serra, no mês de outubro, e a tradicional Festa da Padroeira de Nossa Senhora da Conceição, no mês de dezembro.



Araruna também possui, em sua área urbana, vários prédios históricos

A riqueza arquitetônica é um dos atrativos do município



Foto: Clóvis Roberto

Foto: Clóvis Roberto



As pedras da Caveira e da Boca, no parque estadual, são áreas turísticas que atraem amantes de vários esportes radicais

## Origem com os índios cariris

Os primeiros habitantes da região onde hoje está a cidade de Araruna eram os índios cariris. Mas logo depois, a localidade passou a ser povoada por criadores de gado bovino, vindos do Rio Grande do Norte. Historiadores atribuem a Feliciano Soares do Nascimento a fundação da povoação de Araruna no ano de 1840, quando ele construiu uma capela em louvor a Nossa Senhora da Conceição. Já o nome da cidade foi inspirado na língua indígena “Arara Preta” em razão da existência de inúmeras aves de plumagem azul escura na região.

Logo depois da construção da capela, surgiram as primeiras casas que deram origem ao povoado. Em seguida, de acordo com informações do IBGE, o local foi denominado distrito subordinado ao município de Bananeiras. E, posteriormente, foi elevado à categoria de município de Araruna, conforme Lei Provincial assinada no dia 10 de julho de 1876 pelo Barão de Mamanguape.

## Meio ambiente privilegiado

Sob proteção da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), o Parque Estadual Pedra da Boca é uma reserva ambiental e ecológica localizada entre a Serra da Confusão e a Serra de Araruna, na divisa dos estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte. É uma área de 157 hectares de formações rochosas que tem como destaque a Pedra da Boca, com seus 251 metros de altura e uma grande cavidade no seu cume.

O ambiente é ideal para a prática de esportes radicais como rapel e escalada. No entanto, o parque reserva muito mais, como diversas trilhas propícias ao trekking (com diversos graus de dificuldades) e bike. No local, os amantes do turismo de aventura visitam grutas, cavernas e outras formações rochosas interessantes a exemplo da própria Pedra da Boca, a Pedra da Caveira e a Pedra do Letreiro. A reserva também possui sítios arqueológicos, e tem um grande painel de desenhos rupestres, datados de 10 a 12 mil anos, segundo informações de arqueólogos.

Araruna é um roteiro que agrada os turistas que buscam aventura, adrenalina e o contato com a natureza. É lá em suas pedras que os amantes de esportes radicais fazem escaladas desafiadoras que chegam a 250 metros de altura, e fazem rapel e trekking nos mais variados locais e graus de dificuldades. É no Parque Boca da Pedra que estão as trilhas para

mountain bike e principalmente a pista de decolagem para asa delta e parapente.

É uma cidade que atrai esportistas de todo Brasil e do exterior. Recordes mundiais de voo livre em parapente e asa delta aconteceram lá e pertencem a cinco brasileiros que decolaram em Araruna e pousaram em Crateús, interior do Ceará.

Os principais pontos turísticos da cidade são o Santuário de Nossa Senhora de Fátima da Pedra da Boca; Pedra do Letreiro; Pedra da Caveira e a Pedra da Macambira. O Mercado Cultural; o Centro Histórico de Araruna; a Fazenda Maquiné e os Cânions do Macapá, Barbaço e da Serra Verde também são pontos bastante visitados. Já o Mirante Vale da Serra e as peladas, ou seja, as duas montanhas de Rochas na cacimba do Gado; os 15 Sítios Arqueológicos e as Pedras Olho d'água dos Índios, do Chapéu e do Camaleão, completam os pontos turísticos de destaque em Araruna.

### Filho ilustre

A população de Araruna tem orgulho de falar de seus filhos ilustres que fizeram parte da história da cidade. Entre eles está José Targino Maranhão, um dos mais influentes políticos do Estado da Paraíba. Foi ex-deputado estadual, ex-deputado federal, ex-senador e ex-governador da Paraíba por três mandatos. Faleceu recentemente por complicações da covid-19.

Livro reúne melhores histórias escritas pela artista plástica Leonora Carrington, cuja obra retrata figuras que não se encaixam na sociedade. [Página 12](#)



Foto: Reprodução

Foto: Roberto Guedes



Segundo o coordenador Pedro Osmar, CDPM tem um acervo que inclui registros fotográficos, hemeroteca, partituras de autores nacionais e estrangeiros, livros, além de vinis, discos compactos e DVDs

# Resgatando e preservando a memória musical da Paraíba

## Equipamento da Funesc, Centro de Documentação e Pesquisa Musical José Siqueira abrange desde o erudito ao popular

**Guilherme Cabral**  
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

A preservação da memória da música e de quem se dedica a essa arte. Eis a missão que cumpre o Centro de Documentação e Pesquisa Musical José Siqueira (CDPM), fundado em 22 de novembro de 1987 pelo musicólogo e historiador Domingos de Azevedo Ribeiro e que funciona na Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc), instituição localizada em João Pessoa que completará quatro décadas de existência no próximo ano, cujo patrono é o escritor José Lins do Rego (1901-1957), para quem o Governo do Estado instituiu 2021 como o Ano Cultural.

Nas dependências do equipamento há um acervo que inclui registros fotográficos, hemeroteca, partituras clássicas de autores nacionais e estrangeiros, livros, além de LPs, CDs e DVDs.

Há fotografias, tanto em preto e branco como colorida e negativos, que registram eventos promovidos pela própria Funesc e por outras instituições, bem como imagens de grupos, a exemplo da Orquestra Sinfônica da Paraíba e a Orquestra Tabajara.

A hemeroteca guarda recortes de jornais, livros da história musical do Brasil, da América Latina e Europa, dentre outros itens. O CDPM também busca fomentar as diversas vertentes musicais produzidas por compositores, músicos e intérpretes da Paraíba, regional, nacional e do cancionário mundial, nos estilos popular, sacro, erudito, bandístico, alternativa, cores e festivais.

“É um material primoroso. Tudo é raro”, disse o músico Pedro Osmar, coordenador do Centro de Documentação e Pesquisa Musical José Siqueira. “Através desse acervo, a pessoa pode saber das músicas do

mundo, tanto a popular, erudita e folclórica”, afirmou ele, acrescentando que o trabalho começou quando o paraibano Domingos de Azevedo Ribeiro (1921-2009), além de ter doado o próprio acervo em recortes de jornais e revistas que registram a evolução da música na Paraíba e no Brasil ao longo do século 20, também conseguiu mais peças para o Centro junto aos amigos.

Pedro Osmar, que assumiu a coordenação do CDPM há seis anos, informou que, por causa da pandemia, a visita ao local, que funciona das 8h às 12h, e cujo número para contato é o (83) 3255-8712, é feita com a adoção das medidas de segurança sanitária. Ele disse que, normalmente, ao longo do tempo, quem tem procurado o equipamento para pesquisas são estudantes e professores de música de instituições acadêmicas e de escolas de música de João Pessoa e de outras cidades, bem como visitantes

de Estados, como Bahia e Rio Grande do Norte.

“Comecei na música em festivais e não tinha noção do que seria um Centro de Documentação como este. Por isso, quando cheguei ao equipamento com Luiz Carlos Cândido, o impacto foi positivo para mim, como músico. Passei a pensar mais na importância desse espaço, como cantor e compositor popular, pois ainda não tinha ideia da abrangência do Centro para o futuro da música da Paraíba e na obra dos compositores vivos ou mortos. Fiquei muito interessado em continuar esse trabalho. A música é prática, mas a história da música é intelectual”, afirmou Pedro Osmar.

Quando foi assumir o cargo, o músico lembrou que tomou algumas providências. “Pedi para a então coordenadora do Centro, Márcia Kaplan, um espaço maior para abrigar o acervo e ela atendeu, tendo arranjado outra sala. Kaplan

me ajudou muito. Falei que precisava de estagiários e vieram da UFPB. Antes, o Centro só trabalhava com música erudita. Quando cheguei, fiz a fusão com a música popular e a folclórica, porque o maestro José Siqueira fez um trajeto que outros também fizeram, saindo do interior do Estado, chegando à capital até ir para os grandes centros e a sua obra também tem características nordestinas e folclóricas”.

Dentre a iniciativa que o coordenador pretende tomar é a de, posteriormente, incluir no acervo do CDPM cópia do documentário *Toada para José Siqueira*, longa-metragem que faz resgate poético da vida e obra do maestro paraibano e é dirigido pelos cineastas Rodrigo T. Marques (sobrinho-neto do regente) e Eduardo Consonni, que teve sua estreia recentemente na 13ª edição do In-Edit Brasil – Festival Internacional do Documentário Musical, que se encerra hoje.

Pedro Osmar ainda percebe que o Centro de Documentação e Pesquisa Musical José Siqueira precisa de mais espaço físico para guardar o acervo, pois gostaria de incluir instrumentos musicais exóticos e curiosos já utilizados pela OSPB. Ele mesmo doou duas de suas próprias peças, ambos de cordas, sendo um o charango, de pequenas dimensões e sul-americano, da família do alaúde, e a cítara indiana, que, por enquanto, estão com seu irmão, o também músico Paulo Ró, para mantê-los em uso.

Um dos colaboradores do Centro, Luiz Cândido, destacou que o equipamento é importante por preservar a memória musical e a história de José Siqueira e outros nomes, como o maestro amazonense, radicado na Paraíba, Pedro Santos (1932-1986), bem como textos de espetáculos musicais de teatro, a exemplo de *Morte e Vida Severina*, do João Cabral de Melo Neto (1920-1999).

## + Partituras de José Siqueira estão sendo catalogadas pelo CDPM

Cerca de 40 partituras de José Siqueira que estão no Centro de Documentação e Pesquisa Musical (CDPM) já foram organizadas, catalogadas, higienizadas e guardadas no acervo do equipamento. A informação foi prestada pela musicóloga Amarilis de Rebuá, que vem realizando desde 2019 esse trabalho de resgate do material, dentro de projeto de extensão do Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (Gecimp) da UFPB, em parceria com a Funesc.

Ela disse que não descarta a possibilidade de aparecerem mais partituras de José Siqueira, pois ainda deverão ser abertas outras 10 a 12 caixas. O objetivo é que, após a conclusão desse processo de recuperação total do acervo, de recuperação para maio do próximo ano, seja feita a digitalização e transformação do material em PDF para divulgação ao público,

por meio de um site, a partir de 2023. “O acervo do Centro começou a ser feito pelo seu fundador, Domingos de Azevedo Ribeiro, e que depois também recebeu, doado pela família, o acervo inteiro de Adhemar da Nóbrega, que era copista do maestro Villa-Lobos, quando ele morreu. Dentro desse acervo, encontramos todas as partituras de José Siqueira”, comentou Amarilis de Rebuá. “A família de José Siqueira não quis doar o seu acervo, o que lamentamos, porque não confiaram. Tentamos trazer para cá, mas ele foi doado, há cerca de quatro anos, para a Escola de Música do Rio de Janeiro”.

A musicóloga destacou algumas partituras de José Siqueira que consideram raras e integram o acervo do CDPM. “Um exemplo é o ciclo de canto, com oito canções populares brasileiras para canto e piano, que tem tanto o

impresso como cópias de Adhemar. Grande parte das partituras de José Siqueira é de canto, porque ele foi casado com a cantora lírica Alice Ribeiro, para quem escrevia. Ele tem partituras para orquestra, para quinteto de soprano, violino e piano. Muita coisa é autografada e algumas são originais. É muito interessante porque ele mantém as características da música nordestina”, disse Rebuá. “No acervo do 1º Batalhão da PM, em João Pessoa, também encontrei duas partituras manuscritas de José Siqueira para a Banda da Polícia Militar quando ele assinava Juca Siqueira, sendo uma valsa e a outra, talvez, algum dobrado e que, provavelmente, vou incluir no acervo”.

A pesquisadora também ressaltou que o acervo inclui exemplares dos livros didáticos sobre canto, de autoria do regente paraibano: *Sistema Pentatônico*



Foto: Arquivo A União

Cerca de 40 partituras do maestro já foram recuperadas e serão digitalizadas para divulgação

*Brasileiro, Música para a Juventude, O Sistema Modal na Música Folclórica do Brasil e Modulação Passageira*, todos publicados pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

“Por incrível que pareça, as coisas de José Siqueira que são executadas no Brasil, como as par-

tituras de canto, foram localizadas aqui no Centro de Documentação e Pesquisa Musical. Com a recuperação, reorganização, catalogação e higienização e digitalização das partituras de José Siqueira e do acervo, vamos divulgar esse material para o mundo inteiro”, comentou Amarilis de Rebuá.

## A decadência da Seleção Brasileira

Não tenho como afirmar que a atual Seleção Brasileira seja a pior da história. Não vi todos os times do passado atuarem.

A sensação que tenho, no entanto, é que jamais no país houve time tão medíocre. Sei que muitos amigos meus também acham isso e que a cada dia as pessoas estão menos interessadas em ver jogos da Seleção Canarinho.

Certamente não é possível explicar a decadência do nosso futebol a partir de uma simples relação de causa e efeito. O fenômeno tem múltiplas determinações e, portanto, requer uma abordagem mais complexa.

Nunca estudei a fundo o tema, mas tenho cá minhas especulações.

O primeiro ponto é muito evidente: disparidade econômica entre o Brasil e a Europa. As principais ligas europeias movimentam bilhões de euros, garantindo uma capacidade de investimento que somos incapazes de concorrer, o que se agrava com a desvalorização da nossa moeda.

Difícilmente os nossos jogadores mais talentosos permanecem atuando no país. Isso gera algumas consequências imediatas: o processo final da formação dos jogadores brasileiros se completa na Europa, o que acaba afetando nossa singularidade no jeito de jogar futebol.

Hoje é difícil falarmos numa escola brasileira de futebol, como existia no passado. A dominação europeia imposta através do mercado internacional produziu uma padronização na forma de jogar que atingiu, em cheio, as nossas particularidades culturais. O mesmo aconteceu com a Argentina.

Outro aspecto dessa evasão de jogadores é a baixa identificação que eles provocam em relação aos torcedores brasileiros. Nas últimas três Copas do Mundo, pelo menos, muitos de nós desconhecemos parte dos atletas convocados.

A paixão do torcedor em relação aos jogadores da seleção sempre foi um ingrediente fundamental para gerar engajamento e interesse nos torcedores. No passado a convocação da Seleção Brasileira “parava o Brasil”. Todo mundo queria saber quais atletas seriam convocados, se o craque do time que torcíamos seria chamado. Era um tema que levava a grandes discussões nas mesas de bar.

A Copa América que está acontecendo no Brasil é um exemplo da decadência da nossa seleção. A equipe comandada pelo técnico Tite joga um futebol insípido, sem criatividade, burocrático. A magia e a arte do futebol brasileiro ficaram no passado, por mais que não queiramos admitir.

Em grande medida, o problema também está no processo de formação dos jogadores. As categorias de base impõem um tipo de padronização que não valoriza a inventividade, o drible e a plasticidade, mas o disciplinamento tático. Além disso, jogadores que estão fora de determinados padrões físicos muitas vezes são descartados, apesar de possuírem boa técnica.

A quase extinção dos campos de várzea é outro fator que acaba afetando o processo de formação. Os campinhos de várzea permitiam que a técnica fosse transmitida informalmente, num processo em que uma geração transmitia à geração mais nova seus conhecimentos.

Nesse cenário, a criatividade e o improviso eram bastante valorizados e a própria qualidade ruim dos campos exigia maior capacidade técnica dos jogadores. Antigamente a imprensa esportiva chegava a dar destaque aos campeonatos de várzea nos jornais impressos.

Vários craques da Seleção Brasileira como Romário, Rivaldo, Edmundo e Garrincha, por exemplo, começaram na várzea... a lista é gigantesca.

## Estética e Existência

**Klebber Moux Dias**  
klebmaux@gmail.com | colaborador

## A reconstrução estética dos afetos

A obra de arte expressa a existência humana e na arte o sentido à vida tem a necessidade de pertencimento, porque a dignidade surge ao transcender as angústias a partir do sentido estético. A psicanálise apresentou – na natureza humana – uma região “inacessível” que constitui o pertencimento do indivíduo, que se caracteriza como algo sem inteligibilidade e que a razão não consegue demonstrar sua existência. E se apresenta como uma energia psíquica que se desloca em forma de pulsões e influencia a forma de pensar, de agir e a sensibilidade. Essa energia psíquica se condensa numa cadeia de representações que se caracteriza como um prazer que é substituída pela percepção para com a realidade. Dessa forma, o indivíduo é influenciado por essa realidade externa e se constitui, de forma fragmentada, numa cultura que ele está inserido. Nesse contexto, a existência humana é constituída de prazer e desprazer e – nesse conflito em errâncias – é estabelecido a tensão entre o consciente e inconsciente, entretanto, é na cultura que o indivíduo amortece suas tensões e mantém a continuidade da própria existência, é dessa forma que esse indivíduo sublima e constrói a própria dignidade em um gosto estético, a fim de suportar-se diante dos insuportáveis conflitos internos e externos.

A arte constrói o pertencimento humano diante das tensões de errâncias da existência, isso permite a natureza humana suportar e superar os próprios conflitos e de se expressar esteticamente à sensibilidade e ao comportamento. Essa construção – da dignidade – surge na cultura e se manifesta através do regionalismo, do folclore e nacionalismo. Nesse contexto, faz-se necessário diferenciar esses conceitos. Em relação ao regionalismo, seja rural ou urbano, deve-se considerar a representação de elementos constituídos a partir duma localização geográfica, que são criados através de fatores históricos; também, do comportamento, do sentimento coletivo, do gosto culinário e musical e das condições naturais duma região fixa, tendo na linguagem uma forte característica e decisiva influência. O regionalismo é identificado por representar a nostalgia duma determinada região, e as lembranças preservam as características históricas duma comunidade. Essa tese foi legitimada pelo brasileiro, nascido em Natal, o historiador, sociólogo, musicólogo, antropólogo, etnógrafo, folclorista, poeta, cronista, professor, advogado e jornalista Luís da Câmara Cascudo (1898-1986). Ele pesquisou as características próprias



Arte como a música refaz a dignidade dos afetos

dos campos e das cidades; também, a beleza do encantamento das lembranças regionais do passado da cultura popular. Câmara Cascudo descreveu no cenário brasileiro o testemunho de uma experiência sertaneja e a cosmovisão da região do Nordeste brasileiro. Entre as suas obras que tratam desses temas são: *Contos Tradicionais do Brasil* (1946); *Geografia dos Mitos Brasileiros* (1947); *Lendas Brasileiras* (1945); e *Antologia da Alimentação no Brasil* (1977).

Em relação ao folclore, o escritor inglês William John Thoms (1803-1885), em 1846, criou o conceito folk-lore, que significa “saber tradicional de um povo”. Nos dias atuais, o folclore é constituído de anonimato; de aceitação coletiva; de transmissão oral e espontaneidade. O folclore apresenta a simplicidade, as suas expressões são individuais ou coletivas, que são transmitidas entre gerações, e, por ser tradicional, nunca se modifica. O folclore se fixa por meio de mitos, contos, música, dança, credices, jogos, brincadeiras e festas populares. A Unesco, vinculada à Organização das Nações Unidas (ONU), reconhece o folclore como Patrimônio Imaterial Cultural, por preservar as diferentes manifestações culturais de um povo. Em relação ao nacionalismo, o criador das teses que fundamenta o nacionalismo – que influenciou a construção das identidades dos países – foram apresentadas pelo filósofo alemão Johan Gottfried von Herder (1744-1803). Essas teses estão apresentadas nestes livros: *Ensaio Sobre a Origem da Linguagem* (1772); *Filosofia da História para a Educação da Humanidade* (1774); *Ideias Sobre a Filosofia da História*

(1784/1791). Herder estabeleceu as leis gerais do desenvolvimento da história da humanidade e fez estudos sobre as culturas de diversos povos. Uma de suas teses afirma que a poesia é a identidade de um povo, e é impossível a sobrevivência da arte em condições de tirania, que esteja relacionada com o abuso de poder e ódio.

As mais brutais e temidas emoções humanas estão adocidas pelo medo, ódio e desintegração psíquica do indivíduo. Uma das defesas para sobreviver diante desse terror é o diálogo interno, que pode ser construído através da poesia; da pintura; da escultura; da música e da arte em geral. A dignidade humana, construída a partir da arte, conduz a existência do indivíduo a uma experiência estética interna, e desloca as tensões do mundo para dentro de um ambiente estético desse indivíduo. É na sensibilidade que os sentimentos de solidão e loucura são sublimados através dos impactos de beleza da obra de arte para a reconstrução dos próprios afetos. Diante da estética existencial da arte, é possível suportar-se nas próprias errâncias, nas perdas de sensibilidade e a própria intuição. A arte reconstrói afetos e cria a beleza de existir. A estética une as expressões do folclore, do regionalismo e nacionalismo à sensibilidade do comportamento humano. É através da poesia que se tem a virilidade das virtudes para a dignidade humana e a construção do bem-estar social, a fim de harmonizar a racionalidade com a sensibilidade, dessa forma, deve-se priorizar a existência estética com a simplicidade e o gesto espontâneo.

Concluo com o *Idílio/Trajeto a Jacumã*, de Luana Moura:

*Sobreviventes às pedras  
Pairamos sobre as águas correntes  
Do Maceió...  
Encontramos o amor.*

*O amor, traiçoeiro, nos faz retornar  
às pedras,  
Tão cruéis foram as pedras,  
Que o mar se estrepou*

*Estrepou-se o amor  
Sobre as pedras.*

■ Sinta-se convidado a audição do 324º Domingo Sinfônico, deste dia 27, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer peças de Franz Liszt (1811-1886).

## Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

## A Frigidaire de Belchior

A semana passada, numa conversa com Sandra Pêra, ex-Frenéticas, que acaba de lançar um disco com as canções de Belchior, perguntei se alguma música tinha ficado de fora, como sempre quando acontece de um artista fazer releitura de outro.

Belchior de uma obra não tão vasta, mas com muitos sucessos que nunca sairão do imaginário das pessoas que o conheceram ou continuam seus fãs, mesmo depois do artista morto. É natural. Primeiro morre o homem, depois seu nome.

Sandra lembrou que apenas uma canção ficou de fora, ‘Balada de Madame Frigidaire’, que é muito pouco conhecida do público, que Belchior gravou no final da década de 1980. A cantora iria gravar, mas a filha Amora lembrou que não seria bom gravar ‘Madame Frigidaire’, neste momento. Logo entendi o porquê.

‘A Balada de Madame Frigidaire’ (de *Elogio da Loucura*, 1988), traz o consumismo abordado de forma particular, que compartilha com muita gente, suas ideologias e idiosincrasias, ou talvez, ideologia anarquista.

“Pra que Deus, Dinheiro e Sexo, Ideal, Pátria e Família, se alguém já tem frigidaire?”, ironiza a letra. O autor de ‘Rock-romance de um Robô Goliardo’ (de *Cenas do Próximo Capítulo*, 1984) compôs o que pode ser considerado um hino da anarquia na música brasileira: Talvez, não.

“E não me chamem irresponsável. Para que, levar a vida, assim tão a sério? Afinal, a vida é mesmo uma aventura da qual não sairemos vivos?”. Aí Belchior acertou em cheio. Mas esqueceu que nada levaremos, sequer a madame quando passa com seu vestido grená.

A questão da geladeira nos remete para o pior noticiário, o pior momento brasileiro, quando milhares de geladeiras estão vazias nas casas de gente que ficou desempregada, cenas desastrosas da desigualdade, tantos com geladeiras cheias e muitos com geladeiras vazias. E outros tantos que nem geladeira possuem.

A geladeira da canção de Belchior é uma festa e ele consegue dialogar com ela, numa loucura sem tamanho. É como se ela fosse a bolha, só que estamos sempre entrando e saindo dela. Para pegar queijos, presuntos, abacaxi em rodela, geleias, o resto do almoço para esquentar no micro-ondas.

É inegável a importância de Belchior para a MPB e o lançamento do disco de Sandra Pêra, com as canções ‘Medo de Avião’, ‘Mucuripe’, ‘A Palo Seco’ e ‘Na Hora do Almoço’, entre outras.

Um disco lindo, a voz da cantora potente, com arranjos novos, mas Sandra acertou em não gravar ‘Balada de Madame Frigidaire’.

“Ora! Desde muito adolescente me arrepio ante empregada debutante / Uma elétrica doméstica então / Que sex-appeal! Dá-me o frio na barriga / Essa deusa da fertilidade, ready made a la Duchamp, já passou de minha amante / Virou superstar, a mulher ideal, mais que mãe, mais que a outra / Puta amiga”. Até que a canção é performática e quase que eu canto no banheiro.

Nessa canção, Belchior consegue sair da geladeira e se encontrar Andy Warhol, lembrar que o papa era pop, e um amigo seu xarope, além do jargão “É Freud, rapaziada!” Vir a cair na cantada de um objeto mulher. “Eu me consumo, madame! E a classe média que mame se o céu, a prazo, se der”.

Três canções igualmente fundamentais e menos conhecidas, por exemplo, são ‘Pequeno Perfil de um Cidadão Comum’ (de *Era uma Vez um Homem e o seu Tempo*, 1979), ‘Monólogo das Grandezas do Brasil’ (de *Paraíso*, 1982) e ‘Baihuno’ (do disco homônimo, 1993), que trazem o triste relato da vida de milhões de brasileiros nas metrópoles, um retrato do migrante que sangra na cidade grande e sonha em voltar para o Sertão de onde saiu.

Alucinação? Não, Belchior já voltou para casa faz tempo...

### Kapetadas

1 - O “não” a gente já tem, agora vamos atrás do “eu nem queria”.

2 - João amava Teresa que não amava ninguém e pronto acabou.

3 - Som na caixa: “Ano passado eu morri/ Mas esse ano eu não morro”, dele.

Foto: Divulgação



Cantor e compositor cearense Belchior, morto em 2017, aos 70 anos

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

## 'Lupin': O conflito entre ser esperto ou homicida

O lançamento da parte 2 do seriado *Lupin*, que vinha sendo aguardado há alguns meses, se confirmou nesse último dia 6, findando a expectativa dos quantos assistiram à primeira parte. Produção francesa da Netflix, com direção conjunta de Ludovic Bernard, Marcela Said e Louis Leterrier, a série deveras marcou nos primeiros capítulos um grande interesse dos telespectadores. Não é uma excelente realização, mas diverte e muito as estripulias do hábil golpista. É certa a afirmação de que, em função dos tempos de hoje – quando o preconceito é uma prática comum, sobretudo de cor, e vem assolando como mais uma forte pandemia –, o seriado *Lupin*, cujo personagem Assane Diop (um expert e elegante *tricheur* parisiense) e interpretado pelo ator negro francês Omar Sy, seria um balde de água fria nas pretensões daqueles que usam da discriminação racial como status social.

Pelos registros que se conhece, o romance francês de Maurice Leblanc sempre foi adaptado com protagonistas não negros, tipicamente franceses, e utilizando de uma atmosfera cênica de época, digamos inglesa; beirando à *Sherlock Holmes*. Aliás, em razão dessa semelhança, o personagem de Arsène Lupin é sempre visto como uma espécie de "ladrão de casaca", aquele bem vestido e ardiloso que vai deixando com o tempo transmutar-se em detetive. Por isso mesmo, já existem especulações totalmente equivocadas na rede – acredito serem *spoilers* –, de que Assane Diop (*Lupin*) quando foge de Paris, perseguido pela polícia, vai morar em Londres, e lá se encontra com *Sherlock Holmes* para novas aventuras. Mas como, se *Holmes* sempre foi um personagem londrino do final do século 19?



Foto: Divulgação

Francês Omar Sy no papel principal de Assane Diop, em 'Lupin', cuja segunda parte está disponível na Netflix

Nas versões anteriores, não seria, mas em filme, como a realizada em 2004 e dirigida por Jean-Paul Salomé, por exemplo, *Lupin* é de família branca, numa atmosfera de início do século 20, com base aristocrático-religiosa bem forte, típica aos padrões da época. Na versão atual, a história se passa na Paris de hoje, fazendo ainda da tecnologia midiática e sofisticada uma arma poderosa contra as ações de delinquência na atual sociedade.

Um dado curioso permanece como narrativa, em *Lupin*. Aliás, vem de encontro ao próprio romance de Leblanc, que seria o conflito existente entre o obstinado vingador da morte de seu pai e sua consciência de não homicida nas ações violentas do próprio Diop. A exemplo dos capítulos anteriores, as ações do personagem Assane Diop se concentram na vingança a um rico empresário, responsável pelo assassinato de seu pai. O influente Pellegrini é dono de uma fundação be-

neficiente, mas que serve na lavagem de dinheiro junto aos outros comparsas dos cenários político, policial e governista. O que dificulta ainda mais a Diop de se livrar das acusações de roubos e homicídios que lhe são atribuídas.

Mas o epílogo dessa vingança de Diop não poderia ser menos apoteótica, sendo justamente assistida e testemunhada pela aristocracia parisiense, em um dos renomados teatros de Paris. Quando de público, ele denuncia as falcatruas do patrocinador daquela noite de gala e responsável pelo assassinato de seu pai, mas é fortemente perseguido pelos policiais. E, mais uma vez, escapa do cerco, deslizando pelas águas do Sena em mais uma bela noite da Cidade Luz. Apesar de tratar de um tema sério, *Lupin* tem instantes hilários e deliciosos, o que faz do seriado cativante. Mesmo que a narrativa, às vezes, tropece no imponderável. – Mais "coisas de cinema", acesse: [www.alexantos.com.br](http://www.alexantos.com.br).



## 'Correio das Artes' lembra Jurandy Moura

O poeta e cineasta Jurandy Moura, integrante da Academia Paraibana de Cinema (APC), está sendo lembrado na publicação deste domingo (27) da edição do 'Correio das Artes'. A informação foi prestada esta semana à diretoria da APC pelo editor da revista e de A União, o jornalista André Cananéa.

Jurandy Moura, que é patrono da cadeira 15 da APC (ocupada pelo ator paraibano Fernando Teixeira), teve participação ativa na cinematografia e na poesia paraibanas. Foi membro da Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba e realizador de alguns curtas, inclusive *Padre Zé Estende a Mão*.

## Novos livros de Martin Luther King Jr. estão sendo garimpados em seu acervo

M<sup>re</sup> Fernanda Rodrigues  
Agência Estado

Martin Luther King (1929-1968), um dos mais importantes líderes dos movimentos pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos e vencedor do Prêmio Nobel da Paz em 1964, está de editora nova. A HarperCollins acaba de anunciar um acordo global com o espólio do ativista e pastor assassinado em 1968 e, com isso, se torna a editora oficial do acervo do Martin Luther King Jr.

Esse acervo inclui alguns dos textos mais importantes da literatura norte-americana, como seus célebres discursos, e a ideia é publicar livros a partir deste acervo – para todas as idades, em todos os formatos e nos mais variados idiomas – além de reeditar sua obra.

A HarperCollins é um dos maiores grupos editoriais do mundo e está presente em 18 países – no Brasil, inclusive. Ela foi responsável pela publicação do primeiro livro de Martin Luther King, *Stride Toward Freedom: The Montgomery Story*, em 1958. Entre os outros títulos dele que ela editou ao longo da história, está *Strength to Love*, de 1963,

que o apresenta como um visionário pregador carismático e atencioso ao mesmo tempo em que enfatiza o amor como uma força de mudança política e social.

Para garimpar este acervo e facilitar o acesso dos editores do grupo, haverá um arquivista. E as editoras se concentrarão na parceria com acadêmicos, artistas, intérpretes e ativistas sociais negros para a criação de novos trabalhos a partir desse material histórico.

"O Espólio King sente-se feliz em retornar os direitos do acervo literário do Dr. King à sua editora original. A mensagem profética de paz, esperança, amor e igualdade do Dr. King continuam a impactar o mundo até hoje. Essa mensagem é mais necessária que nunca. Ansiamos por poder utilizar o alcance global da HarperCollins na perpetuação do incrível legado do Dr. King em novos e criativos projetos literários," disse Eric Tidwell, diretor e conselheiro da Intellectual Properties Management, Inc., gestora do espólio do ativista, em comunicado.

Também em comunicado, Brian Murray, presidente

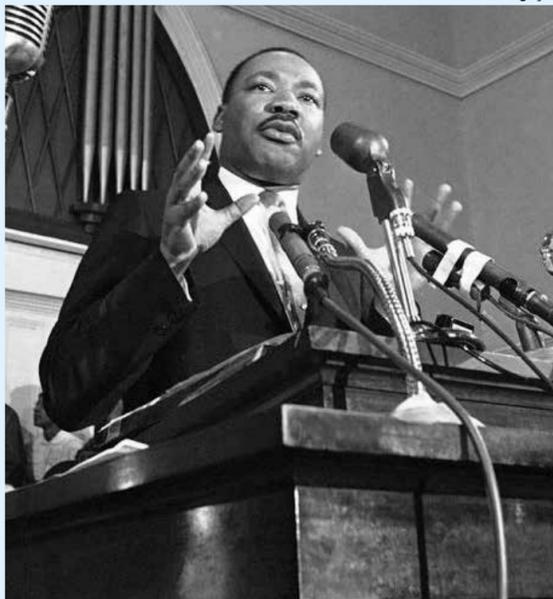


Foto: Divulgação

Editora HarperCollins vai reeditar toda a obra do ativista norte-americano

e CEO do Grupo HarperCollins Publishers, disse: "Dr. King tem sido uma inspiração para gerações ao redor do mundo. Sentimos orgulho de termos sido a editora original dos primeiros livros do Dr. King, e estamos animados com a possibilidade de expandir o alcance de suas palavras de novas formas. Ansiamos pela oportunidade de lembrar aos leitores o quão

atemporal são as palavras do Dr. King, e como esses temas continuam a ressoar ao redor do globo".

A expectativa é de que os primeiros lançamentos sejam publicados nos Estados Unidos em janeiro de 2022, para coincidir com o Dia Martin Luther King Jr., que, no ano que vem, será no dia 17. Os lançamentos no Brasil ainda não foram definidos.

## Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho  
hildebertopoesia@gmail.com

## 'Odisseia' e 'Ilíada'

Não sei se acontece com você, meu caro leitor, mas comigo, às vezes, acontece de pensar alguma coisa como se fosse uma ideia minha, e, me deparar, mais adiante, com essa ideia já formulada por outrem. Ora, com outras palavras e em contexto diverso; ora, quase com as mesmas palavras e em contextos afins.

Por exemplo: sempre pensei que em toda narrativa existe uma *Odisseia* ou uma *Ilíada* por dentro, embutida nos seus pressupostos de ação, espaço e tempo, embora com situações díspares, uma vez que toda narrativa é viagem e conflito.

Pois não é que, lendo Alberto Manuel, em suas *Notas para uma definição do leitor ideal*, encontro a seguinte passagem, no capítulo *Leituras guerreiras*: "Raymond Queneau observou que toda grande obra de arte é ou a *Odisseia* ou a *Ilíada*, porque toda vida é uma viagem e toda vida é uma batalha".

Nunca li Raymond Queneau. A descoberta me entristece e me alegra ao mesmo tempo. Tristeza, porque foi pelos ares minha suposta e ingênua originalidade; alegria, porque, pelo menos, parece que estou em boa companhia no plano das ideias. Certamente, quem muito lê, acaba, de uma maneira ou de outra, assimilando sinais e significados que circulam pela memória intelectual da coletividade. E, uma vez mais, recupera-se a verdade imanente da sabedoria do *Eclesiastes*: "Não há nada novo debaixo do sol".

As obras de arte, os romances, os contos, os poemas, no elemento central de sua estrutura, há como que uma componente narrativa. Por outro lado, é impossível a narrativa sem o deslocamento, sem a mudança, sem a transformação, assim como sem as tensões, os contrapontos, os embates, os pontos de estrangulamento. Portanto, sem viagem e sem guerra.

Tudo, ao fim, é viagem. *A guerra está em nós*, lembra-nos o saboroso título de Marques Rebelo. Viagem objetiva ou subjetiva, exterior ou interior, geográfica ou psicológica, mítica ou existencial. Guerra real ou imaginária, entre exércitos ou entre indivíduos, homem ou animal, campo ou cidade, realidade ou sonho, entre tantas possibilidades que a imaginação criadora pode converter no produto estético.

A viagem e a guerra me parecem situações arquetípicas, modelos abertos e flexíveis, signos plurais que podem se estratificar em experiências singulares a conter o particular e o universal dentro de seu território semântico e pragmático. De outra parte, a viagem e a guerra, ou seja, a *Odisseia* e a *Ilíada*, quase sempre se mesclam e se interpenetram no tecido móvel das outras narrativas. Parece mesmo que não existe viagem sem guerra, nem guerra sem viagem. Uma por dentro da outra como ligas indossíveis.

Eu tenho razão. Raymond Queneau também. As duas categorias, não importa se estéticas ou filosóficas, se empíricas ou científicas, se descritivas ou analíticas, podem resumir o enredo multifário de todas as narrativas literárias. Ler, portanto, poderia começar pela descoberta da viagem ou da guerra.

Que viagem, por exemplo, faz Riobaldo, no *Grande Sertão: Veredas*? Que guerra o envolve nos campos de batalha da narrativa? Sua história é mais *Odisseia* do que *Ilíada* ou *Ilíada* mais que *Odisseia*? Existem mesmo ingredientes da guerra no seu insólito, enviesado e oblíquo amor por Diadorim? Sua oralidade narrativa exibida a um interlocutor silencioso e anônimo não seria o repouso do guerreiro, o balancete da longa viagem?

Que armas procura Gregor Samsa para enfrentar a incompreensão da família, depois que acaba transformado em inseto, em *A metamorfose*, esse texto diabólico de Kafka? Não vive ele uma insólita guerra interior? Não faz ele uma estranha viagem pelas regiões escuras da alma? E já que referi Kafka, como não ler o percurso asfixiante de K., em *O processo*, sem a lógica insinuante desse roteiro?

Então, caro leitor, vamos viajar, vamos curtir o sabor da guerra. Cada texto pode nos dar exemplos dessa extraordinária aventura que está nos livros, mas também cá dentro de nós, até que na última guerra façamos a viagem final.

# Contos de Leonora Carrington exploram surrealismo insólito

Livro reúne melhores histórias escritas pela artista plástica, cuja obra retrata figuras que não se encaixam na sociedade

Ubiratan Brasil  
Agência Estado

Entediada com a própria família, garota resolve enviar uma hiena em seu lugar na festa de debutante, causando horror e perplexidade aos convidados e à sua mãe. Enquanto isso, uma mulher participa de um estranho jogo de damas com os ministros de uma rainha, cujo vencedor levará a monarca ao zoológico, onde será devorada pelo leão. O traço surreal não é novidade na literatura da inglesa Leonora Carrington (1917-2011), cujos melhores trabalhos estão reunidos em *Um Conto de Fadas Mexicano e Outras Histórias*, lançado agora pela Iluminuras. Trata-se de uma seleção em que o insólito ganha ares de normalidade a partir de uma imaginação surrealista.

Leonora Carrington foi mais conhecida como artista plástica, uma das poucas pintoras e escultoras que se filiaram ao surrealismo, movimento que, fortemente influenciado pelas teorias psicanalíticas de Freud, enfatizava o papel do inconsciente na atividade criativa.

Seus membros à época do surgimento (anos 1920 e 30) eram quase exclusivamente homens, o que transformou a arte de Leonora, mais que em uma opção artística, em uma tomada de posição em favor da liberdade de expressão da mulher em sua totalidade. Afinal, as artistas associadas ao movimento eram vistas por seus colegas masculinos nada mais do que como modelos de musas.

“Não tive tempo para ser a musa de ninguém, pois estava muito ocupada me rebelando contra minha família e aprendendo a ser uma artista”, disse Leonora, certa vez.

De fato, sua atribulada trajetória começou cedo quando, jovem, recusou as regras dos internatos católicos – ela se refugiava nas fábulas irlandesas e na obra de escritores ingleses como Lewis Carroll, Jonathan Swift e Beatrix Potter.



Foto: Gabriel Weisz/Divulgação

Inglesa foi mais conhecida como artista plástica, uma das poucas pintoras e escultoras que se filiaram ao surrealismo; ‘Um Conto de Fadas Mexicano’ traz dez histórias que oferecem um amplo painel das influências de Carrington

Aos 19 anos, iniciou um relacionamento com o pintor Max Ernst (cuja pintura *Duas Crianças Ameaçadas por um Rouxinol*, de 1924, exercia nela um fascínio particular), com quem morou no sul da França, onde eles hospedavam seu círculo de amigos surrealistas.

Com a ocupação nazista da França em junho de 1940, Leonora fugiu e, depois de circular, chegou na cidade espanhola de Santander, onde foi internada em um hospital psiquiátrico depois de sofrer um colapso emocional. Após um breve período em Nova York, Leonora se mudou, no final de 1942, para a Cidade do México, na qual viveria o resto de sua vida.

## México

Lá, juntou-se a uma comunidade crescente de artistas, escritores e fotógrafos expatriados, incluindo seu novo marido, o húngaro Imre Weisz. Foi no México também que Leonora reviveu seu fascínio infantil pelas fábulas irlandesas, permitindo-lhe descobrir a força mística da culinária, da cura e das mitologias.

Um de seus quadros, por exemplo, *Kitchen Clock* (1943), mostra como ela observava a

cozinha não apenas como um lugar de rotinas domésticas, mas como um reino mágico, no qual as mulheres podiam realizar atos de transformação alquímica. Já em *And Then We Saw the Daughter of the Minotaur* (“E então vimos a filha do Minotauro”), de 1953, ela retrata seus dois filhos pequenos Gabriel e Pablo entre criaturas místicas e bolas de cristal, possivelmente aguardando um ato de adivinhação.

“O sonho, o delírio e o conto de fadas são alguns dos ingredientes mais importantes destes textos”, observa o poeta e artista plástico Sérgio Medeiros, no prefácio de *Um Conto de Fadas Mexicano*, cujas histórias foram recuperadas em suas versões originais ao longo de um exaustivo trabalho de pesquisa na França e no México realizado por Dirce Waltrick do Amarante (também responsável pela tradução) e Nora M. Basurto Santos.

São dez histórias que oferecem um amplo painel das influências recebidas por Leonora ao longo da vida, decisivas não apenas na construção de sua imaginação como também nas nuances linguísticas, uma vez que foram originalmente escritas em três idiomas.

“Em seus contos, as personagens estão em um mundo do qual desconhecem as regras, um mundo absurdo que flerta muitas vezes com o horror bárbaro”, observa Dirce, lembrando-se do protagonista do conto *O Apaixonado*, que guarda o corpo de sua amada nos fundos de sua banca de verduras e frutas. “As lendas irlandesas, os mitos clássicos e mexicanos, a alquimia, a magia, o tarô, entre outras influências esotéricas, alimentaram as criações artísticas de Carrington”.

Dirce aponta também o detalhe de os contos apresentarem os adultos como pessoas muitas vezes violentas e cruéis, reflexo da relação conflituosa que manteve com os pais e também com os professores de diversas escolas tradicionais inglesas, das quais foi expulsa por não se adaptar às regras preestabelecidas.

“Esse é o caso do pai dos meninos de *Um Conto de Fadas Mexicano*, que bebe e agride os filhos, e do progenitor da protagonista de *A Dama Oval*, que, para educar a filha, queima seu brinquedo favorito: ‘Você é bem grandinha para brincar com Tártaro. Tártaro é para crianças. Portanto, eu mesmo vou queimar o Tártaro até que não reste mais



Imagem: Divulgação

nada dele”, destaca a tradutora. “Sua aproximação com o mundo dos sonhos e, conseqüentemente, com o surrealismo parecia, portanto, natural”.

“A vegetação ao luar expõe seus braços vivos, enquanto uma mulher alienada parece possuir asas... Essas metamorfoses são frequentes no universo de Leonora Carrington, no qual, no entanto, a magia não suaviza a raiva e o sofrimento dos protagonistas (quase todos femininos), fato que só acentua a angústia de vidas que não se encaixam de jeito nenhum nos padrões de comportamento ditos normais”, continua Sérgio Medeiros, para quem a sombra aterrorizadora da morte é um tema muito concreto na literatura da escritora.

Também a obra pictórica de Leonora Carrington está povoada de representações iconográficas de animais fantásticos e também reais – ela usava a simbologia de feras para representar o amor e a liberdade, tanto

na pintura como na literatura. “E, ao contrário da representação feminina na obra de Dalí, de Breton ou de Man Ray, em que criam imagens do mundo exterior e da mulher correspondentes a seus desejos, na obra de Leonora, como também na da mexicana Remedios Varos e da argentina Leonor Fini, a mulher aparece ainda fazendo a conexão com a terra, com a intuição e com o conhecimento”, observou a crítica Berta Sichel, em artigo publicado no jornal O Estado de S. Paulo, em 1998.

Ao longo de sua carreira de oito décadas, Carrington continuou a explorar o mistério do mundo ao seu redor; buscando assuntos que transmitiam seu interesse pelo sagrado – ainda que desvinculado de qualquer religião – e pelos segredos da psique humana. Ao final da vida, costumava dizer: “A única coisa que sei é que não sei”, evocando a máxima do filósofo grego Sócrates sobre o infinito conhecimento.

## Essas coisas

Carlos Aranha  
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

## A relação de Glauber e Anecy Rocha, mais Caetano

Carlos Alberto Mattos é jornalista, crítico de cinema, amante de documentários, autor de biografias, montador amador e – como ele próprio se classifica – um “viajante apaixonado”.

Como contribuição à biografia de Caetano Veloso lançada no Facebook, Carlos Alberto postou um trecho do seu livro *Walter Lima Jr. - Viver cinema*. Nele, Caetano conta sua primeira relação sexual com uma mulher, no caso Anecy, irmã de Glauber, casada na época com o cineasta Hans e futura mulher de Walter Lima, diretor de *Menino de Engenho* (Anecy foi atriz principal do filme). Segue-se um trecho do livro de Carlos Alberto:



“A relação entre Glauber e Anecy (foto) era de proteção e devoção extremas. Mais ainda depois que a irmã do meio, Ana Marcelina, tratada como menina-prodígio e apresentada às visitas tocando piano e acordeon, morreu de leucemia aos 11 anos de idade.

Foto: Divulgação



Na ausência do pai à frente da administração da casa, Necy acostumou-se a ver o irmão como chefe da família. Consultava-o antes de qualquer decisão, ao que Glauber reagia como um preposto de Adamastor. Não lhe permitia namorar ou viajar, controlava

sua maneira de vestir-se e sempre queria saber aonde ela ia e a que horas voltaria. O biógrafo de Glauber, João Carlos Teixeira Gomes, supõe que ele tentava proteger a irmã dos perigos da sexualidade masculina.

De qualquer modo, não se pode acusá-lo de empunhar seus escudos contra o vazio. Seus próprios amigos eram apaixonados por Necy. Era preciso estar atento e forte. O mais fiel companheiro poderia,

de uma hora para outra, transformar-se num perfeito cafajeste. A mistura de beleza, sensualidade, alegria e ternura da irmã era, afinal, irresistível. Além do mais, o apego de Anecy à liberdade também não deixava sua cabeça descansar em paz.

O fato de estar casada não a impediria de viver uma aventura amorosa. Uma delas ocorreu nos estertores do casamento com Hans Bantel, durante uma viagem de Anecy a Salvador. Numa caminhada de fim de tarde pelas areias do porto da Barra, o diretor de teatro Álvaro Guimarães apresentou-a a um jovem magro e cabeludo, tímido estudante da Faculdade de Filosofia que cultuava Chet Baker e adorava cinema. Caetano Veloso ficou deslumbrado com aquela mulher ‘visceral e espontânea, linda e muito engraçada’. No dia seguinte, Alvinho contou-lhe que ela também ficara impressionada por ele. Marcaram novo encontro.

Ela confessou-lhe que precisava se separar do marido. Descobriu que seu casamento era ilusão e encontrava-se mais presa à família do que antes. De repente, puxou-o pelo braço: ‘Olhe, vou levar você pra conhecer a coisa mais linda da Bahia’.

Na rampa do Mercado Modelo, tomaram um barquinho a remo conduzido por um menino e rumaram para o forte de São Marcelo, a construção circular que domina

a paisagem da Bahia de Todos os Santos. Ali o pequeno condutor desembarcava os passageiros e cuidadosamente afastava-se. Diante de uma visão de Salvador que até então desconhecia, Caetano teve o que sintetiza como ‘uma iniciação privilegiada, grandiosa’. Caetano mescla poesia e memória para descrever sua primeira mulher; aquela que, como confessou no livro *Verdade tropical*, desempenharia um papel decisivo em sua vida: ‘Tudo dela brotava naqueles dentes muito brancos como coco. Ela tinha os lábios muito carnudos como uma fruta, o cabelo muito preto. O sorriso se parecia com o do Glauber, espremendo os olhos’. No vídeo *Alvorada segundo Kryzto*, realizado por Paloma Rocha e Raul Soares em 1986, ele daria o seguinte depoimento: ‘Antes de eu conhecer Necy, o amor para mim era alguma coisa do mundo das sombras, do mundo da morte. Necy foi para mim a porta para o amor-vida’.

Pouco depois do mágico encontro no forte, Caetano visitou-a no Rio, durante uma ausência de Hans. De repente, alguém mexeu na porta do apartamento e Anecy saltou, assustada. Quando viu que era Glauber, pôs-se ainda mais nervosa. O irmão chamou-a na cozinha e ela tentou tranquilizá-lo, dizendo que sua companhia era apenas ‘um amigo bicha de Salvador’.



# “Enquanto reitor, tenho um único partido: a UFPB”

## Para professor, a esquerda criou “feudos” e privatizou a universidade para atender a interesses próprios

**Ademilson José**  
ademilson2019jose@gmail.com

Alvo de intensas críticas, principalmente por parte de setores de movimentos sociais, políticos, sindicais e estudantis, considerados de esquerda, desde quando foi nomeado pelo presidente Jair Bolsonaro (sem partido) em novembro do ano passado, o reitor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Valdiney Gouveia, resolveu falar politicamente sobre os fatos.

“Enquanto reitor, tenho um único partido: a UFPB”, afirma ele, ao rechaçar acusações de que estaria no cargo muito mais como interventor do que como reitor. Ele analisa que um dos motivos geradores dessa avalanche de críticas à sua gestão é o fato de os setores acadêmicos de esquerda se sentirem contrariados.

“Eles privatizaram a universidade para seus interesses, criando feudos e demonstrando aversão a mudanças, sobretudo que visassem tornar a UFPB efetivamente pública e transparente, longe de apadrinhamentos e vantagens”, rebate o professor Valdiney.

Essa pendenga ganhou um novo capítulo no começo deste mês, quando o reitor tomou a iniciativa de cobrar dívidas das entidades de professores, funcionários e de estudantes, principais redutos de oposição à sua nomeação e gestão. Porém, tudo começou mesmo quando o professor Valdiney foi nomeado depois de ter sido o terceiro colocado numa consulta acadêmica que contou com outros candidatos mais votados que ele para compor a lista tríplice.

A professora Terezinha Domician foi a mais votada

e o professor Isac Almeida terminou a disputa em segundo lugar. O Comitê de Mobilização pela Autonomia e Contra a Intervenção na UFPB divulgou nota cobrando a anulação do ato e a nomeação da primeira colocada e, desde então, dentro e fora da UFPB, os protestos acompanham a gestão do reitor.

Normalmente alheio ao bombardeamento que envolve a comunidade acadêmica por entidades da sociedade civil e políticos do campo da esquerda, o professor Valdiney resolveu quebrar o silêncio para a reportagem de **A União** e concedeu a entrevista que se segue.



Alvo de críticas constantes, o reitor da UFPB, Valdiney Gouveia, resolve rebater politicamente as acusações que vem recebendo

## A entrevista

**O senhor, particularmente, se sente interventor ou reitor?**

- As respostas das pessoas dependem de três elementos principais: a compreensão do que é ser reitor; o posicionamento político de quem é entrevistado; e os laços históricos com pessoas ou facções que tiverem eliminados seus benefícios indevidos em nossa instituição. Compreensão do que é ser reitor. Entendo que o cargo demanda ao menos dois requisitos: qualificação acadêmico-científica-gerencial; e fundamento legal para investida no cargo...

**O senhor pode especificar mais?**

Quanto à qualificação, fui coordenador de Mestrado e Doutorado e chefe de Departamento, sou professor titular por concurso público de provas e títulos e estou como pesquisador 1A do CNPq, atributos que atestam minha competência; no que diz respeito ao fundamento legal, para ser reitor eu precisaria fazer parte de processo eletivo, figurar em lista tríplice e ser nomeado pelo presidente da República, estando presentes os três elementos. Portanto, sou reitor legal e legítimo.

**A que o senhor atribui, então, essas críticas? Não somente ao processo de escolha em si, mas também ao desenrolar da sua gestão?**

Posicionamentos políticos. Vivemos um contexto de disputas político-eleitorais e cada tema, cada ação ou ideia é passível de ser en-

“Como reitor que sou, tenho agido em benefício da universidade e isso leva alguns a me perceber como interventor... Sob essa ótica, talvez eu o seja, pois tive que intervir para mudar a situação [da universidade]”

quadrada em lado A ou lado B; o mesmo ocorre com as pessoas, que são violentadas ao serem enquadradas, como de objetos se tratassem. Pois bem, comumente os entrevistados simpáticos da esquerda, em oposição à decisão do presidente da República, podem tentar me nomear como interventor, rasgando a legislação vigente. Por outro lado, quem apoia a gestão atual do país tende a endossar a escolha, reconhecendo-me como reitor. Não discuto qualquer posicionamento; enquanto reitor, tenho um único partido: UFPB.

**Mas o senhor há de reconhecer que essas medidas adotadas recentemente, cobrança de dívidas de entidades representativas das categorias da comunidade acadêmica e tudo o mais, só vão contribuir mesmo para agravar os conflitos...**

Laços históricos. Como reitor da UFPB, não poderia jamais amparar atos con-

trários ao marco legal ou endossar ações de pessoas e facções que jamais pensaram na universidade, mas em seus próprios benefícios.

**Como assim?**

Privatizaram a universidade para seus interesses, criando feudos e demonstrando aversão a mudanças, sobretudo que visassem tornar a UFPB efetivamente pública e transparente, longe de apadrinhamentos e vantagens. Como reitor que sou, tenho agido em benefício da universidade e isso leva alguns a me perceber como interventor... Sob essa ótica, talvez eu o seja, pois tive que intervir para mudar a situação. Quem quer uma universidade pública, gratuita e de qualidade, seguramente, perceba-me como reitor. Mas, afinal, é você quem escolhe quem sou. Por fim, uma coisa posso assegurar: por quase três décadas trabalho para fazer de nossa UFPB uma grande instituição, cabendo-me nesta ocasião representá-la como seu máximo dirigente, honrando cada membro da comunidade acadêmica e oferecendo o melhor à sociedade paraibana.

**O senhor espera alguma mudança no futuro?**

A história nos dará as demais respostas.

**Reitor destaca que quem apoia a gestão atual do país tende a endossar a escolha do seu nome**

## + Novas medidas aumentam críticas

Depois das cobranças de dívidas (contas de água, luz e aluguel) às entidades da comunidade acadêmica no começo do mês, esta semana o reitor Valdiney Gouveia voltou a revoltar setores da sociedade com a desocupação de mais um prédio da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) que funciona no Centro de João Pessoa, o que aumentaram as críticas e protestos à sua gestão.

O imóvel abriga 17 entidades sem fins lucrativos que funcionam no local e uma das primeiras a reagir foi a Associação dos Amigos da Natureza (Apan). “De forma arbitrária, o reitor mandou trocar todas as chaves e cadeados e impediu o acesso de todos ao local”, afirmou a presidente da entidade e ex-vereadora Paula Frassinete, que nas eleições do ano passado foi candidata a vice-prefeita de João Pessoa, na chapa encabeçada pelo ex-governador Ricardo Coutinho, também do PSB.

O senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB) disse, por sua vez, que essas atitudes do reitor “são incompreensíveis, inaceitáveis e de fundo evidentemente político, tendo em vista que atingem entidades que funcionam há muitos anos no local”.

Entre os políticos que também se dispuseram a falar ou retornaram contato da reportagem de **A União**, está o deputado estadual Walber Virgolino (Patriota). Ele disse que o reitor Valdiney Gouveia “realmente revolucionou a administração na UFPB. “A política foi deixada de lado e os princípios constitucionais, principalmente da eficiência e da impessoalidade, passaram a fazer parte da rotina da instituição”.

O presidente do Sindicato dos Professores da UFPB, Fernando Cunha, disse que “o reitor Valdiney Gouveia está metendo os pés pelas

mãos e adotando medidas autoritárias, mas que fazem parte de uma postura que já era esperada, a considerar a própria forma em que foi indicado, sem o apoio que precisava ter na comunidade acadêmica”.

“Ele não tem apreço nenhum pela autonomia da universidade nem pela democracia”, afirmou Fernando Cunha, cuja posição é bem parecida com a do jurista e professor dos cursos de Mestrado em Direito Humanos (UFPB) e Ciência Política (UFCG), Luciano Nascimento.

“Um reitor age com um modelo idêntico ao do presidente da República, como um verdadeiro déspota, sem ouvir segmento nenhum da universidade”, afirma Luciano, ao considerar que “o que salva e ameniza um pouco toda essa situação é que as grandes decisões são do Conselho Superior da instituição e lá ele, o reitor, não manda e nem tem obtido sucesso”.

Para o professor aposentado José Flávio Silva, o reitor tem agido dentro das determinações impostas ao cargo e ele o fez em relação aos ambientes dos sindicatos que funcionam no campus, o que já era esperado em outras administrações. “Os donos de quiosques que pagam aluguéis foram coagidos a aumentar o aluguel, não podiam arcar com as despesas e entregaram seus quiosques. Tenho impressão que os ambientes dos sindicatos estavam nesse meio e só veio estourar agora”, disse.

Para o mestrando em Filosofia Leonardo Tavares, “o reitor já foi empossado no cargo como um interventor. O propósito de quem o escolheu é manter dentro da instituição um representante do governo federal e não da universidade”, completou.

# Federações viram boias de salvação de partidos nanicos

Projeto cria modelo que pode forçar a ação conjunta de partidos de oposição e abrir caminho para fusões de legendas

Pedro Venceslau e  
Camila Turtelli  
Agência Estado

O projeto de lei que cria o modelo de federações partidárias e tramita em regime de urgência na Câmara pode forçar a ação conjunta de partidos de oposição e abrir caminho para fusões partidárias. Segundo dirigentes e especialistas ouvidos pelo Estadão, a mudança, que é vista como uma tábua de salvação para as legendas pequenas, conta com o apoio "solidário" das siglas de esquerda, mas sofre resistência entre as médias e do Centrão.

Se for aprovado em plenário, o novo modelo também vai engessar as articulações em torno das eleições de 2022, já que os blocos que se formarem terão que apoiar o mesmo candidato presidencial e a governador em todos os estados. O tema entrou em debate após o "endurecimento" da cláusula de desempenho ou de "barreira" - ela funciona com uma espécie de "filtro".

A cláusula entrou em vigor antes do fim das coligações partidárias proporcionais (ou seja, nas eleições parlamentares), que começaram a valer em 2020. Ela estipula um patamar mínimo de votos para que uma legenda tenha acesso ao Fundo Par-



Foto: Agência Câmara

O projeto de lei que cria o modelo de federações partidárias tramita em regime de urgência na Câmara dos Deputados e já causa muita polêmica

tidário, tempo de rádio e TV no horário eleitoral e espaços de liderança no Congresso - e cresce progressivamente a cada eleição.

Nas eleições 2018, esse número foi de 1,5% dos votos válidos para deputado federal, distribuídos em pelo menos um terço dos estados. Em 2022, esse piso pulará para 2% (o que equivale a eleger 11 deputados). O piso aumenta de forma progressiva até che-

gar a 3% na eleição de 2030.

O tema é complexo, mas, em resumo, o objetivo do fim das coligações combinado com a cláusula é justamente reduzir o número de partidos no Brasil. Hoje existem 35 registrados no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), sendo que 28 elegeram representantes há quatro anos.

Na quarta-feira passada, por 429 votos a favor e 18 contra, os parlamentares no

plenário concordaram em dar prioridade ao texto do Senado, de autoria de Renan Calheiros (MDB-AL), que permite a dois ou mais partidos se reunir em uma federação para que ela atue como se fosse uma única sigla nas eleições.

Se for aprovado, o projeto prevê que depois da eleição esse "casamento" tem de durar pelo menos uma legislatura de quatro anos. Ou seja: os federados serão obrigados a atuar

como uma bancada no Congresso, embora possam manter seus símbolos e programas.

Antes da aprovação, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), aliado do presidente Jair Bolsonaro, havia recebido um pedido de deputados do PCdoB para pôr em pauta em regime de urgência o projeto de lei. Apesar da ideia sofrer resistência dentro do seu próprio partido e em outros do Centrão, Lira contemplou a demanda.

PT e PSB são favoráveis

O projeto das federações partidárias conta com o apoio do PT e do PSB como forma de "solidariedade" e sinalização política para as eleições de 2022, mas é visto também no campo da esquerda como o início de um processo mais amplo de fusões partidárias. "Nossa proposta é de um sistema político com um número reduzido de partidos e uma cláusula de desempenho mais alta, de 5%. Não acho a federação o melhor formato, mas ela pode ser um embrião de partidos maiores e mais programáticos", disse o presidente do PSB, Carlos Siqueira.

Uma das fusões (ou formação de federação caso o projeto seja aprovado) discutida é justamente entre o PSB e o PCdoB. "A união com a Rede é uma possibilidade", disse o presidente do PV, José Luiz Penna.

Para angariar apoio entre partidos fora do campo da esquerda, os deputados do PCdoB adotaram o discurso que o novo modelo pode beneficiar todos no espectro ideológico.

"O (presidente Jair) Bolsonaro pode fazer uma federação do Patriota com o PTB do Roberto Jefferson, por exemplo. Esse é um mecanismo que não é de direita nem de esquerda", afirmou o deputado Orlando Silva (PCdoB-SP).

Os deputados bolsonaristas, porém, não simpatizam com a ideia. "O tema do sistema eleitoral é fisiológico e não ideológico. Fortalece os pequenos partidos de esquerda, que são os mais radicais. Querem acesso ao financiamento público, é o grande motivador", disse o deputado Luiz Philippe de Orleans e Bragança (PSL-SP).

Já o presidente do PSD, Gilberto Kassab, sinaliza que pode apoiar o projeto.

## Conversas já começaram nos bastidores do Congresso

Conversas sobre a formação de federações já ocorrem nos bastidores envolvendo o PCdoB e o PSB e a Rede e o PV. "A vantagem é produzir convergência para uma fusão no futuro. É como se fosse um teste probatório de um convívio comum de correntes políticas. A fusão seria natural", disse o deputado Orlando Silva (PCdoB-SP).

A cientista política Lara Mesquita, pesquisadora do Centro de Economia e Política do Setor Público da FGV, avalia que a federação pode beneficiar a direita, mas a esquerda já tem uma tradição de formar blocos e atuar junto. Ela ressalta que a federação é nacional e, portanto, as alianças terão que valer também nas eleições presidenciais. "Esses partidos competem juntos nos 26 Estados e Distrito Federal, em todas as Assembleias, Câmara e Senado. Por isso precisa ter organicidade e uma unidade interna para emplacar uma federação."

Para Lara, os partidos têm que estar muito "azeitados". "É como se fosse uma fusão

temporária, com um custo muito mais baixo de se dissolver no círculo eleitoral posterior." A pesquisadora pondera que o projeto ainda não deixou claro como funcionará nas eleições municipais.

Esse é o mesmo questionamento do cientista político Vitor Marchetti, professor da Universidade Federal do ABC. "Em tese, teria que valer para as eleições municipais, mas esse imbróglio deve ser judicializado e cair no TSE", afirmou.

No caso do PCdoB, a aprovação do projeto é questão de sobrevivência e a permanência no partido do seu principal quadro, o governador do Maranhão, Flávio Dino, que planeja disputar o Senado em 2022. Mas o mesmo vale para outras siglas de oposição a Bolsonaro que atuam na sociedade civil, mas têm poucos deputados: a Rede de Marina Silva, o PSOL de Guilherme Boulos, o Cidadania de Roberto Freire, o Novo de João Amoêdo e o PV de Eduardo Jorge.

Apesar do placar elástico a favor do regime de urgência para a tramitação da proposta, ainda há muita resistência na Câmara. "Não vejo um clima favorável. A federação é benéfica para os pequenos partidos, mas não é tão boa para os médios. E há uma predominância de partidos médios na Câmara. Não vejo muita chance de prosperar", disse o deputado Paulo Abi Ackel (MG), vice-líder do PSDB na Casa. O tucano votou favoravelmente ao regime de urgência, mas vê com reservas a ideia.

O cientista político Rodrigo Prando, professor de sociologia do Mackenzie, compara a cláusula de barreira somada ao fim das coligações a uma "medicação" do sistema. "A legislação foi muito frouxa com a criação de partidos. Essa medida foi para acabar com as legendas de aluguel, mas prejudica também os partidos históricos ou com valores arraigados", afirmou. ro Venceslau e Camila Turtelli

## Toca do leão

Fábio Mozart  
mozartpe@gmail.com | Colaborador

## A mão que governa

A menina chegou cedo para o primeiro dia de aula. Sentou timidinha, com sua bolsa nova, roupa nova e medos também novos. Era frágil, e mais pequena ficou diante da professora imensa, de aspecto cruel. Teve uma estranha e arrepiante sensação de que aquela mulher seria catalisadora das piores taras, com sua potente régua, seu olhar duro e perverso.

Foi assim durante a aula e durante o ano: canhota, levava pancadas com a régua para aprender a escrever "direito". Ao menor descuido na tentativa de usar a mão esquerda, lá vinha a professora por trás, de surpresa. Engolia o choro, transformava a angústia em desenhos, sua paixão. Aprendeu a escrever com a mão direita e a esconder seu sentimento de terror diante da abominável mulher com a régua na mão.

A professora continuou lá, sempre presente ao longo de sua vida. Ainda que às vezes quase imperceptível. Naqueles tempos de verdes começos, escrever com a mão direita envolveu um longo aprendizado, não só de caligrafia. A menina, por natureza rebelde e criativa, aprendeu a aparentar timidez e conformismo. Deu-se conta de que sua mão direita poderia escrever longas cartas, mas só a canhota seria capaz de criar algo conciso, simples e

bem amarrado, como sua personalidade. Em poucas linhas.

A mão esquerda já construía seu mundo por si própria. Escondida da professora, a menina potencializava suas narrativas visuais, com a força e a energia da esquerda. Ocasionalmente, a pequena fazia malabarismo, escrevendo com as duas mãos simultaneamente. Com a direita, o desafio de escrever os exercícios da escola. Com a esquerda, desenhava estórias em quadradinhos. Essa dobradinha, tarefa mágica, resultava na combinação equilibrada do seu modo de encarar o mundo, entre a resistência ao fascismo e as aquarelas coloridas de sua alma de artista.

Seja como for, a menina cresceu, saiu da escola opressora, assumindo-se como ambidestra. Em busca de sua identidade, lançou mão da estratégia de driblar as mãos de ferro, persistindo sempre, usando sua mão esquerda ao lidar com a realidade, sem histeria. Como um observador distante, a mão direita, nessas horas, tinha uma postura de contemplação e consentimento. Não podia fazer nada diante da arte de sobrevivência explícita.

O impacto: um dia a mão esquerda fugiu ao controle da menina-moça, como uma espécie de prisioneiro que de repente

se vê livre. O mundo, de uma forma geral, foge ao nosso controle nessa etapa da vida. A mão direita flagrou seu par, a canhota, para além dos gestos normais dos movimentos cotidianos. Pela primeira vez, a mão direita da menina-moça sentiu-se isolada num estranho mundo de sensações lúbricas. A mão esquerda acabou de descobrir o "Amor Veneris", o órgão que governa o prazer nas mulheres. E com a descoberta, veio a reflexão sobre o poder. A mulher se descobrindo sexualmente. Descobrindo o clítoris, a mão esquerda teve, enfim, o controle do gozo da menina-moça. A descoberta foi tão importante que a mão direita ficou humilhada e teve um surpreendente movimento retroativo: "Quando por algum motivo preciso escrever com ela, a letrinha é exatamente igual àquela que ficou lá atrás, num período cinzento da minha infância".

A mão direita gosta de se refugiar no passado e se apoiar em ícones, heróis ordinários e falsos protetores. A esquerda é sua versão mais nobre e corajosa. Elas se combinam, num jogo reiterado entre realidade e ficção, fuga e acomodação. O ponto X da questão passa longe do ponto G. E chegar ao orgasmo, atingir o clímax com a mão "que afaga e que apedreja".

O secretário de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia, Cláudio Furtado, diz que várias ações serão possíveis a partir da promulgação do marco legal da Paraíba



# Marco legal vai regulamentar ações de ciência e tecnologia

Governo do Estado irá encaminhar à Assembleia Legislativa um projeto de lei e uma PEC com as novas regras

**Renato Félix**  
Especial para A União

Uma proposta de emenda constitucional e um projeto de lei estão sendo encaminhados pelo Governo do Estado à Assembleia Legislativa para estabelecer regras no campo da ciência, tecnologia e inovação: é o marco legal da área, que vem sendo trabalhado há cinco anos, desde que o Governo Federal sancionou sua segunda lei de inovação, em 2016. A partir dela, vários estados começaram a trabalhar suas leis locais.

“A gente precisava fazer essa regulamentação dentro do Estado para poder implantar políticas na

área de inovação, ciência e tecnologia que sejam mais rápidas nas suas ações para a melhoria da competitividade do Estado”, conta Cláudio Furtado, secretário de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia.

“Quando determinadas atividades desenvolvidas pelo Estado começam a demandar uma quantidade de recursos, surge naturalmente, do ponto de vista sociológico e político, a necessidade de regulamentação”, explica Rubens Freire, secretário executivo de Estado da Ciência e Tecnologia. “O projeto de lei tenta consolidar as regulamentações que já existem e avançar em um conjunto de iniciativas legais e sociais

sobre as quais já existem inclusive legislação”.

Essas questões são regidas atualmente pela legislação federal em vigor e também por algumas leis específicas, mas o marco legal deve unificar essas regras, com as especificações necessárias para os casos particulares da Paraíba. “Esta será a primeira lei específica para o Estado da Paraíba, que trará considerações sobre as especificidades no Estado”, diz Francilene Garcia, que foi secretária executiva de Estado da Ciência e da Tecnologia entre 2011 e 2018 e que foi presidente do Conselho Nacional de Secretários Estaduais para Assuntos de Ciência, Tecnologia e

Inovação (Consecti). “Boa parte da minha gestão foi correndo atrás desse marco”.

Ela conta que várias questões vieram à tona, após a promulgação do marco legal federal. “Como a própria forma, como a universidades se relacionam com o mercado, aspectos relacionados aos ambientes de inovação, que a gente chama de parques tecnológicos, incubadoras, aceleradoras”, enumera. “Desafios que passam pela estruturação do que a gente chama de ecossistemas de inovação. Os estados passam a constituir condições mais apropriadas para que esses ecossistemas se desenvolvam”.

O secretário Cláudio Furtado conta que várias ações serão possíveis a partir da promulgação do marco legal da Paraíba. “Por exemplo, funcionários públicos podem ser cedidos a empresas – claro, com ônus para a empresa –, a questão da participação do estado como um ente societário à empresa, a melhoria da base legal para que o estado possa dar incentivos na área da inovação”, explica. “Tudo isso passa agora a estar especificado dentro da lei”.

“Como se trata de uma PEC, ela deve passar pela Comissão de Justiça e pela Comissão de Orçamento”, explica o deputado estadual Buba Germano, in-

tegrante da Comissão de Orçamento e presidente da Frente Parlamentar de Ciência e Tecnologia. “A tramitação da PEC deve ser até mais rápida porque ela faz apenas alguns ajustes de inclusão da nomenclatura de tecnologia, inovação e pesquisa”.

Ele pretende solicitar uma audiência pública para convidar a comunidade científica paraibana para debater a proposta.

“Como se trata de uma PEC, ela deve passar pela Comissão de Justiça e pela Comissão de Orçamento”

## + Proposta explica o que é inovação e ajusta a Constituição Estadual

A PEC inclui o termo “inovação” junto a “ciência e tecnologia”. Não é uma mudança pequena, mas ela se fez necessária pelo avanço do tema através dos anos. “Do ponto de vista do Estado, o termo ‘inovação’ precisa estar tipificado em lei”, conta Rubens Freire. “A nossa legislação não tipificava o que é

inovação e começou a gerar deficiências em relações comerciais. A PEC explica o que é inovação, ajusta a Constituição Estadual à contemporaneidade”.

“Antes você tinha ‘ciência e tecnologia’, atingindo praticamente só o setor governamental e o setor acadêmico. Ao colocar ‘inovação’ você faz com que a

tríplice hélice esteja representada no marco legal”, conta Cláudio Furtado.

Uma emenda constitucional federal em 2015 incluiu as palavras “pesquisa” e “inovação”. “Tem um conjunto de mecanismos que são utilizados para que a ciência evolua através de pesquisa e desenvol-

vimento tecnológico e na ponta, quando isso é apropriado por uma empresa e em alguns casos, inclusive, geram patentes, registros de marcas e passam a ser oferecidos no mercado, é uma inovação”, afirma Francilene Garcia. “A PEC atualizará a nossa Constituição Estadual. Vamos ter cada mais legitimida-

de para uma boa governança, captar recursos, com segurança jurídica”.

Ela chama a atenção também para a chamada inovação aberta, em que instituições, governos e iniciativa privada dialogam entre si, desenvolvendo e compartilhando conhecimentos para gerar avanços tecnológicos.

## Ecossistemas locais e mobilização de novas áreas de desenvolvimento

“No caso brasileiro, a política pública de ciência e tecnologia é determinado pela criação de duas agências: o CNPQ e a Capes”, conta Rubens Freire. O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) surgiram em 1951. “Elas têm como atri-

buição regulamentar e apoiar o desenvolvimento científico e tecnológico”.

Com o passar dos anos, começa a haver pressões sociais para uma regulamentação mais sistemática na área. “Nitidamente no mundo acadêmico e no setor industrial. Onde se cria e onde se aplica a ciência e a tecnologia”, diz o secretário. “E

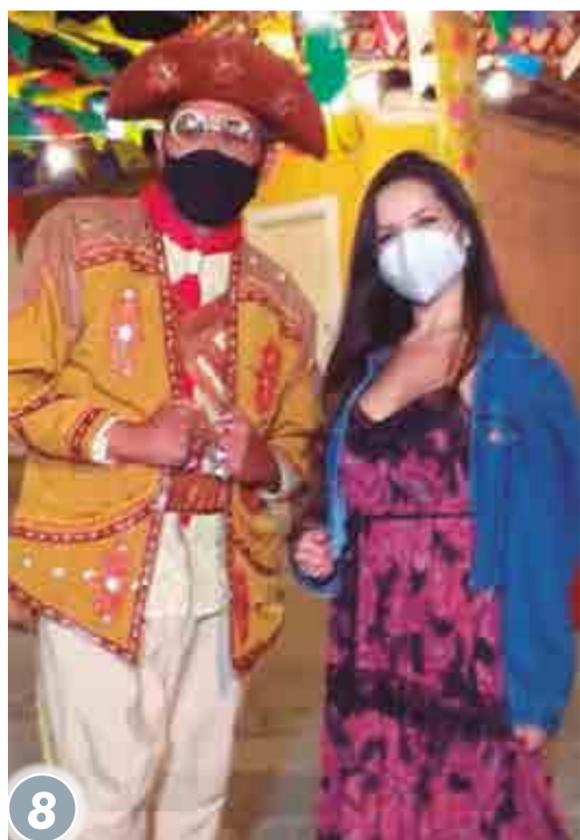
ai você tem que regulamentar esse processo”.

Ele lembra que outro momento marcante nessa trajetória foi a Constituição Federal de 1988. “Pela primeira vez, por causa da mobilização da sociedade, surge um capítulo tratando o assunto ciência e tecnologia. E os estados ajustam suas constituições à Constituição Federal. E

todos passam a ter esse assunto”.

As mudanças na lei, como a inclusão do conceito de inovação, atualizaram as discussões e a necessidade de regulamentar as relações entre governos, universidades e empresas. O que levou ao marco legal que entrará em discussão na Assembleia Legislativa. “A importância desse marco é

sobretudo apostar nos nossos ecossistemas locais como forma de mobilizar novas áreas de desenvolvimento, novas áreas de formação, pesquisas que possam ser aplicadas para resolver problemas, como escassez de água no Semiárido, problemas relacionados à transformação digital e vulnerabilidades sociais”, diz Francilene Garcia.



**1** O advogado e professor Harrison Targino (foto) é forte candidato ao cargo de presidente da OAB, entidade que realiza eleição no próximo mês de novembro. Nomes representativos, como os do vereador Odon Bezerra e do jurista Assis Almeida, apoiam a indicação, que partiu do atual presidente, Paulo Maia.

**2** Luciana Palmeira Langer (minha filha querida), Sônia Vitoriano, Saulo Mendonça, Amaldo Moreira, Manuelina Hardman, Hermes Alvarenga, Rosiane Videres, Danielle Rose, Eronaldo Maia, Salomão Medeiros, Iraê Lucena, Lisiane Claudino, José Loureiro Lopes, Marluce Dias, Denis Cavalcanti, Ivani Leitão, Virgínia Morais e Tânia Calumbi Dias são os aniversariantes da semana.

**3** O Conselho de Turismo de João Pessoa promoveu uma reunião, com significativo número de integrantes, para mostrar propostas de marketing na Secretaria de Turismo do Município e para registrar presença em alguns eventos turísticos, cujas confirmações de realização já ocorreram. O secretário Daniel Rodrigues, na foto com Breno Mesquita, confirmou presença na Abav Expo 2021, em Fortaleza, no Ceará.

**4** É tendência que João Pessoa, principalmente por conta de nossa orla, seja considerada, a exemplo de muitas cidades no mundo, *bike-friendly*. Além de proporcionar saúde para mente e corpo, pedalar é uma excelente atividade para descobrir novas paisagens e conhecer novos destinos turísticos.

**5** É evidente o fato de que, com o confinamento social que ocorre, motivado por esta pandemia, a audiência aos noticiários televisivos tem sido uma forma de fazer "passar o tempo". No entanto, tem beirado o absurdo o inusitado uso da uma linguagem coloquial de que se utiliza a maioria dos seus apresentadores. Ilustrando: basta de tanto "Tá", "Né", "Brigado", "Ramo lá" e outras *cositas más*... A observação é do prof. Francelino Soares (na foto com Sebastião Quintans), que tem "torcido o nariz" para essas preciosidades linguísticas.

**6** Durante o programa *Conversa com o Governador*, apresentado semanalmente pela Rádio Tabajara, o governador João Azevêdo (foto) lançou a terceira edição do Concurso Arte e Grafite. O concurso, realizado pela Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), conglomerado estatal presidido pela jornalista Naná Garcez, vai homenagear o compositor de 'Meu sublime torrão', Genival Macedo. O cronograma e o edital do concurso estão disponíveis nos portais [www.radiotabajara.pb.gov.br](http://www.radiotabajara.pb.gov.br) e [www.auniao.pb.gov.br](http://www.auniao.pb.gov.br).

**7** A chapa "API Unida e Renovada", liderada pelos jornalistas Marcos Wéric e Karla Alencar, candidatos a presidente e vice, respectivamente, não haverá de ter concorrente e deverá ser referendada na eleição que vai acontecer nos dias 23 e 24 de julho deste ano. A jornalista Andreia Barros (na foto com os jornalistas João Pinto e Marcos Wéric) faz parte da chapa, como diretora social; Juca Pontes ocupa o cargo de diretor cultural e Cristiano Machado consta como secretário-geral. Claro que o jurista e jornalista Odilon de Lima Fernandes apoia esse grupo, que tem como norte ações relevantes, sempre em torno dos interesses da categoria.

**8** Juliette Freire (na foto com o artista Lima Filho), sim, ela novamente, que esteve em terras paraibanas gravando especial de São João com Elba Ramalho, tem se revelado a "queridinha" de grandes empresas que desejam ver suas marcas representadas pela paraibana. A empresa de cosméticos Avon, as Lojas Americanas e a cervejaria Bohemia apostam alto no carisma de Juliette.

**9** A professora Bernardina Freire foi eleita Vice-Coordenadora do Núcleo de Documentação Popular - Nuppo/UFPB. Ela, dinâmica e competente que é, já organizou cinco exposições virtuais sobre a rica cultura junina. Claro que vêm mais ações novas por aí.

**10** O diretor-geral do Instituto Cândida Vargas, Dr. Aurílio Estrela, recebeu a visita da secretária executiva da Cidadania e Direitos Humanos de João Pessoa, Raissa Lacerda, que pôde conferir a excelência dos serviços oferecidos a gestantes, puérperas e recém-nascidos.



## Open banking promete novo sistema financeiro no país

### Banco Central defende que a padronização do compartilhamento de dados dará mais poder aos clientes bancários

O Banco Central (BC) publicou no Diário Oficial da União (DOU), na última sexta-feira (25), uma nova resolução para modificar as regras de implementação no país do sistema financeiro aberto, chamado open banking. O objetivo é reforçar o direito à proteção de dados dos clientes. Mas você sabe o que open banking e o que ele muda na sua relação com os bancos?

O open banking começou a ser implementado em fevereiro deste ano com a proposta de compartilhamento de dados das instituições financeiras ao público, como as características e preços de produtos e serviços bancários de varejo relacionados a contas, cartão de crédito e operações de crédito para pessoas físicas e jurídicas. Segundo o BC, o sistema possibilitará o surgimento de ferramentas de comparação de produtos e serviços, aumentando a competitividade entre os bancos e a melhorando a oferta aos clientes.

Na prática, o sistema padroniza o processo de compartilhamento de dados e serviços financeiros pelas instituições autorizadas a funcionar pelo BC, por meio de abertura e integração de plataformas e infraestruturas de tecnologia. Os clientes terão poder sobre as informações le-

vantadas pelos bancos e poderão autorizar o compartilhamento a outras instituições.

Para implementar o serviço, a instalação foi dividida em duas fases. A fase 1, em andamento, teve como alvo as outras instituições financeiras ou de pagamento, desenvolvedores, potenciais fintechs (do inglês 'financial technology' - empresas de inovação tecnológica no setor financeiro) e acadêmicos, visando à criação dessas plataformas e de novos modelos de negócios. Os dados estão disponíveis nos sites de cada banco.

"Um importante objetivo da atuação do Banco Central é tornar o sistema financeiro nacional mais eficiente, moderno e promover a democratização dos serviços financeiros através da tecnologia", disse Roberto Campos Neto, salientou o presidente do Banco Central durante lançamento do sistema.

De acordo com o BC, o open banking vai aumentar a competitividade entre os bancos e a melhor a oferta de produtos e serviços aos clientes. Com foco em criar o "sistema financeiro do futuro", agenda ainda incluiu ações como o sistema de pagamentos instantâneo (Pix) e a modernização da legislação cambial.



### Funcionamento completo é adiado para 2022

**Wellton Máximo**  
Agência Brasil

O sistema de compartilhamento de dados teve o cronograma adiado mais uma vez pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e pelo Banco Central. Inicialmente prevista para estar concluída em 30 de agosto deste ano, a integração de todos os meios de pagamento ao open banking será feita de forma escalonada até 30 de setembro de 2022.

Segundo o chefe de Subunidade do Departamento de Regulação do BC, Diogo Silva, a necessidade de testagem do sistema de compartilhamento de dados justificou o adiamento. "Temos várias entregas [de etapas] simultâneas e as instituições precisam testar as implementações e buscar certificações. Elas querem conferir antes de estar disponível para os consumidores", explicou.

Prevista para entrar em vigor em 15 de julho, a segunda etapa, que envolve a troca de informações cadastrais e de transações financeiras, não sofreu alterações. Nessa fase, os clientes poderão autorizar o compartilhamento e fazer a portabilidade de seus dados com outros bancos e fintechs, caso queira.

Pelo novo cronograma, em 15 de fevereiro do próximo ano, as transferências para contas do mesmo banco e a Transferência

Eletrônica Disponível (TED) integrarão o open banking. Em 30 de junho de 2022, será a vez dos boletos bancários. Em 30 de setembro do ano que vem, o serviço de débito em conta passará a ser compartilhado entre as instituições.

Também prevista para iniciar em agosto, o encaminhamento de propostas aos clientes foi adiado para 30 de março do ano que vem. Com base nas informações que o consumidor autorizar serem compartilhadas, as instituições poderão enviar propostas de crédito.

#### Última fase

A quarta fase, que integra outros produtos financeiros, como operações de câmbio, de seguro, de investimentos e de previdência privada, foi mantida para 15 de dezembro, mas também será escalonada em etapas. Na data original, haverá apenas a troca de informações entre instituições financeiras, como lista de preços, de produtos e de taxas, sem envolver os dados dos clientes.

Nessa fase, o open banking será ampliado e passará a ser chamado de open finance (finanças abertas). O compartilhamento de dados de produtos financeiros dos clientes passou para 31 de maio de 2022 e o compartilhamento de serviços de débito em conta para o mês de setembro do próximo ano.

### Opinião

**Eric Boano**

Vice-presidente e fundador da Costdrivers | colaboração

## Compras 4.0: dados reduzem riscos na cadeia de suprimentos

A revolução trazida pela Indústria 4.0 elevou os setores de produção e logística a um novo patamar de eficiência e produtividade, e a cadeia de suprimentos se tornou uma área estratégica para conter os riscos associados às novas demandas.

Uma pesquisa da Deloitte, realizada recentemente, apontou que 41% das empresas planejam investir em uma tecnologia de automação da cadeia de suprimentos. Isso porque, com a crise ocasionada pela pandemia, os dados se tornaram o grande trunfo das indústrias para encontrarem alternativas à atual dependência do mercado chinês.

Tecnologias, como Big Data, Machine Learning, Inteligência Artificial e

Blockchain, permitem realizar uma análise preditiva das reposições dos estoques mínimos de materiais com base em indicadores relacionados à commodities, macroeconomia, custos operacionais, estoque e produção que entregam ao setor de compras uma visão abrangente de mercado em diferentes países.

Com a alta volatilidade dos preços, associada à disparidade na oferta e demanda das principais commodities, em especial metais, papéis e insumos agrícolas, o grande desafio é manter os estoques abastecidos sem repassar os altos custos das reposições ao consumidor final.

Uma análise manual não é capaz de prever a flutuação dos índices financeiros

que impactam diretamente nas compras, como o dólar, IPCA e IGP-M, bem como indicadores operacionais determinantes para o faturamento, entre eles giro de estoque e tempo de entrega.

Assim, o setor de Compras 4.0 não precisa esperar pelos alardes dos fornecedores para planejar e corrigir os preços das aquisições. A transformação digital traz autonomia na tomada de decisões e possibilita negociar com mais embasamento e realizar uma previsão mais acurada de médio e longo prazo.

Se antes da modernização e evolução das tecnologias, o setor de compras tinha a responsabilidade de manter e controlar os estoques, agora os profissionais terão um novo papel muito mais estratégico no

negócio: o de avaliar os riscos envolvidos em cada transação.

Haverá, ainda, uma mudança na relação com os fornecedores, que se tornarão parceiros estratégicos, compartilhando mais do que produtos e serviços, mais saúde financeira e posição no mercado. A automação e a tecnologia, nesse contexto, andarão juntas para levar mais inteligência à cadeia de suprimentos.

O Brasil ainda tem um longo caminho a percorrer, mas, a julgar pelo avanço na Indústria 4.0 e a automação em diversos setores antes impensáveis, como saúde e educação, poderemos considerar os dados no setor de compras como mais um fator de competitividade para produtores e fornecedores.

# Empresas buscam aplicativos próprios para entrega na PB

Ferramenta personalizada para serviço de "delivery" também ajuda a fugir de plataformas que cobram percentuais altos

**Carol Cassoli**  
Especial para A União

Com a restrição da circulação de pessoas durante a pandemia, a oferta de serviços de entrega (delivery) deixou de ser apenas um diferencial para os restaurantes e, gradativamente, atingiu dimensão de necessidade no cotidiano da população. De acordo com levantamento realizado pelo Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde da Universidade de São Paulo (Nupens/USP), o padrão alimentar do nordestino mudou durante o advento da covid-19 no Brasil. Neste contexto, 79% das pessoas passaram a consumir mais alimentos ultraprocessados e a aderir à tendência de procura por refeições prontas (como as oferecidas em serviços de entrega). Isto aponta para as mudanças no perfil do consumidor que repercutem diretamente nas relações de consumo dentro do mercado alimentício.

No último ano, a demanda de serviços de entrega cresceu tanto que o Brasil se tornou destaque no segmento na América Latina. A efervescência do setor gerou crescimento de 975% na procura por entrega de alimentos e, segundo o Nupens, o isolamento social foi responsável por ocasionar este avanço.

Inserida neste contexto está Vitória Gomes, jovem que, ao perceber o surgimento de problemas financeiros com a pandemia, decidiu empreender a partir de algo que ama: cozinhar. Assim, Vitória abriu o Singú-Lar, um pequeno restaurante que atende a capital paraibana por meio de delivery. "Estou começando agora e não está fácil, mas estou tentando manter", diz a responsável pelo restaurante acrescentando que um dos principais problemas em oferecer serviços on-line é a complicação gerada pelas plataformas de entregas convencionais.

De acordo com o Nupens, os principais fatores de crescimento

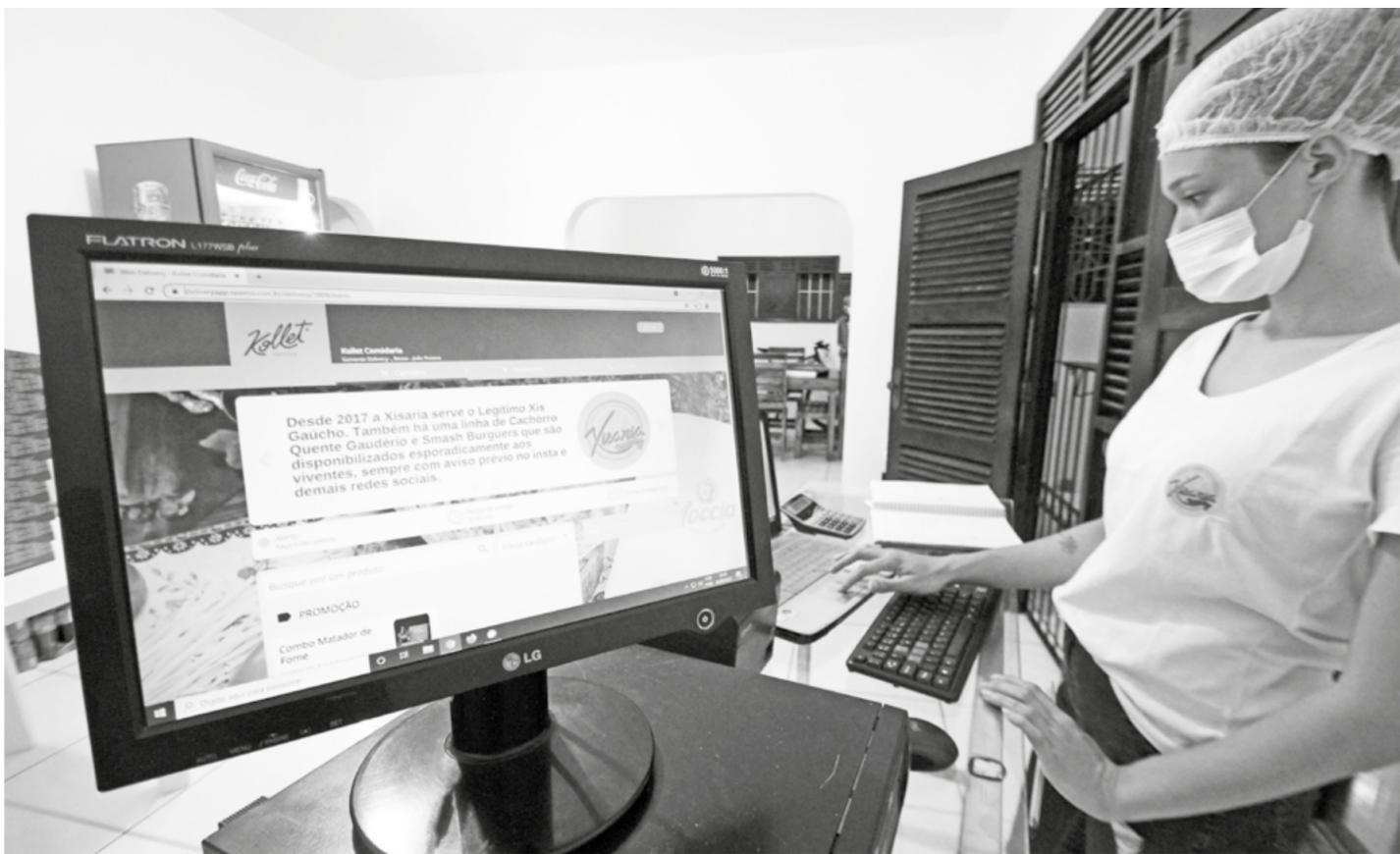


Foto: Marcus Antonius

Pequenos comerciantes utilizam a estratégia do "marketplace" alimentício e oferecem serviços voltados ao perfil dos clientes, aproximando e fidelizando os consumidores paraibanos

## Alimentos

Venda de comidas por meio de aplicativos cresceu quase mil por cento no período da pandemia de covid-19, incrementando o setor durante a crise

do mercado alimentício pela internet estão relacionados ao aumento do número de pedidos de um único usuário - costume especialmente fomentado pela pandemia. Outro índice observado é a crescente adesão destes serviços por novos usuários, fígados pela onda criada neste período de distanciamento.

### Taxas abusivas

Pensando nisso, alguns dos aplicativos de entrega mais famosos chegam a cobrar taxas relativas a 30% do valor total de um prato, por exemplo. Inseridos neste contexto, muitos restaurantes já possuem seus próprios recursos de enfrenta-

mento a esta realidade. Alguns oferecem descontos aos clientes que fazem pedido por canais diretos (tais como WhatsApp e Instagram). Enquanto outros aconselham evitar usar formas de pagamento a crédito para que possam continuar atendendo por meio destes aplicativos com taxas elevadas. E existem, ainda, restaurantes investindo em sistemas próprios de pedidos.

Vitória Gomes, por exemplo, sugere que seus clientes de marketplace (usuários dos sistemas criados por aplicativos maiores, que funcionam como uma rede social de alimentos) façam pedidos pelas redes sociais: "Estou, cada dia

mais, tentando fortalecer as vendas por fora do aplicativo, porque tem sido muito difícil". A dona do Singú-Lar observa que as taxas tornam a oferta de serviços quase impossível e que, quando as pessoas realizam pedidos por outros meios, contribuem para o crescimento independente do negócio. "Eu tenho tentado estimular as vendas fora do marketplace porque, dessa forma, saio da plataforma", explica Vitória destacando que, ao trabalhar em aplicativos de entrega, se torna refém das taxas e não consegue oferecer seus produtos a um preço que, na sua opinião, sejam melhores para o cliente.

## + Autonomia e mais retorno em caixa

Navegando na internet, os primeiros resultados das buscas por termos relacionados a delivery levam a propagandas de sites e servidores voltados à criação de serviços de entrega personalizados. Um deles é o OnPedido, que oferece planos com soluções digitais para restaurantes de todo o país. O sistema do OnPedido conta com mais de 45 funções e opera em oposição aos aplicativos mais famosos por meio de mensalidades padronizadas.

De acordo com o diretor comercial e sócio do OnPedido, Régis Scalari, ter seu próprio serviço de delivery denota a autoridade que cada restaurante tem frente ao mercado, melhora o relacionamento do estabelecimento com o público e também ajuda a expandir o universo de vendas: "Uma das principais dicas para donos de restaurante que querem alavancar seu negócio é ter seu próprio canal de vendas. É importante para o cliente e para sua relação com ele". Régis destaca que os restaurantes devem ter um relacionamento direto com o cliente, por meio de um mecanismo em que seja possível comprar os produtos, mas também sanar dúvidas.

Responsável pela Xisaria do Gaúcho, Nando Kollet, conta que também segue na contramão da lógica adotada pelo marketplace alimentício e oferece um serviço de entrega personalizado. "Não sou um cara ambicioso, mas,

hoje, preciso fazer contas para pagar funcionários e, mesmo assim, nossa visão é muito artesanal e familiar", Nando explica que prefere trabalhar diretamente com o público e é, justamente, esta política da Xisaria que faz com que ele rejeite o marketplace.

"Me vi desempregado e resolvi juntar tudo que eu gosto. Eu sentia falta de cozinhar e sentia muita falta de comer 'xis'", o dono da Xisaria refere-se aos tradicionais lanches gaúchos que comercializa em seu restaurante. A Xisaria do Gaúcho, que, em 2017, nasceu da busca por uma vida nova, é um espaço de troca com os clientes e, por isso, Nando prefere que o trato seja o mais próximo possível. "Lá em 2017 o público ainda era muito receoso em saber que existem espaços que trabalham apenas com delivery, por isso eu sempre fiz questão de conversar com o cliente".

É por isso que o responsável pela Xisaria do Gaúcho prefere seu próprio serviço de entrega. Para Nando, o marketplace é um lugar sem afeto, em que as pessoas procuram alimentos única e exclusivamente para matar a fome, o que não é a proposta de seu restaurante. "A gente procura atender a pessoa que, realmente, tem o desejo de comer algo artesanal", diz Nando Kollet ao explicar que a experiência oferecida é 100% sensorial e que vai desde o cheiro do alimento até a variedade de sabores que um tradicional "xis" tem.

## Redes sociais auxiliam na divulgação

Para Régis Scalari, Nando e Vitória estão no caminho certo, pois, embora o ideal seja fugir completamente do marketplace, a ideia é trabalhar dentro da realidade de cada empreendedor. "É possível utilizar o serviço a seu favor. A gente sabe que tem grandes marketplaces que estão posicionados no mercado, gerando muito volume de vendas e isso, às vezes, faz com que o restaurante seja dependente deste recurso para poder resistir". Régis explica que é possível que os empreendedores façam um uso estratégico e mais inteligente da rede de aplicativos disponível no mercado.

O diretor comercial da OnPedido sugere que, sempre que um novo pedido surgir em uma plataforma destas, o dono do restaurante se comunique de modo a induzir que o cliente saia do marketplace: "É assim que você fidelizará este cliente". Isto Vitória já faz. Para a jovem, esta estratégia permite, até mesmo, que o atendimento ao cliente seja melhor realizado. "Eu sinto que consigo atender meu cliente melhor, consigo ter mais presteza e acredito que o processo de venda seja até mais rápido fora desses aplicativos", reforça a empreendedora ao lembrar que, nos aplicativos convencionais, o repasse do dinheiro arrecadado só acontece um mês depois do fechamento de cada venda, o que prejudica o vendedor.

O sócio da OnPedido enxerga, ainda, uma outra possibilidade para restaurantes que visam ir contra a inclinação da maioria: o uso inteligente das redes sociais. "Divulgue seu negócio e o site dele. Use as redes sociais, faça panfletagem e coloque dentro das embalagens. É possível gerar resultados positivos através da divulgação do seu site em todos estes meios. Promover através destes canais faz com que você tenha mais resultados e seu delivery aumente o volume de vendas", constata.

Segundo Régis Scalari, um sistema personalizado mantém os registros de qual foi o último pedido do cliente, bem como do endereço e formas de comunicação disponíveis. O sócio da OnPedido também destaca que as avaliações são parte fundamental do processo e ficam registradas no site de forma organizada, ao contrário dos feedbacks realizados em redes sociais ou no WhatsApp.

Para restaurantes que adotam práticas como as oferecidas pela OnPedido e semelhantes às que Nando pratica na Xisaria do Gaúcho, Régis observa que o importante, agora, é manter um fluxo de divulgação nas redes sociais, evitando a indiferença do público - cada dia mais presente nestes ambientes digitais. "Facilite o pedido dos seus clientes! Trabalhe com velocidade de operação e com formas de registro também", finaliza.

# Empresas já entendem que funcionário feliz produz mais

Durante a pandemia, ficou mais evidente a necessidade de debater o assunto para garantir a saúde da equipe

**Fernanda Bastos**  
Agência Estado

“Se as companhias focam mais em felicidade, elas podem não só ter funcionários mais felizes como também mais produtivos”, é o que afirma Laurie Santos, professora e pesquisadora da área de psicologia na Universidade de Yale. Este é o efeito dominó que as empresas estão buscando entender nos últimos tempos. Funcionários mais felizes são pessoas mais saudáveis e, assim, mais produtivas.

“A felicidade afeta nossa tomada de decisão, afeta nossa criatividade e também afeta nossa função imunológica. Então, é realmente importante pensar sobre o desenvolvimento da carreira pessoal com o viés da felicidade também”, sintetiza Laurie.

Em 2017, o Brasil já ocupava o primeiro lugar de prevalência de transtornos de ansiedade nas Américas, segundo relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS). Durante a pandemia, ficou evidente: o assunto felicidade no trabalho é urgente e sério. De acordo com pesquisa do Instituto Ipsos, encomendada pelo Fórum Econômico Mundial, 53% dos brasileiros declararam que sua saúde mental piorou um pouco ou muito no último ano, na vida sob a pandemia do coronavírus.

Já a American Psychological Association (APA) publicou relatório com tendências emergentes na área de psicologia para 2021 e, entre as “top 10”, destaca-se o tópico “employers are increasing support for mental health” (empregadores estão aumentando apoio para saúde mental). Ele revela que grandes empresas oferecem recursos e cuidados à medida que reconhecem a pressão que a pandemia exerce sobre seus colaboradores.

## Happiness & learning

É o caso da Ambev. Durante a pandemia, a regional Nordeste da companhia criou o cargo de especialista happiness & learning, que hoje é ocupado por Ellen Luna. Após um processo de esgotamento psicológico durante o auge na carreira do mercado financeiro, Ellen decidiu buscar um outro caminho para sua vida profissional. Realizou especializações em psicologia e gestão de pessoas e após a contratação, há três meses, na Ambev, certificou-se como Chief Happiness Officer (CHO) pelo Instituto Felicidade.

“O Chief Happiness Officer (CHO) ou Gestor Executivo da Felicidade, é o responsável por catalisar as iniciativas de felicidade na organização. Atua em âmbito estratégico, apoiando a disseminação do propósito corporativo, o desenvolvimento de uma cultura organizacional saudável e a sedimentação de um modelo de liderança positiva”, destaca Carla Furtado, diretora executiva do Instituto Felicidade.

Cabe ao CHO também capitanear o processo de diagnóstico do bem-estar e o planejamento do plano de ação de melhoria das condições para a felicidade, destaca Carla. E por onde começar? Renata Rivetti, fundadora e diretora da Reconnect, diz que é



Foto: Pixabay

A felicidade é fundamental para que as pessoas continuem no trabalho, para reduzir os índices de burnout e para melhorar o engajamento. Por isso, grandes empresas têm investido no bem-estar da equipe

preciso inicialmente educar a corporação sobre o que é felicidade corporativa e começar a desmistificar o conceito dentro da empresa.

Este é um dos maiores desafios enfrentados por Ellen: o ceticismo em relação à felicidade. “Conseguir conquistar credibilidade é difícil. É preciso conseguir levar para elas que falar sobre felicidade é tão importante quanto falar de qualquer outro indicador da empresa, porque ela é fundamental para que as pessoas continuem no trabalho, para reduzir os índices de burnout e para melhorar o engajamento”, diz Ellen.

Para conquistar esses objetivos, Ellen passa 80% do tempo estudando a criação e a posterior implementação do plano de felicidade organizacional para que seja algo orgânico. Por meio do conhecimento científico e técnico, ela vai implementar diagnósticos e propostas de ação para melhoria da cultura e da liderança.

“O momento agora é de cuidar”, destaca a profissional, que estabeleceu como estratégia inicial o trabalho com os líderes da empresa. “Adianta cuidar da base se eu não cuidar dos dirigentes? Se não tiver cuidado, eles acabam se estressando e adoecendo os colaboradores também”. “Se meu líder é positivo e ele é feliz, a equipe vai trabalhar da mesma forma”, concorda Renata.

## Tabu

Para Fabíola Martins Tibúrcio, gerente regional Nordeste de Gente, Gestão e Performance da Ambev e chefe de Ellen, o líder precisa tirar a capa de super-herói, mostrar suas vulnerabilidades e apoiar o tema da felicidade no trabalho. “Existe um tabu em falar sobre felicidade no trabalho, mas a pandemia trouxe a urgência dessa discussão. São 2.600 colaboradores na empresa regional, então não adianta tratar e trabalhar com a base e depois o líder daqui a meia hora desfazer tudo. O CEO e a alta liderança precisam realmente apoiar, patrocinar e acreditar no projeto.”

## Especialistas dão orientações

### ■ Para as empresas:

- 1 - Felicidade como valor: gerar significado para as ações, trazer a felicidade para a estrutura da empresa, para os valores
- 2 - Estímulo do reconhecimento: trabalhar a gratidão entre os colaboradores. Um exemplo é começar as reuniões perguntando se alguém tem algo para agradecer.
- 3 - Criação de laços: focar na proximidade entre as pessoas.
- 4 - Flexibilidade e autonomia: criar relações de confiança com o colaborador sobre o seu próprio gerenciamento de tempo e entregas.
- 5 - Entender quem são os colaboradores: perceber quais são as atividades que geram maior felicidade nos colaboradores e buscar desenvolvê-las.
- 6 - Criação de um ambiente sustentável: espaço para críticas, ideias, contribuições dos colaboradores, para eles se expressarem.
- 7 - Organização da comunicação: poupar o tempo da equipe, definir quais reuniões são realmente importantes. Definir um canal de comunicação que não seja o mesmo do pessoal, enviar uma quantidade menor de e-mails.
- 8 - Valorização da desconexão digital: empresas devem estabelecer políticas de desconexão digital, respeitando o espaço de descanso dos colaboradores. A recomendação é de pelo menos 12 horas de desconexão sequenciais. Na França o tema já é lei.
- 9 - Iniciativas de decompressão: criação de espaços e pausas na agenda corporativa como a determinação de faixas de horários para a não realização de reuniões online ou uma semana de descanso para todos do escritório.

### ■ Para colaboradores:

- 1 - Deixe as coisas fluírem e permita sentir: aproveite para implementar mudanças pequenas e duradouras e exercitar o novo. Não se cobre grandes transformações. Experimente coisas novas.
- 2 - Mantenha-se saudável: como consequência terá a produtividade, mas não foque só nesta última.
- 3 - Momentos de descanso entre uma reunião e outra: tomar sol, andar pela casa, buscar trocar de ambiente. Realizar intervalos se o trabalho for presencial. Apagar o espelho da câmera em reuniões online e também a câmera pode contribuir para diminuir o cansaço.
- 4 - Redes sociais: estabelecer horários e momentos para utilização.
- 5 - Método RAIN: reconhecer as emoções negativas, permitir senti-las, investigá-las e cuidar de si mesmo depois.



## O melhor de dois mundos

Um CEO que também é CHO: o cargo C-level mais elevado de uma empresa (o de presidente) acumulando a função de ser guardião e embaixador da felicidade na companhia. “Quando a alta liderança acredita no tema e o promove na empresa, vai fazer o tema acontecer. E quando o líder é alguém que acredita, é muito mais fácil mudar a cultura”, destaca Renata Rivetti, da Reconnect.

Na The Bridge, empresa de alocação de profissionais da área de tecnologia no mercado de trabalho internacional, o CEO, também conhecido como CHO, é Bernardo Carvalho. Após 15 anos no mercado publicitário, ele se aventurou em busca de um novo propósito: trazer felicidade para a vida de outros profissionais.

“O cargo de Chief Happiness Officer nasce como uma missão, além de ser um dos objetivos da empresa, de fazer os clientes felizes, os candidatos felizes e a equipe interna também”, diz. “Eu ser também o CEO da empresa significa um olhar 360°, de como posso gerar felicidade, valor e resultados.” Para Bernardo, a falta de liderança, de uma cultura organizacional sustentável ou da definição de plano de carreira são alguns dos fatores de maior insatisfação no trabalho. “Na The Bridge perguntamos a motivação da saída do candidato do antigo emprego e é aquilo: as pessoas não deixam as empresas, elas deixam o chefe.” O CEO acredita na importância do engajamento dos colaboradores e na criação da sensação de pertencimento para gerar mais felicidade.

## Disciplina na faculdade

“Qual é o seu nome? O que te faz feliz?”. Estas são as duas primeiras perguntas da disciplina de Felicidade na Universidade de Brasília (UnB) que o professor Wander Pereira faz para seus alunos. A matéria, que não tem como objetivo ensinar a ser feliz, mas apresentar práticas para exercitar esse sentimento é, para alguns alunos, o ponto de partida para a determinação de um caminho para a vida profissional guiado pela felicidade.

A disciplina, criada em 2018 com foco em estudantes de engenharia, e que hoje tem alunos de diversos cursos, serve para muitos como válvula de escape e acaba contribuindo para a melhora do desempenho em outras matérias. Criticada por outros docentes, a disciplina quebra o paradigma de que para ser um bom profissional é preciso sofrer, é preciso ser duro para resistir ao trabalho.

“A maioria dos alunos entra para cursar a disciplina com a ideia de que trabalhar é uma batalha, é preciso sobreviver, ser forte. No decorrer do semestre, começam a perceber o preço alto para a saúde mental e que o prazer é parte essencial do trabalho.”

“Ensino que ninguém pode ser responsável pela sua felicidade a não ser você mesmo, mas é uma responsabilidade das empresas criarem condições para que as pessoas se realizem e sejam felizes no ambiente de trabalho”, destaca o professor. As empresas devem ter como prioridade a saúde mental dos seus colaboradores, bem antes da lucratividade. “Essa lógica de primeiro o lucro e depois o bem-estar não dá certo. O modelo de empresa que não é sustentável emocionalmente, vai chegar um dia que também não vai ser economicamente”.

## Sustentabilidade

A construção de uma cultura saudável, que contemple o bem-estar humano como valor inegociável, aliada a um modelo de liderança que privilegie o cuidado, é o ponto de partida para alcançar a sustentabilidade emocional. Segundo Carla Furtado, do Instituto Felicidade, além disso, é preciso reduzir a velocidade, o excesso de trabalho e de conexão no sentido de garantir a sustentabilidade.

Para Renata Rivetti, da Reconnect, o que realmente trabalha a felicidade do colaborador é valorização, reconhecimento, pertencimento, desafio e significado. “Oportunidade de desenvolvimento, autonomia e flexibilidade, equilíbrio entre vida pessoal e profissional, relações positivas, trabalho que desafia e que tem significado”, destaca.

# Da semente crioula ao alimento no prato

Famílias nativas da Borborema se reúnem em cooperativa e criam o Flocão da Paixão, um produto com milho livre de transgenia e agrotóxicos, cheio de saberes populares

**Alexandra Tavares**  
lekajp@hotmail.com

Sustentabilidade, saúde e sabor. Esses são os principais elementos que produtores da agricultura familiar da região da Borborema paraibana reúnem no cultivo do milho da Paixão, apelido dado pelas famílias nativas às sementes crioulas, típicas do local, que são passadas de geração a geração. O milho da Paixão é livre de agrotóxico e de transgenia, processo de modificação genética induzida em laboratório. Segundo especialistas, a forma natural de tratar a semente e manter o cultivo garante mais bem-estar para o organismo humano e conservação do meio ambiente.

O engenheiro agrônomo Emanuel Dias explicou que a plantação de milho advinda dos grandes produtores rurais, geralmente, é mantida com agrotóxico e a transgenia. A adoção dessas duas práticas tem, entre outros objetivos, o papel de deixar a semente mais resistente às pragas.

As regiões que costumam abastecer a Paraíba com esse grão são o Centro-oeste e o Sul. “Essa transgenia, feita em laboratório, consiste na utilização de gene de animais ou bactérias na semente do grão”, explicou Dias. Tal modificação genética da semente levanta várias discussões sobre seu impacto na saúde humana. Há teorias de que o grão transgênico, quando consumido por longo período, resulta no aumento da incidência de doenças, como o câncer.

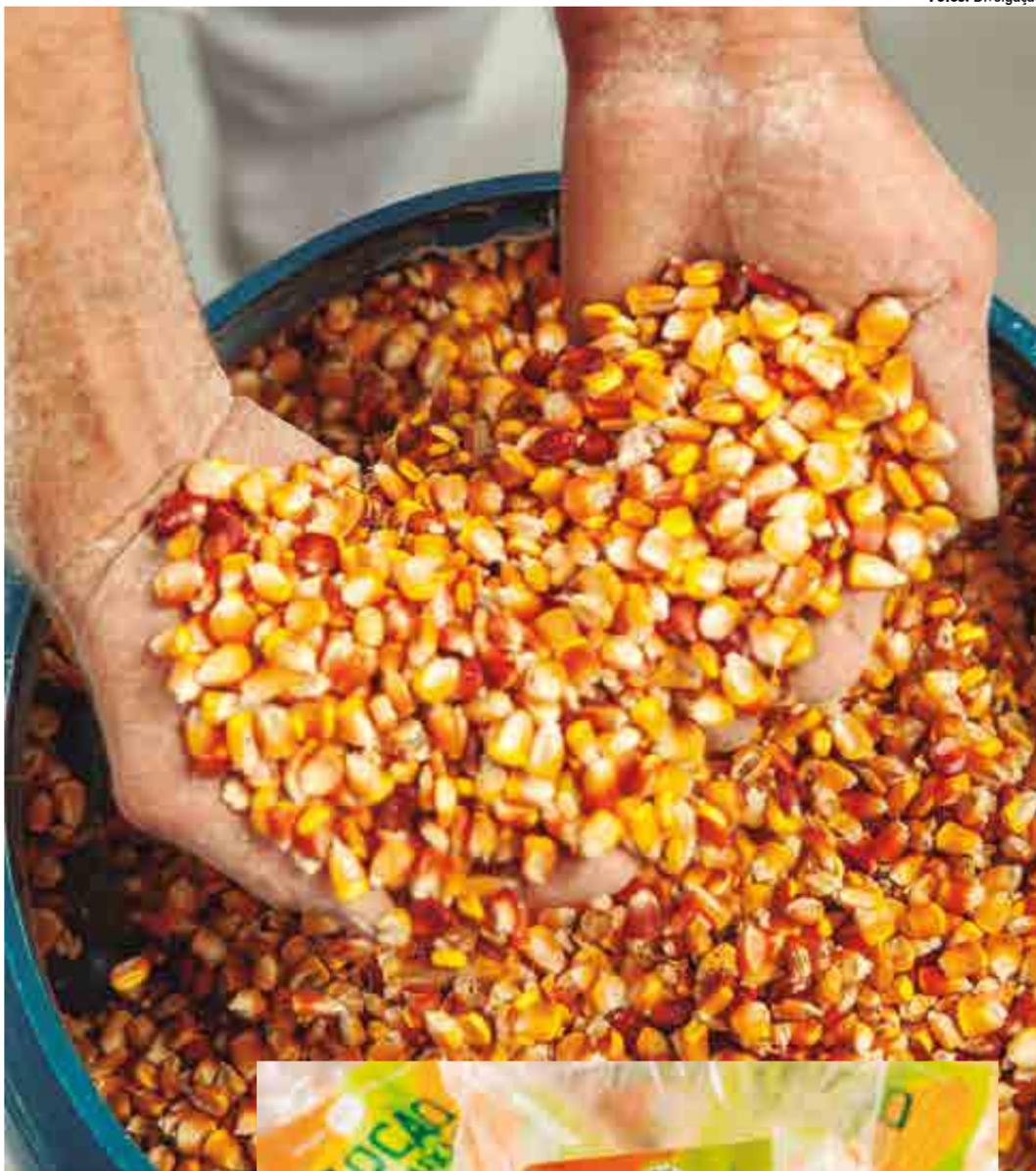
“Há revistas científicas que já publicaram estudos feitos com camundongos. Após serem alimentados por determinado período com alimentos transgênicos, esses mamíferos apresentaram tumores. Nas fêmeas, o câncer foi mais frequente nas mamas, e nos machos, na parte reprodutiva”, explicou Emanuel.

O assunto, porém, é polêmico e os males ou benefícios do grão transgênico dependem de cada vertente científica. “O cultivo do transgênico, comum na produção de grande escala, geralmente vem acompanhado do uso de agrotóxico”, frisou o agrônomo. Há estudos que apontam que o uso constante de defensivos químicos faz com que a planta se torne, com o decorrer do tempo, resistente ao produto, fazendo com que seja preciso cada vez mais intensificar sua potencialidade, prejudicando o solo, a água, os animais e a saúde humana.

Outro impacto ambiental é que, ao contrário do que acontece na agricultura familiar, a transgenia é utilizada por grupos que produzem em larga escala, que cultiva em extensas áreas de terra e, nesse processo, não é difícil estar envolvido o desmatamento. “Os agricultores tradicionais cultivam em seus pedaços de terra, evitando o desmatamento e contribuindo para o equilíbrio ambiental”, declarou o engenheiro agrônomo.

## SAIBA MAIS

■ O apelido milho da Paixão, atribuído às sementes crioulas (típicas da região), surgiu devido à relação quase fraternal que o produtor mantém com a semente. Após cada colheita, o pequeno agricultor guarda uma parte do grão para ser usado na safra seguinte. São os chamados “guardiões” e “guardiãs” da semente, uma prática que existe há décadas, passada de pais para filhos. Como o milho é responsável por parte do sustento das famílias, há uma relação de preservação, de respeito ao grão. Além do milho, os produtores ainda cultivam feijão, frutas e verduras orgânicas.



Dos campos semeados pelos agricultores familiares, a semente crioula do milho se transforma no Flocão da Paixão, um produto que já está à venda em várias cidades, garantindo renda aos cooperados e alimento saudável na mesa do consumidor



## + Processo de produção de forma natural

O engenheiro agrônomo Emanuel Dias explicou que o cuidado com a semente crioula ou milho da Paixão existe desde o momento do armazenamento. Para se conservar as sementes excedentes, o agricultor utiliza produtos naturais como casca de laranja e pimenta.

O manuseio do solo e a secagem do grão são feitos com processos livres de defensivos químicos. “A colheita é feita no tempo certo do milho, a secagem ocorre no sol, tudo de forma natural. Para controlar alguma praga ou doença, usamos extratos de plantas ou essência natural para conter o desequilíbrio. A gente também atua no manejo da fertilidade do solo para fortalecer essas plantas. Então, o diferencial da semente crioula ou milho da Paixão está na forma como a semente é armazenada, plan-

tada e colhida, para depois ser beneficiada”, destacou Dias.

Esses critérios de cultivo natural são eixos defendidos pela Agricultura Familiar e Agroecologia (AS-PTA), Organização Não Governamental (ONG) que apoia a agricultura familiar na região e da qual o engenheiro agrônomo Emanuel Dias faz parte.

A entidade procura manter a tradição dos agricultores

locais, respeitando e revertendo seus saberes em benefício da comunidade. A AS-PTA ainda busca capacitar e fortalecer os trabalhadores rurais em sua coletividade, com técnicas apropriadas ao cultivo, ampliando a rede de relacionamento dos produtores com outros órgãos, aumentando sua fonte de renda dentro de um sistema ecologicamente correto.

Foto: Divulgação



Emanuel Dias, engenheiro agrônomo que integra a rede de produção do flocão, ressalta a importância da manutenção da tradição dos agricultores

## Tradições são fortalecidas

“O cuscuz é nosso alimento sagrado. Está na mesa do nordestino no café da manhã, no almoço e no jantar”, afirmou a presidente da CoopBorborema, a agricultora Gizelda Beserra, moradora da cidade de Remígio. Segundo ela, a cooperativa está utilizando o milho da Paixão cultivado na região e transformando-o no Flocão da Paixão, produto livre de transgenia e agrotóxico. Com isso, não traz na embalagem o famoso “T” escrito dentro de um triângulo amarelo, símbolo da transgenia visto na maioria das farinhas de milhos vendidas no mercado.

O produto já pode ser encontrado nas prateleiras de estabelecimentos comerciais da região da Borborema, de João Pessoa e de Recife, além de feiras agroecológicas. Gizelda Beserra também é uma das dirigentes do Polo Borborema, uma ação territorial do movimento sindical dos agricultores que reúne a participação de 14 municípios e 13 sindicatos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais e da qual a cooperativa faz parte. “A AS-PTA faz nossa assessoria. O movimento sindical busca fortalecer a agricultura familiar com base na agroecologia, resgatando e fortalecendo os saberes populares das famílias”, salientou Gizelda.

À medida que foram pondo em prática o que aprenderam com as capacitações recebidas, os produtores da agricultura familiar da Borborema aliaram a técnica ao conhecimento tradicional do povo. Assim, puderam não apenas cultivar produtos suficientes para alimentação própria, mas geraram excedentes.

Ela contou que, no passado, os chamados “atravessadores” iam até as lavouras comprar o milho ainda na espiga, a preço mais baixo do que no mercado. Essa prática era considerada injusta porque os produtores perdiam renda. “Eles compravam o nosso milho, e a gente comia cuscuz transgênico do supermercado. Então, com a cooperativa, decidimos comprar o excedente, montamos uma mini-indústria, e produzimos o Flocão da Paixão”, explicou Gizelda.

A ideia da cooperativa e das entidades que apoiam os agricultores é ampliar os campos produtores de milho da Paixão para que forneçam matéria-prima suficiente para atender a demanda. “Já tem pedido de outros estados”, confessou. Ela acrescentou que já se produzia no local o xerém e a farinha de milho da Paixão. A novidade é o flocão.

## SAIBA MAIS

■ A agricultura orgânica é uma forma sustentável de produzir diversas culturas baseado na consolidação de saberes, aliando a viabilidade econômica, a preservação dos recursos naturais para as gerações futuras e a saúde humana. O conceito de agroecologia foi desenvolvido pelo pesquisador Howard, em 1934.

■ Sementes crioulas são aquelas tradicionais, ou seja, que foram mantidas e selecionadas por várias décadas através dos agricultores tradicionais do mundo todo e que não possuem restrição para a sua multiplicação.



Foto: Instagram/Trezeoficial

# CÍCERO VALDIRAN

CONFIANÇA  
NO TRABALHO  
E FOCO  
NO OURO  
PARALÍMPICO

Paratleta da cidade de Aguiar projeta subir ao pódio em Tóquio no lançamento de dardo, onde já é o recordista mundial

Iago Sarinho  
iagosarinho@gmail.com

Campeão e recordista mundial no lançamento de dardos, classe F57, Cícero Valdiran, paraibano natural de Aguiar, mas que viveu toda sua infância e adolescência na cidade de Igaracy - hoje radicado em João Pessoa, onde treina desde 2012 - é hoje um dos favoritos para conquistar uma medalha de ouro nas Paralimpíadas de Tóquio, no Japão. Na última semana, competindo na cidade de São Paulo, o paratleta conseguiu a melhor marca

do ano no mundo, 46m64, após cerca de um ano e meio sem treinar.

Com o resultado, Cícero reconquistou a liderança do ranking mundial e reforçou a confiança para a principal competição paralímpica, na qual estará presente pela segunda vez - em 2016 ele esteve nos Jogos do Rio de Janeiro -. Agora, na reta final de sua preparação, ele concedeu uma entrevista para o **Jornal A União** onde garantiu dedicação total para representar bem a Paraíba e o Brasil e retornar da Ásia com mais uma medalha, assim como fez na disputa do mundial de 2019, em Dubai.



Foto: Ale Cabral/CPB

O paratleta paraibano Cícero Valdiran está bastante confiante e preparado para ser um dos destaques nas Paralimpíadas de Tóquio

## A ENTREVISTA

### Como começa a sua relação com o paradesporto?

Meu início no paradesporto foi em 2011, quando eu e minha mãe saímos de Igaracy, aqui no interior da Paraíba, pois minha mãe foi cuidar da minha irmã que havia ganhado um menino e estava morando em Natal, no Rio Grande do Norte. Lá, eu estava andando pela rua em um certo dia e vi um cadeirante, uma pessoa que sou eternamente grato, o Franciélino que me abordou perguntando se eu conhecia o movimento paralímpico. Até então, eu não sabia o que era, só havia visto algumas coisas relativas ao Parapan de 2005. Na ocasião, ele me explicou como funcionava, o que era, e sugeriu três opções: a natação, o atletismo e o halterofilismo. Na época, eu era bem franzino e já descartei o halterofilismo e, em relação ao atletismo, tinha na minha cabeça que era algo só para quem corria. Aí, restou a natação, eu achava que sabia nadar, pois fazia isso nos açudes e rios, mas quando iniciei os treinos vi que era algo completamente diferente, todavia foi assim que tudo começou e esse conjunto de possibilidades se abriu para mim.

### Em que momento você passou a treinar com Pedrinho e qual a importância dessa parceria com o treinador?

Eu comecei a treinar com Pedrinho entre 2012 e 2013, através do professor Jailton (Jailton Lucas de Miranda) que, para mim, assim como para muitos paratletas da Paraíba, é uma espécie de segundo pai,

tanto ele quanto Pedrinho. Então foi Jailton que me levou para fazer um teste na pista da UFPB em 2012 e Pedrinho identificou que eu tinha potencial para a prova do lançamento de dardo. Na época, eu lançava em pé e não estava errado, pois cheguei a bater o recorde mundial na classe F43, só que essa classe, infelizmente, não entrava para campeonatos mundiais e nem nos Jogos Paralímpicos. Foi aí que, no ano de 2015, eu e Pedrinho nos reunimos e decidimos passar a realizar o lançamento sentado e isso nos abriu a possibilidade de competir nessas disputas mais importantes e, já nos Jogos de 2016, com apenas seis meses de treino, conseguimos ter uma boa participação.

### Uma das grandes dificuldades para quem compete em alto nível, especialmente no paradesporto, que possui ainda menos apoio dos que as modalidades olímpicas, é a necessidade de poder se dedicar em tempo integral. Hoje, você consegue viver apenas do paradesporto?

Sim, hoje, graças ao paradesporto, venho conquistando aos poucos as minhas coisas e vitórias pessoais. Se não fosse o paradesporto, acredito que não teria chegado onde venho chegando. Além do paradesporto é importante ressaltar os incentivadores e patrocinadores. Hoje tenho o apoio que foi renovado recentemente com a Caixa Econômica, o Bolsa Pódio que é federal e agora o Bolsa Esporte do Governo do Estado que passou a nos apoiar a partir desse ano, em

uma ação muito importante que complementa, por exemplo, outros projetos como o Paraíba Paralímpica e os Jogos Paraescolares que tem descoberto vários atletas como, por exemplo, o Petrucio Ferreira e Joeferson Marinho, que são meus companheiros de treinamento. Tenho certeza que se seguir havendo esse apoio aqui no estado, vamos ter muitos Petrucios, Cíceros e Joefersons surgindo e trazendo coisas boas para a Paraíba.

### Como foi para você lidar com esse período pandêmico, o que mudou na sua vida e na sua preparação para as paralimpíadas?

Esse momento foi difícil para todos os atletas, especialmente no início. No começo da pandemia foi complicado, a gente vinha treinando em um ritmo muito bom e tivemos que parar, ficamos com uma incerteza de quando voltar. Primeiro havia uma previsão de quinze dias e depois não voltava. Foi complicado. Não parei 100%, pois Pedrinho sempre manteve uma programação de treinamentos para a gente de casa, mas não é a mesma coisa, não se tem o mesmo trabalho e resultados. Agora, felizmente, não foi algo que comprometeu tanto o nosso desempenho e os resultados da última competição que disputamos em São Paulo comprovam isso. Nesse meio tempo, também aconteceu algo muito importante para mim que foi a nossa transferência para o Clube Campestre de Campina Grande e que está iniciando agora no Paradesporto, abraçando a nossa causa, nos auxiliando com

uma estrutura que nunca tivemos no paradesporto e tenho certeza que, dessa parceria, muito coisa boa vai sair.

### Você vinha da conquista do Mundial em 2019. Essa quebra do ciclo olímpico atrapalhou o teu trabalho ou você acha que ganhou mais tempo de preparação?

No meu caso, como já estava com vaga garantida, acabou que não tive benefício algum com essa pausa, pois estava completamente focado em disputar os Jogos Paralímpicos em 2020. Para quem vinha de lesão ou estava buscando o índice, pode sim ter sido algo que veio para ajudar. Então, em partes, houve sim um prejuízo, pois tivemos uma quebra do trabalho que vinha sendo feito. Por outro lado, acredito que tenha sido positivo por ter permitido que dessemos uma redução no ritmo, pois estávamos tendo uma exigência física muito grande e nós somos paratletas, mas feitos de carne e osso. Então, foi um descanso forçado, mas que permitiu uma relaxada e recuperação que não teria havido sem essa pausa no ciclo. Agora, o problema é que isso também vai gerar um novo ciclo de muito desgaste, pois o adiamento das Paralimpíadas vai nos impôr um calendário de muitas disputas em seguida até 2025.

### Ao que tudo indica, realmente teremos os jogos, como você se sente hoje, está completamente pronto para a disputa?

Sim, como sempre falo para Pedrinho, a gente está preparado

para o que der e vier, pois tanto eu confio no meu trabalho e confio, ainda mais, no trabalho dele e em tudo que fizemos nesses últimos anos. Então, a gente tem que estar 100% confiantes, pois nos últimos anos temos colhido bons frutos por toda a nossa dedicação.

### Com os resultados obtidos nesse mês, em São Paulo, você reassumiu a ponta do ranking mundial, qual a importância desse fato para você? Isso é algo que te põe mais pressão ou te dá mais confiança?

Esse resultado em São Paulo, na hora até comentei com Pedrinho, foi algo que eu não estava esperando. Pelo fato de que a gente está fazendo um trabalho super pesado e de carga máxima que não foi interrompido para essa competição, pois eu não estava em busca do índice. Por isso, essa competição foi de fundamental importância, ainda mais pelas marcas. Foi uma marca para trazer confiança. A verdade é que, tanto na minha cabeça, quanto na dos outros atletas, havia uma incógnita sobre como estaríamos depois de quase um ano e meio fora de competições. Nesse sentido foi um reforço de confiança e isso é tudo. Se vou chegar lá no Japão e conquistar a medalha de ouro, prata ou bronze, será uma consequência, mas de uma coisa eu sei, chegarei lá e darei meu 100%, como sempre fiz, para representar o meu estado, representar o Brasil e, se tudo der certo, sair com um grande resultado.

# Fla abre a sétima rodada do Brasileirão contra o Juventude

Fluminense x Corinthians, em São Januário, e Santos x Atlético-MG, na Vila Belmiro, são outros dois jogos de destaque

Foto: Instagram/Flamengo

Nove jogos estão programados para hoje pela sétima rodada do Campeonato Brasileiro com destaque para o clássico Fluminense x Corinthians, em São Januário, a partir das 16 horas. O tricolor perdeu a invencibilidade no meio de semana para o Atlético de Goiás na derrota de 1 a 0, enquanto o Timão segue pressionado por melhores resultados sob o comando de Sylvinho.

A programação deste domingo será aberta com o jogo entre Juventude e Flamengo, às 11 horas, no estádio Alfredo Jaconi. Desfalcado de seus principais titulares e agora sem Gerson que se despediu na vitória de 2 a 1 sobre o Fortaleza, na última quarta-feira, o técnico Rogério Ceni tem muitos problemas para administrar, principalmente depois da rebeldia de Pedro ao ser substituído diante dos cearenses. O clube vive um momento de ebulição por conta da convocação do jogador que está bastante interessado em disputar os Jogos Olímpicos, pensamento diferente da diretoria do clube.

Ambiente conturbado também no Palmeiras que perdeu para o Bragantino no meio de semana de 3 a 1, deixando o técnico Abel Ferreira em situação complicada, embora não corra nenhum risco de saída. O técnico tem solicitado reforços, mas a diretoria não tem atendido. Além do mais, os problemas disciplinares de Lucas Lima e Patrick de Paula que descumpriram protocolos sanitários e foram multados também agitaram a semana. O alviverde joga em casa diante do Bahia, às 20 horas, mesmo horário dos jogos Grêmio x Fortaleza e Athletico-PR x Internacional.

Outro clube bastante pressionado é o São Paulo do técnico Hernan Crespo. Depois do título paulista, o time não se encontrou mais e segue sem vencer no Brasileirão, inclusive, vem de um empate em casa com o Cuiabá. O Tricolor ocupa a zona de rebaixamento e joga às 20h30, no Castelão, diante do Ceará. No mesmo horário, mais três jogos: América-MG x Internacional, Sport x Cuiabá e Santos x Atlético-MG.

## JOGOS DE HOJE

■ 11h

Juventude x Flamengo

■ 16h

Fluminense x Corinthians

■ 20h

Palmeiras x Bahia

Grêmio x Fortaleza

Athletico-PR x Chapecoense

■ 20h30

Santos x Atlético-MG

América-MG x Internacional

Ceará x São Paulo

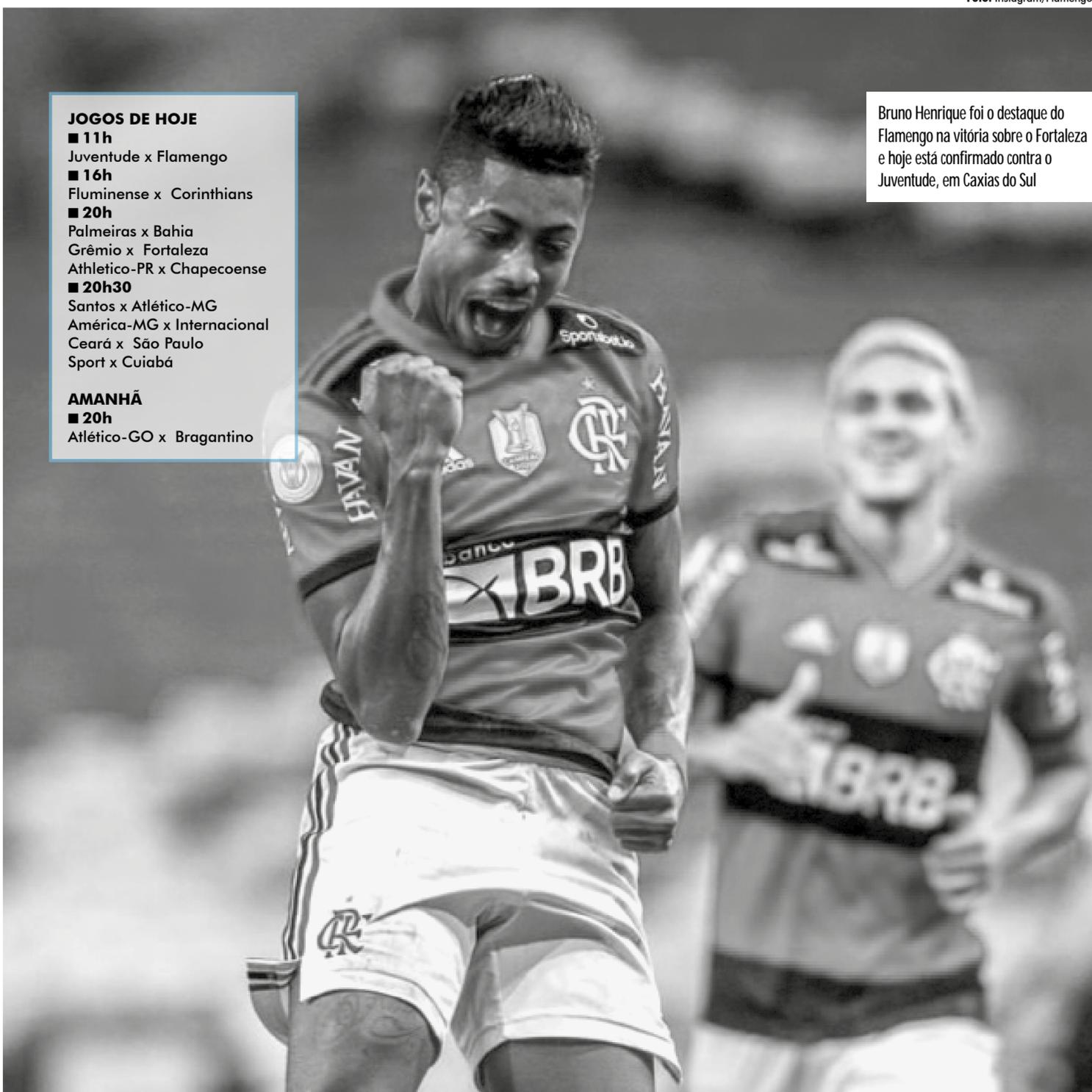
Sport x Cuiabá

## AMANHÃ

■ 20h

Atlético-GO x Bragantino

Bruno Henrique foi o destaque do Flamengo na vitória sobre o Fortaleza e hoje está confirmado contra o Juventude, em Caxias do Sul



## Max Verstappen e Lewis Hamilton brigam pela liderança do Mundial hoje na Áustria

Foto: Instagram/Redbullracing

Além de muito futebol pelo Brasil e no mundo, a velocidade também atrai as atenções dos amantes da Fórmula 1 com mais um Grande Prêmio neste domingo, colocando frente a frente os pilotos Max Verstappen, da Red Bull, e Lewis Hamilton, da Mercedes, em mais um duelo que promete bastante no GP de Estíria, na Áustria, a partir das 10 horas (horário de Brasília). Verstappen vem de uma grande vitória na França e espera manter a liderança do Mundial, hoje 12 pontos a frente.

Em entrevista ao site oficial da Red Bull, Verstappen explicou suas expectativas e comentou sobre o último GP. O holandês contou que está ansioso para a corrida no circuito austríaco. "Estou realmente ansioso pela Áustria porque é claro que é como um GP em casa e a oportunidade de fazer duas corridas o torna ainda melhor. É sempre bom correr lá e tivemos bons resultados

“Temos de acertar bem o carro novamente, ler as condições e reagir a elas. Não sei como vai estar o tempo, mas com certeza espero que volte a fechar”

no Red Bull Ring, mas nada é sempre garantido”. “Temos de acertar bem o carro novamente, ler as condições e reagir a elas. Não sei como vai estar o tempo, mas com certeza espero que volte a fechar. Espero que possamos ter dois fins de semana muito bons”, concluiu Verstappen. Depois de ver a vitória escapar numa pista que a favorecia, a Mercedes vai para o Red Bull Ring em posição delicada na Fórmula 1. A pista austríaca tende a ser boa para a Red Bull por conta das longas retas. A atual campeã precisa dar um jeito de vencer as duas provas por lá para manter o campeonato sob controle.



O holandês vive uma grande fase na equipe da Red Bull e deve travar mais um grande duelo com o inglês hoje no circuito austríaco

O São Paulo ainda não venceu no Campeonato Brasileiro e hoje joga no Castelão, diante do Ceará, pressionado para fugir da zona de rebaixamento

# Treze busca primeira vitória diante do Sousa no Amigão

Galo entra em campo às 16 horas pela quarta rodada do Brasileiro da Série D, depois de uma derrota e dois empates

Iago Sarinho  
iagosarinho@gmail.com

Antepenúltimo colocado do Grupo 3 da Série D, o Treze, buscando sua recuperação na competição, recebe, hoje, no estádio Amigão, às 16h, o Sousa, atual vice-líder da chave. O confronto, põe em choque dois times paraibanos que estão em condições distintas, nesse momento, dentro da quarta divisão nacional e, também na temporada. Afinal, o Galo vive uma crise que parece interminável, desde que foi eliminado na repescagem do Estadual pelo São Paulo Crystal, enquanto que o Dinossauro, foi vice-campeão paraibano e, mesmo perdendo o título, vem conseguindo se manter bem na disputa nacional.

No processo de reconstrução da equipe, que começou ainda durante o Campeonato Estadual, após a demissão de Marcelinho Paraíba para a chegada de Tuca Guimarães, o Treze não vive vida fácil, mas sim o seu melhor momento, desde que se instaurou a crise, quando o atacante João Leonardo denunciou atrasos salariais e falta de acompanhamento aos atletas que haviam sido infectados por covid-19 - o atleta, encabeçou a lista de atletas que pediram rescisão ou foram dispensados do elenco nas últimas semanas - no início do mês.

Vindo de uma derrota e dois empates consecutivos, por 2 a 2, diante do Atlético Cearense, fora de casa, e o Central de Caruaru, jogando no Amigão, o Treze somou seus primeiros dois pontos e, agora, está a dois outros pontos do G4 que garante classificação para a segunda fase da Série D. Por isso, o confronto contra o Sousa pode ser decisivo para as pretensões do alvinegro de Campina Grande dentro da quarta divisão. Vale salientar, que o Galo, por ter ficado fora das finais do Estadual, não possui vaga garantida para nenhuma competição no segundo semestre de 2022 e, caso não consiga o acesso para a Série C, a equipe só jogará o Campeonato Paraibano no próximo ano.

Do outro lado do confronto entre paraibanos, neste domingo, o Sousa vai até Campina Grande em busca de sua primeira vitória, fora de casa, na Série D de 2021. Até o momento, a equipe jogou duas vezes no Marizão e venceu em ambos os confrontos, no entanto, na partida que fez fora de seus domínios, o Dinossauro foi goleado, por 4 a 0, pelo ABC, atual líder do Grupo 3.

Porém, no jogo em questão, o time sertanejo jogou com vários desfalques, pois os atletas haviam sido poupados para as finais do Estadual - intento que acabou não saindo da forma esperada, afinal, a equipe não obteve o título. Agora, contra o Treze, o time sousense deve ir com força máxima e embalado, pela vitória contra o Campinense na última rodada, esperando pela chance de vencer o outro grande time de Campina Grande, o Galo da Borborema.



Foto: Instagram/Trezeoficial

Depois de uma semana de muita atividade no Presidente Vargas, os jogadores do Treze estão prontos e confiantes em dar a volta por cima

## Campinense

# Raposa tenta a reabilitação em Caruaru

Ivo Marques  
ivo\_esportes@yahoo.com.br

A derrota de 3 a 2 para o Sousa, na última quarta-feira, não estava nos planos do Campinense e agora o clube precisa pontuar neste domingo, contra o Central, para se manter no G4. A partida está prevista para as 15 horas, no estádio Lacerdão, em Caruaru-PE. Ambas as equipes estão com 4 pontos na tabela de classificação,

e a partida é uma disputa direta para ficar entre os quatro primeiros colocados. Por causa dos critérios, a Raposa está na frente, em terceiro lugar, e o Central em seguida, em quarto. O árbitro da partida será Paulo José Souza Mourão, do Maranhão, auxiliado pelos pernambucanos Humberto Martins Dias Silva e José Romão da Silva Neto.

O técnico Raniery Ribeiro acha fundamental sair

de Caruaru pontuando, mas espera um jogo tão duro, quando foi o contra o Sousa. "O Central veio aqui em Campina Grande e arrancou um empate contra o Treze. É um bom time, e dentro de casa, ainda é mais difícil de ser batido. Alguns dos nossos atletas sentiram a maratona de jogos e infelizmente não conseguimos segurar um bom resultado lá em Sousa. Quando estamos ganhando de 2 a 1,

substituímos alguns jogadores, porque estavam muito cansados, e tentei segurar o placar, mas não deu. Agora, é recuperar os jogadores e fazer uma grande partida contra o Central", disse o treinador.

Sobre a perda da invencibilidade, Raniery disse que isso não abala a equipe e que o Campinense não é um time imbatível.

"Nunca fomos imbatíveis. Eu via muito na im-

prensa essa coisa que estávamos invictos há tantos jogos, mas nós aqui da comissão e os jogadores não estávamos preocupados com isso, estamos sim preocupados em ganhar, fazer pontos e ficar no G4, mas em invencibilidade não, isto é coisa para o torcedor e a imprensa", disse o treinador

Para esta partida, Raniery, para variar, terá muitos problemas para escalar a equipe. Se por um lado ele já conta com os jogadores que estavam com covid, por outro, ele perdeu outros atletas por causa do tumulto em Sousa, quando três jogadores do rubro-negro foram expulsos. Foram eles o lateral esquerdo João Victor, o volante Serginho e o meia Edinho Corrêa. Por causa destes problemas, o treinador não revelou qual a equipe que deve começar jogando contra o Central.

Na Patativa do Nordeste, o técnico Júnior Baiano está preocupado com o sistema defensivo, que tomou 5 gols em 3 jogos. Durante toda esta semana, ele deu uma atenção especial ao posicionamento dos zagueiros e a proteção dos volantes na frente da área. A equipe deverá ter novidades, porque contratou quatro atletas e alguns deles podem fazer a sua estreia. São eles o lateral esquerdo Alex Lagamar, o volante Joba, o meia Júnior Timbó e o atacante Muller Fernandes, que já jogou no Botafogo-PB. Esse último teve uma lesão na coxa e dificilmente poderá jogar.



Foto: Smir Oliveira/Campinense

Jogadores do Campinense só pensam numa reabilitação no jogo desta tarde contra o Central, em Caruaru, pela quarta rodada do Brasileiro

# Brasil tenta manter os 100% na Copa hoje contra Equador

Seleção joga no Estádio Olímpico de Goiás a sua última partida na fase de classificação pelo Grupo B da competição

Foto: Lucas Figueiredo/CBF

A última rodada da fase classificatória da Copa América, em seu Grupo B, será encerrada neste domingo com a realização de dois jogos. No Estádio Olímpico, em Goiás, a Seleção Brasileira com 100% de aproveitamento nos três encontros já disputados terá pela frente o Equador, a partir das 18 horas e no mesmo horário vão jogar, no Estádio Mané Garrincha, Venezuela e Peru. Apenas uma equipe será eliminada nesta primeira fase e a disputa no Grupo B está entre Equador e Venezuela que só somaram dois pontos.

O Brasil, já classificado por antecipação, tem o seu jogo das quartas de final programado para o dia 2 de julho, no Estádio do Engenhão, o Nilton Santos, que tem recebido bastante reclamação de jogadores e treinadores pelo péssimo estado do gramado. Na última quarta-feira, Tite reclamou muito das dificuldades dos dois times em praticar um melhor futebol. Nas quartas de final, o Brasil vai enfrentar o quarto colocado do Grupo A.

Para o jogo deste domingo, o técnico deverá fazer novas experiências em

função da classificação antecipada, e não será surpresa se Vinicius Junior ganhar mais minutos, assim como outros jogadores que não têm sido aproveitados.

## Eurocopa

Um encontro de gigantes do futebol europeu vai acontecer neste domingo, a partir das 16h (horário de Brasília) entre Bélgica e Portugal pelas oitavas de final da Eurocopa. De um lado, a melhor seleção no ranking da Fifa e do outro, Portugal, a quinta, e atual campeã da competição. Lukaku e Cristiano Ronaldo podem ser os protagonistas do embate. O dia também tem outro confronto envolvendo Holanda e República Tcheca, às 13h (horário de Brasília).



Seleção Brasileira tenta fechar a primeira fase com 100% de aproveitamento hoje contra o Equador no Estádio Olímpico, em Goiás, a partir das 18 horas

## Copa América - Grupo B

CLASSIFICAÇÃO	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
BRASIL	9	3	3	0	0	9	1	8
COLÔMBIA	4	4	1	1	2	3	4	-1
PERU	4	3	1	1	1	4	7	-3
EQUADOR	2	3	0	2	1	4	5	-1
VENEZUELA	2	3	0	2	1	2	5	-3

**PURPLE IGUANA INVESTMENTS**  
M&A | EQUITY PARTNERS  
New Office - João Pessoa - PARAIBA  
Avenida João Cirilo da Silva, 221  
ALTIPLANO José Olimpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B  
Altiplano Cabo Branco - CEP 58046-005  
Contatos: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3254-5999

AGORA TEM  
**TRABALHO**

JOÃO PESSOA  
PREFEITURA

# MAIS DE 1 BILHÃO EM INVESTIMENTOS POR TODA A CIDADE.

A prefeitura lançou o maior programa de infraestrutura da história de João Pessoa. Serão diversas obras e ações, realizadas com recursos próprios e em parceria com o governo do estado e o governo federal, que vão fazer a cidade acelerar com desenvolvimento e cada vez mais preparada para o futuro. E isso é só o começo.



Fotos: Walter Ulysses

Foto: Acervo do Palácio

**André Resende**  
andreolimpio89@gmail.com

Pouco mais de dois séculos nos separam de um dos capítulos mais significativos da história do povo paraibano. A Revolução de 1817, chamada também de “Pernambucana” por ter eclodido, inicialmente, nos nossos vizinhos, instaurou aqui, em Pernambuco e no Rio Grande do Norte uma República que durou 76 dias até ser violentamente reprimida pela Coroa Portuguesa. O saldo de sangue da repressão na província de Paraíba do Norte foi de mais de 300 presos, uma centena de torturados e cinco mortos por envolvimento com a insurreição, entre eles o jovem de 19 anos, José Peregrino Xavier de Carvalho.

Nascido na cidade de Parahyba, como então era chamada a nossa capital, em 1798, Peregrino de Carvalho era filho do advogado e influente membro da elite local, o português Augusto Xavier de Carvalho. Ainda jovem, ingressou na carreira militar, um caminho comum aos filhos dos nobres naquela época, como conta a professora do departamento de História da UFPB, Serioja Mariano.

A professora, que pesquisou a Revolução de 1817 em sua tese de doutorado, intitulada “Gente Oculenta e de Boa Linhagem: Família, Política e Relações de Poder na Paraíba (1817-1824)”, a partir da documentação do Arquivo Histórico Ultramarino e dos Documentos Históricos da Biblioteca Nacional, identificou uma participação ativa da Paraíba e de Peregrino de Carvalho na insurreição contra o domínio português, sobretudo entre os meses de março a maio daquele ano.

“Peregrino de Carvalho foi muito atuante à frente dos patriotas, como eram conhecidos os revolucionários, inclusive quando o movimento de 1817 estava fadado ao fracasso e a capital já tinha deposto as armas, o tenente Peregrino de Carvalho estava dando o suporte militar no Rio Grande do Norte, domínio da família Albuquerque Maranhão”, explica.

No início do Século XIX, o Rei João VI veio para a colônia brasileira, fugindo da ameaça napoleônica, e aumentou impostos em todo Brasil. Algo muito duro para os produtores de algodão e açúcar do Norte, que já sofriam com a seca e com a perda de competitividade dos seus produtos no mercado externo.

A insatisfação das famílias nobres de Pernambuco, da Paraíba e do Rio Grande do Norte com o aumento dos impostos, principalmente, ganha adesão de negros escravizados e pessoas de classes mais baixas. Estava pronto o terreno para um levante. “A Coroa pesava a mão nos tributos para compensar os gastos da Corte, no Rio de Janeiro. O que só piorava a situação das capitânicas no antigo Norte, deixando as elites enfurecidas”, comenta Serioja Mariano.

Para reprimir os conspiracionistas, a Coroa ordena a prisão do capitão José de Barros Lima, em Pernambuco, envolvido no movimento de emancipação. O militar reage à voz de prisão e mata seu superior, sendo este o estopim da revolução. A partir dali os militares tomaram o poder, com a ajuda de comerciantes, religiosos e nobres da época, estabelecendo um governo provisório, com ideais republicanos que contou com a participação das províncias da Paraíba e do Rio Grande do Norte.



Quadro de Antônio Parreiras, no Palácio da Redenção, em JP, retrata prisão do herói revolucionário e o lamento do seu pai diante dos soldados da Coroa

## Da homenagem ao esquecimento

Peregrino de Carvalho: memória do mártir paraibano na Revolução “Pernambucana” de 1817 resiste ao apagamento do tempo na Paraíba

### + Lembranças na casa e no Palácio

Uma placa na entrada do sobrado de número 122, no centro de João Pessoa, traz a lembrança da rua que tem também o nome de Peregrino de Carvalho. É a lembrança da participação de um dos responsáveis por um dos principais levantes pela independência do Brasil. Homenagem singela, mas que ajuda a impedir o esquecimento de um dos mártires da Revolução de 1817.

O casarão em que viveu e também lhe serviu de cárcere só é possível de ser identificado porque uma placa, até discreta, foi afixada em sua lembrança pelo Clube Benjamin Constant, em 15 de Novembro de 1904, quando houve também a mudança do nome da Rua de Misericórdia para Peregrino de Carvalho.

Apesar do valor histórico do edifício, nunca lhe foi dada maior atenção no sentido de melhor preservá-lo. Após anos de usos diversos, atualmente funciona um restaurante para os comerciantes da região.

Segundo informações do projeto Memória João Pessoa, em relatório sobre o casarão que já foi morada de Peregrino de Carvalho, o espaço já foi sede do Clube Benjamin Constant e da tipografia de José Rodrigues da Costa, editor-proprietário de “O Pu-

blicador”, primeiro diário paraibano, em circulação no final do século XIX. Ainda de acordo com o relatório do projeto Memória João Pessoa, o jornalista José Leal Ramos teria escrito, em 1965, que o local deveria ser melhor aproveitado: “Esse prédio, que em outro país seria transformado em local de peregrinação cívica, depois de servir de sede de grêmio cívico, clube recreativo, repartição estadual, desceu à condição de pensão de ínfima classe e de casa de cômodos (...). A casa do herói-mártir de 1817 merecia maior respeito da geração atual”.

A historiadora Serioja Mariano analisa que esse “esquecimento” da revolução de 1817 não é circunstancial. “Não era interessante descrever ou dar importância a um movimento que contestava a política da Coroa, falar sobre isso era mostrar que as coisas não estavam indo bem sob o domínio dos portugueses e não era a visão de história que essa produção historiográfica queria deixar para a posteridade”, comenta.

No século seguinte, no entanto, na busca por uma identidade paraibana, sobretudo para evidenciar os heróis da terra, há uma retomada dos símbolos e dos mártires da revolução

de 1817. Mas a homenagem mais nobre é talvez a mais desconhecida pela população. É um quadro de Antônio Parreiras, de 1918, no salão principal do Palácio da Redenção, sede do Governo do Estado, que mostra o pai de José Peregrino de Carvalho, Augusto Xavier de Carvalho, com um crucifixo na mão, pedindo que o jovem filho se entregue às tropas portuguesas, isso após a promessa de que o seu filho não seria morto. Diante do apelo do pai, ocorre o inevitável, o filho se entrega e, naquele momento retratado na pintura, é preso.

O quadro foi encomendado pelo governo Camilo de Holanda (1912-1920) dentro da perspectiva da mitificação dos heróis da terra. “Essa cena é reforçada na historiografia paraibana para legitimar o mito de um dos heróis de 1817, reforçando o sentimento de paraibanidade. A tela está em um lugar de destaque da política paraibana, na sede do governo, um lugar simbólico para manter viva na lembrança das pessoas acerca da relevância do movimento de 1817. Não podemos esquecer de que quando o quadro foi pintado, no início do século XX, era importante criar e legitimar heróis da recém instaurada República”, conclui Serioja.

Foto: Marcus Antônio



Foto: Marcus Antônio



Marcas da história de Peregrino de Carvalho estão presentes no sobrado em que ele viveu, na rua que hoje leva seu nome, no centro da capital paraibana. Homenagem para enaltecer o “herói da República” que trava uma luta contra o esquecimento

### A REVOLUÇÃO DE ELITE

■ Embora representasse o anseio de muitos dos nativos e do ódio desses contra os colonizadores, a historiadora Serioja Mariano destaca que, assim como em Pernambuco, na Paraíba, a adesão aos ideais republicanos passou primordialmente pelos interesses da burguesia paraibana. A revolução de 1817 foi, essencialmente, um movimento político de elites.

Serioja Marino, aliás, constatou em sua pesquisa uma outra faceta da revolução, que fora a participação ativa das famílias mais influentes da província à época. Ela explica que a densidade das redes de parentela foi essencial para o funcionamento do movimento revolucionário nas vilas, tanto no litoral como no sertão. “Famílias como Carneiro da Cunha, Monteiro da Franca, Albuquerque Maranhão, Correia de Sá, entre outras, defenderam os seus interesses e manutenção do status quo através do exercício do poder. Era uma sociedade impregnada, naquilo que Evaldo Cabral de Mello chamou de familismo”, acrescenta a historiadora. É justamente na participação ativa da nobreza na revolução de 1817 que entra a história de Peregrino de Carvalho. Influenciado pelos ideais de liberdade, o tenente Peregrino de Carvalho foi responsável por, entre outros movimentos revolucionários, comandar uma tropa de mais de 50 homens para garantir o sucesso da insurreição no Rio Grande do Norte. Após o início da repressão à revolução, no entanto, passou a conviver com a pressão do próprio pai, que pedia que ele se rendesse e se entregasse aos “realistas” a fim de evitar uma execução por crime de traição.

O jovem militar, comovido com os apelos do pai, após muito relutar, escreve uma carta à Coroa Portuguesa, acertando sua rendição. José Peregrino Xavier de Carvalho foi preso pela Coroa Portuguesa em 18 de maio de 1817. Antes de ser enviado para o Recife, em 17 de junho de 1817, José Peregrino Xavier de Carvalho, ficou preso na fortaleza de Santa Catarina, em Cabedelo. Ele foi enforcado no dia 21 de agosto de 1817 em Pernambuco e seus restos mortais foram trazidos para a capital, sua cabeça e mãos foram expostas na esquina da Igreja do Bom Jesus, atual Nossa Senhora de Lourdes, no Centro de João Pessoa.

Ramalho Filho

# Os textos por trás do “Bom Dia Para Você”

Hilton Gouvêa  
hiltongouvearaujo@gmail.com

Os campinenses das décadas de 1950/60 costumavam marcar seus compromissos para o meio-dia. Quando os relógios apontavam 12h – geralmente a dica do almoço –, os moradores do Compartimento da Borborema estavam literalmente de ouvido atento ao rádio, pois a crônica Bom Dia Para Você, do radialista-jornalista Ramalho Filho, era levada ao ar pela Rádio Borborema, nas vozes de Hilton Motta, Mivaldo França, Luismar Rezende, Wilson Maux ou Epitácio Soares. “Ele não falava, mas Deus concedeu-lhe o dom de encantar o público escrevendo a maravilha que os amigos liam”, assim opina o jornalista-escritor Gilson Souto Maior, autor de biografias de jornalistas e radialistas paraibanos.

Esse quinteto, formado por verdadeiros ases da radiofonia de décadas atrás, emprestava um sonoro realce de ouro ao diamantífero texto de José Pordeus Ramalho – o verdadeiro nome do cronista – que encantava as multidões pelo ouvido, até porque vivia-se, na época, a magnitude do modernismo radiofônico, que invadiu o éter, através das rádios e TVs dos Diários e Emissoras Associados, o grande império da comunicação do paraibano Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello – este um matuto de Umbuzeiro, que surpreendeu até a rainha Elizabeth (Inglaterra), com seu arrojo empresarial.

Figura destacada do rádio jornalismo paraibano, Ramalho chegou para trabalhar na Rádio Borborema, no dia em que a emissora nasceu em Campina Grande, a 8 de dezembro de 1949. Às vezes, ele revezava a escritura da crônica com outros amigos da emissora. Mas, quando chegava a sua vez de escrever, os microfones vibravam. Também choviam cartas e telefonemas elogiosos. Ramalho examinava tudo com um riso simples. Embora já tivesse quase 20 anos, a vaidade ainda não o havia atingido. Depois, engajou-se no Diário da Borborema, em 2 de outubro de 1957, completando um time de “cobras” do rádio jornalismo, onde já constavam Nilo Tavares, Álvaro Vieira, José Stênio Lopes, Osmário Lacet, entre outros.

De pé firme no Diário da Borborema, Ramalho atuou, também, como redator, cronista e articulista. Era um polivalente no interior das redações, daqueles que logo revelavam sua intimidade com a máquina de escrever, dada a variedade de assuntos que selecionava para publicar. Formou-se, assim, mercedamente, numa grande expressão do rádio jornalismo paraibano. Não havia tarefa no rádio jornalismo que não lhe fosse familiar. Foi, inclusive, um exemplar pauteiro, no seu afã espontâneo de auxiliar a chefia de reportagem, fornecendo dicas a fim de ressaltar as matérias selecionadas para o dia.

O radialista e jornalista Ramalho Filho, nasceu e foi batizado como José Pordeus Ramalho, na cidade sertaneja de Sousa, no Oeste Paraibano, em 19 de setembro de 1930. A revolução que ocorreu no mesmo ano, cujo estopim foi o assassinato do estadista João Pessoa – na época governador do estado –, aconteceria 39 dias depois, em 28 de julho. O menino José cresceu sem traumas deste período. Aos sete anos, gostava de acompanhar horas a fio a voz sonorizada que saía do amplificador de uma das praças de Campina Grande, onde morreu, em 5 de outubro de 1966.



Nascido em Sousa, o radialista chegou para trabalhar na Rádio Borborema dos Diários Associados e marcou época com suas crônicas

Foto: Arquivo

## Filiação, linhagem, trajetória profissional e a época de ouro

Seus pais eram José Alves Ramalho e Maria Soledade Pordeus Ramalho, que pertenciam a famílias tradicionais dos sertões de Pernambuco e da Paraíba. Os filhos, três homens e cinco mulheres, se chamavam Maria de Lourdes, Maria de Fátima, Antônio de Pádua, Vespaziano, João Bosco, Francisco de Assis, Maria do Socorro e Maria Soledade. Maria de Lourdes reside em Campina Grande e se dispôs a atender, por telefone, ao repórter encarregado desta matéria. Desta prole nasceram 20 netos. Victor, é considerado a enciclopédia do clã, por memorizar muitas coisas sobre o avô.

Ramalho Filho optou pelo rádio jornalismo quando a radiofonia em voga no Compartimento da Borborema vivia sua fase áurea. Campina Grande, o município-base da região, exportava algodão em grande quantidade para Liverpool, levando as cargas de trem direto para o Porto do Recife. Entre os anos de 1940/60, os radialistas e jornalistas presentes nesta cidade, podiam não ganhar salários fantásticos mas, nesse mister, superavam os confrades de João Pessoa e ainda tinham mercado de trabalho sempre aberto na publicidade.

Jornalistas do naipe de Ramalho Filho, Deodoato Borges, Joel Carlos, Nilo Tavares, Gilson Souto Maior, Stênio Lopes, Hilton Motta, Luismar Rezende e outros de igual quilate, faturavam razoavelmente. Ramalho Filho não era nenhum marajá dos salários, mas



Ao microfone, Ramalho Filho discursa em uma mesa entre convidados: ao longo da vida, trabalhou ao lado de grandes nomes do rádio de Campina Grande

Foto: Arquivo

não tinha queixa. Porque na área polarizada por Campina Grande, o rádio alcançou uma popularidade incomum e tornou-se um veículo sofisticado de comunicação – os radinhos portáteis também entraram na moda –, amplamente reconhecido como promotor e difusor da moda e da cultura.

O emprego das rádios e jornais proporcionava aos jornalistas até um

tempo útil para cuidarem das famílias. Ramalho Filho, colocado entre os que se encontravam na crista da onda do rádio jornalismo, ainda encontrava assunto em suas crônicas, para falar do primeiro dia de aula de sua filha mais velha, Maria de Lourdes. Em 7 de fevereiro de 1955, ele escreveu, no Diário da Borborema, Um Olhar Sobre a Vida. “Estou ficando velho. Hoje, minha

filhinha Maria de Lourdes, já com cinco anos e alguns meses, foi a primeira vez para a escola (...) a professora, moça distinta e competidora dos seus deveres, vai incutir no espírito dela, os ensinamentos do saber. (...) nessa ocasião, minha esposa descobre em mim, quase um cabelo branco em minha cabeça. E o arranco, com essa vaidade própria das mulheres”...

## Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

## João do Rio e a alma das ruas

Este ano, celebramos o centenário de morte de Paulo Barreto, o “João do Rio”, que morreu em 23 de junho de 1921 aos 39 anos. Jornalista e escritor, ele chocou, mas também encantou, o Brasil do início do século XX. Com seu olhar apurado, soube como poucos mostrar as mudanças da *Belle Époque* do Rio de Janeiro por meio de suas crônicas-reportagens. Em seus textos, com estilo único, mostrava os usos e costumes dos cariocas.

Paulo Barreto nasceu em 5 de agosto de 1881, mas só começou a assinar como “João do Rio” em 3 de maio de 1903, quando usou pela primeira vez o famoso pseudônimo. Para quem deseja apreciar um pouco mais o estilo do notável escritor, recomendamos a leitura de “A alma encantadora das ruas” (1908), em que mostra a cidade rejeitada pela elite carioca. Até hoje o livro é considerado sua obra-prima.

### Perda

Janet Malcolm, um dos maiores nomes do jornalismo norte-americano, morreu vítima de um câncer de pulmão. A morte foi divulgada no dia 17 de junho pelo *New York Times*. Janet escreveu o livro “O jornalista e o assassino”, que nos faz refletir muito até hoje. Na célebre obra, que trata

de um processo movido por um assassino contra um jornalista, ela nos leva a questionar nossas práticas. “Qualquer jornalista que não seja tão estúpido ou vaidoso a ponto de não ver a realidade sabe que o que faz é moralmente indefensável. O jornalista é uma espécie de homem de confiança, que explora a confiança, que explora a vaidade, a ignorância ou a solidão das pessoas, que ganha a sua confiança e depois as trai sem remorso”.

### Viva Gabo!

Estão abertas as inscrições para a 9ª edição do Prêmio Gabo. Podem participar do concursos jornalistas que publicaram trabalhos, em português ou espanhol, entre 1º de julho de 2020 e 30 de junho de 2021. As publicações serão avaliadas por 50 profissionais em 10 categorias. Os vencedores vão receber um prêmio no valor de 35 milhões de pesos colombianos, o equivalente a cerca de R\$ 48 mil reais. A Fundação Gabo foi criada em 1995 por Gabriel García Márquez.

### Pesquisa

Compreender como a/o docente de jornalismo é impactado pela conjuntura política e social que ampliou a pressão

e a violência contra as/os jornalistas brasileiros nos últimos anos. Esse é o objetivo de um estudo realizado pelas pesquisadoras Ivana Ebel, da Universidade de Derby (Inglaterra) e Janara Nicoletti, doutora em jornalismo egressa do PPJOR (Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UFSC). O questionário da pesquisa, disponível no site do PPJOR, assegura o anonimato das/dos respondentes, e o cruzamento de dados não permitirá a identificação de universidades, cidades e Estados.

### Desertos

Em 62,6% das cidades brasileiras, ou seja, 3.487 municípios, não existe um veículo sequer de imprensa para informar a população; ou seja, são “desertos de notícias”. Os dados integram o Atlas da Notícia, um mapeamento de veículos produtores de conteúdo jornalístico, produzido e publicado pelo Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor), com informações apuradas até novembro de 2019. Esses



números já são conhecidos, mas foram relembrados no e-book “O impacto das plataformas digitais no jornalismo”, lançado pela Fenaj (Federação Nacional de Jornalistas). No capítulo Sete, o livro trata de propostas para revigorar o jornalismo. Vale a leitura!

## Tocando em frente Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

## Os Gêneros Rítmicos – Mento, Ska, Calypso e Reggae

No universo musical, o que apresentam em comum os gêneros rítmicos de que trata esta Coluna? São pertencentes a uma mesma família musical. Os quatro advêm, quase de forma unissonante, de pequenas repúblicas caribenhas, a Jamaica e Trindade e Tobago.

A Jamaica é um país insular do Caribe, antiga possessão espanhola, que, em 1655, passou ao domínio britânico, tonando-se independente do Reino Unido em 1962, formando hoje uma monarquia constitucional parlamentar. Conserva uma arquitetura nitidamente britânica em suas duas principais cidades, Kingston e Montego Bay.

Já a República de Trindade e Tobago, ex-colônia espanhola, “descoberta” dois anos antes do Brasil (1498), por Cristóvão Colombo, foi cedida ao Reino Unido em 1892, tornando-se independente em 1962 e tornando-se uma República Parlamentarista em 1976. É das duas, quase simultaneamente, que surgiram os ritmos de que a Coluna trata hoje.

O mento, nome meio desconhecido para os discófilos brasileiros, é um ritmo que somente nos chegou pelos anos 50, tendo como seu formatador Stanley Motta, que buscou promover uma junção do folk da Jamaica com o calypso de Trindade e Tobago. Foi, a partir daí, incorporando elementos do mento, que o calypso se internacionalizou. Embora sobrepujado pelo calypso e pelo reggae, o mento ainda é bastante apre-

ciado internacionalmente, sobretudo pelo trabalho do *The Jolly Boys*, banda jamaicana que surgiu em 1945 e teve sua fase áurea entre os anos 80 e 90. É interessante saber que esses ritmos incorporaram elementos próprios do *rhythm & blues*, do *jump blues* e do próprio *jazz*. Já o ska é basicamente um outro precursor do atual reggae, absorvendo todo o seu instrumental (guitarra, baixo, trompete, trombone, saxofone, piano/órgão e os tradicionais tambores de aço – os steel drums – que foram incorporados pelo Olo dum baiano, que tanto fizeram sucesso em apresentações de Paul Simon). Figuras marcantes do ska foram Millie Small e o próprio Bob Marley, com dois hits, respectivamente, *My Boy Lollipop* e *Small Axe* (1964).

A divulgação do calypso deve muito a Harold George Bellanfanti (Harry Belafonte), músico, cantor, ator, ativista político e pacifista norte-americano, nascido no Harlem-NY (1927), mas com forte ascendência jamaicana. Seus maiores sucessos: *Day-O, Maitida, Jamaica Farewell, Come Back Lize, Jump Down Spin Around, Jump in the Line...* Como ator, participou de quase uma centena de filmes, mas foi *Carmen Jones* (ao lado de Dorothy Dandridge), que marcou sua carreira no écran. É bom não se confundir o calypso tradicional com o “brega calypso” paraense que, embora tenha assimilado alguns poucos elementos originais, derivou para a lambada, carimbó, sirimbó, sirirá e guitarrada. (A pro-

pósito, John Denver, criou uma bela canção “Calypso”, não com referência ao ritmo, mas ao navio de pesquisa usado por Jacques-Yves Cousteau, que o batizou com este nome).

No atual universo do reggae, as honras vão, sem dúvidas, para Robert Nesta Marley – Jamaica, 1945 – Miami, 1981, (Bob Marley – *No Woman No Cry, I Shot the Sheriff, Exodus*); Winston Hubert McIntosh – Jamaica, 1944-1987, (Peter Tosh: *Bush Doctor, Mama Africa, Legalize It, Mystic Man*) e James Chambers – Jamaica, 1944 (Jimmy Cliff: *I Can See Clearly Now, Rebel in Me, Reggae Night*), que ajudaram a popularizar o ritmo. Não há como omitir a temática “reggaeana” que traz forte tendência anti-imperialista, militância pelos direitos humanos, ao lado da apologia à legalização do uso da cannabis sativa, e de sua ideologia rastafariana, e ao comportamento rebelde. Quanto à apologia, algumas

letras de Tosh já dizem até demais: “*I’m say it cure glaucoma / Only cure for asthma / I man a de Bush Doctor*”. Enfim, há até um “*Legalize marijuana*”.

A quem se interessar por uma boa playlist dos estilos rítmicos em pauta, vão alguns grupos

interessantes, além dos já citados: The Skatalites, Alpha Blondie, Black Uhuru, Inner Circle, Steel Pulse, Thrid World, UB-40 e The Wailers, de que fizeram parte Bob Marley e Peter Tosh, além, obviamente, dos vocalistas Andrew Tosh, Zygyg Marley, Eddy Grant, Dennis Brow, Papa Winnie, Yellowman, Albert Griffiths, entre outros. (Ah, sim! Antes que me esqueça: até Abba (*Tropical Loveland*, 1975), John Denver (*World Game*, 1983 e *One World*, 1986) e Paul McCartney (*How Many People*, 1989) gravaram bons e agradáveis reggaes.

No Brasil, registra-se forte adesão ao ritmo, com Gilberto Gil (*No Woman no cry*), Paralamas do Sucesso (álbums “O Passo do Lui”, “Selvagem?”), Skank, Ultraje a Rigor, Titãs, Kid Abelha, Capital Inicial, Legião Urbana (Depois do começo, in “Que país é este?”) Os Raimundos (Me lambe, in “Só no Forévis”), Charlie Brown Jr, Los Hermanos...



COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

**Walter Ulysses** - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterulysses  
chefwalterulysses@hotmail.es

# O empresário cabeça dura

Você sabe o que você está plantando em seu negócio, que possa melhorar?

Qual seu público-alvo?

Como fazer as compras de seu negócio?

Seja qual for seu ramo de atividade bar, restaurante, hotel, motel... você tem que ter noções básicas para tocar seu negócio, ou fazendo alguns cursos hoje virtuais pelo Sebrae, ou em locais específicos para sua área de atuação virtualmente.

Muitos empresários se acham o dono da razão no ramo de bares, restaurantes, hotéis e similares. Essa semana que passou fui a um restaurante no bairro do Cabo Branco chamado Formaggio 43 Ristorante onde oferecia um menu degustação de um evento famoso no Brasil todo, e por se tratar deste menu era para ter excelência em todos os aspectos. O menu deixou muito a desejar em vários fatores e aspectos, o primeiro prato de entrada foi servido uma picanha, com molho acompanhado de batatas. A picanha muito fina e por passar do ponto veio quase impossível de se comer de tão dura que estava. O prato principal demorou 53 minutos de diferença para a entrada, isso é inadmissível em qualquer restaurante, principalmente se tratando de um menu degustação. E quando fui chamar o garçom e mostrar o tempo da demora do prato, ele ainda veio argumentar que era muito normal, como se eu, o cliente, pagando estivesse errado, isso é uma pequena amostra de "restaurante" que se falta treinamento até nas redes sociais, pois ao reclamar também nas redes sociais ao menos não se teve uma desculpa. Hoje, as redes sociais são as maiores ligações com seu cliente, enfim, cada um tem o restaurante que merece. Continuando, muitos não sabem nem fazer um cálculo de como será vendido um copo de suco e muito menos de capacitar seus funcionários como este restaurante que falei agora a pouco.

Muitas vezes é preciso sair do seu eu, e procurar um profissional na área necessária para solucionar aquela situação que são os problemas que muita das vezes eles acham normal, não na posição do cliente e sim da deles.

Aí neste caso entram os consultores, os chefs executivos que vão fazer a análise do local e corrigir os erros e os vícios já existentes no local, pois muitas das vezes o proprietário só quer ver o recebimento no final do mês, não ver as reclamações das redes sociais, quando vê não responde, não vê o que falam mal deles nas empresas de aplicativos de delivery. E essa pessoa que você irá contratar é preparada, que tem olho crítico. Eles fazem observações em coisas que nem os melhores amigos do empresário fariam para ele.

A consultoria mostra ao contratante as observações que ele não consegue enxergar de maneira normal, além de ver os pontos deficientes que existem no estabelecimento. Criar uma identidade para um lugar é muito fácil, difícil é persistir para que isso tenha um resultado favorável e eterno, onde possa passar de geração em geração.

A teoria da consultoria é simples. Pela visão de um profissional que vive no ambiente, tudo é perfeito. E às vezes está. Porém precisa apenas de um toque para que o resultado tenha o alcance necessário para aquilo que é buscado no que você precisa para corrigir seus erros.

O profissional consultor trabalha com duas vertentes: a primeira é o resultado daquilo que ele vê para mudança junto ao contratante e tem um resultado positivo; a outra parte é a aplicação na prática junto ao resultado conseguido às novas mudanças e solicitações, ao encontrar o erro é dever do contratante corrigi-lo o mais rápido possível, para que se tenha uma resposta do que está sendo trabalhado pelo chef consultor.

A maioria das empresas sempre está de olho no salário mais baixo de seus funcionários, isso se chama profissional inexperiente para se colocar em uma responsabilidade onde ele não dará conta, pois não foi treinado e não teve uma experiência para tal função. Este tipo de política tem que ser mudado imediatamente. Sem observar que um profissional tem um valor diferenciado de quem está buscando qualquer emprego. Um profissional de verdade para área específica a demanda de treinamento é quase zero. Já um funcionário que busca um emprego qualquer por necessidade de trabalho, além de precisar de um super treinamento para suprir o resultado, não atinge o objetivo de valorizar o seu trabalho. Ele irá fazer da maneira que achar que seja.

Com meu olhar mais para o campo do negócio funcionar e com o trabalho que já faço de consultoria durante muitos anos, vejo que os bons profissionais hoje em dia, já estão ocupando seus postos de trabalho, e os que estão aí não encontraram ainda uma oportunidade de mostrar seu talento e ser valorizado. Os que ainda buscam qualquer emprego, vejo como uma pedra para aquele empresário que visa em contratá-lo achando que vai resolver o seu problema, pelo contrário, será uma pedra no seu pé todo tempo.

Nunca é tarde para se buscar um profissional para resolver e fazer acontecer seu negócio. Quem não serve para somar, nunca servirá para ajudar em sua empresa. Cada um em seu quadrado esse é o lema, se você permanecer no erro sua fama um dia irá à decadência por falta de respeito com seu cliente, e o principal que é a humildade profissional em assumir o erro é tentar corrigir. Fica a dica pois neste momento que estamos vivendo o momento não está para amadores recém-nascidos.

## PRATO DO DIA Cozido paraibano



### Ingredientes

- 1 kg de acém sem osso
- 1 kg de costela bovina
- 1 kg de calabresa
- 2 batatas inglesas grandes
- 1 batata-doce grande
- 2 cenouras
- 1 repolho tamanho médio
- 400g de jerimum
- 2 espigas de milho
- 1 inhame pequeno
- 1 macaxeira média
- 1 banana da terra grande
- 1 cabeça de alho picado
- 1 cebola grande picada
- 2 colheres de sopa de coentro picado
- 4 ovos cozidos
- 8 folhas de couve
- Sal e pimenta-do-reino a gosto
- Cominho a gosto

### Modo de preparo:

- Lave todos os ingredientes corte e tire as cascas. Refogue a cebola, o alho com duas colheres de azeite, em seguida acrescentando a carne e os temperos.
- Em seguida, na panela de pressão, siga acrescentando os outros ingredientes por ordem de mais demorado de cozinhar até o último que serão as folhas de couve.
- Acrescentar 300 ml de cachaça e 1 e 1/2 de água. Tampe a panela e deixe-a cozinhar.
- Depois de começar a apitar deixe cozinhar por 30 minutos. No final preparar o pirão com farinha de mandioca e sirva com arroz branco, e os ovos que foram cozinhados separadamente. Bom apetite! Lave todos os ingredientes corte e tire as cascas.
- Refogue a cebola, o alho com duas colheres de azeite, em seguida acrescentando a carne e os temperos. Em seguida, na panela de pressão, siga acrescentando os outros ingredientes por ordem de mais demorado de cozinhar até o último que serão as folhas de couve. Acrescentar 300 ml de cachaça e 1 e 1/2 de água.
- Tampe a panela e deixe-a cozinhar. Depois de começar a apitar deixe cozinhar por 30 minutos. No final preparar o pirão com farinha de mandioca e sirva com arroz branco, e os ovos que foram cozinhados separadamente. Bom apetite!

## PITADAS A GOSTO

A cachaça Matuta reuniu no último dia 21 de junho influencers, jornalistas, chefs de cozinha e convidados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco em uma live especial para apresentar o seu lançamento, a cachaça Abelha Rainha, uma mistura com mel e limão, perfeita para tomar pura gelada ou para o preparo de inúmeros drinks. O encontro aconteceu no Dia Nacional do Mel, uma forma de celebrar a data e trazer uma ação de experimentação da nova cachaça da marca.

Para o encontro, os convidados receberam em suas casas um kit especial da Matuta com a nova cachaça Abelha Rainha e muitos acompanhamentos para preparo de drinks. Durante a live, a Matuta trouxe o bartender Javier Ortiz, que ensinou várias receitas especiais de preparação de drinks com a bebida da marca. "Vivenciamos uma experiência diferenciada e única no nosso encontro virtual. Que o nosso próximo encontro seja no Engenho da Matuta, em Areia", comemorou Regina Lima, responsável pelo marketing da Matuta.

A nova cachaça Abelha Rainha da Matuta tem uma graduação mais leve (23 graus), suave e refrescante. Tanto pode ser consumida gelada no nosso verão, como no preparo de drinks. Um equilíbrio perfeito da acidez do limão e o doce do mel.

@chacamatuta @pautacomunicacao



Drink do colunista da Cachaça Matuta